

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

MÁRCIO RODRIGUES DOS SANTOS

**A PRÁTICA DA CAPOEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR**

**SANTOS
2018**

MÁRCIO RODRIGUES DOS SANTOS

**A PRÁTICA DA CAPOEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Metropolitana de Santos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Orientador Prof. Dr. Alberto Luiz Schneider

**SANTOS
2018**

Santos, Márcio Rodrigues dos Santos

A prática da capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental:

Uma proposta interdisciplinar / Márcio Rodrigues dos Santos –

Santos, 2017.

164 fls.

Dissertação Mestrado Profissional de Práticas Pedagógicas no Ensino Fundamental – Universidade Metropolitana de Santos.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Ensino fundamental. Capoeira.

A Dissertação de Mestrado intitulada A PRÁTICA DA CAPOEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR, elaborada por Márcio Rodrigues dos Santos, foi apresentada e aprovada em ____/____/2017, perante banca examinadora composta por:

Prof. Dr. Fábio Giordano

Profa. Dra. Abigail Malavasi

Prof. Dr. Alberto Luiz Schneider
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Luana Going
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Práticas Docentes do Ensino Fundamental

Área de Concentração: Práticas Docentes no Ensino Fundamental
Linha de Pesquisa: Docência e Práticas Interdisciplinares no Ensino Fundamental

*Este trabalho é dedicado aos meus pais, Dona Dalva e “Seu”
Dito (in memoriam), que não mediram esforços para a minha
educação;*

*À minha esposa, companheira Vanessa, que amo muito;
e às minhas “pedras preciosas”, Bruno, Manu e Marcos, papai
ama vocês demais!*

AGRADECIMENTOS

“Ao meu mestre, muito obrigado;

Pela capoeira eu poder jogar!

Pelo aú, pelo s dobrado;

Pela capoeira eu poder jogar!”

Devo agradecer a Deus, por me iluminar e colocar em mim a missão de educar, fazer acreditar em um mundo melhor, para todos. Compreender os ensinamentos e praticá-los por meio da minha profissão.

Agradecer aos pais maravilhosos que eu tive, e que com certeza estarão sempre ao meu lado, como “anjos da guarda”, me protegendo e fazendo-me entender a importância da família na sociedade.

Ao amor da minha vida, Vanessa, minha esposa, companheira, luz, que sempre me incentivou e ficou sobrecarregada principalmente na finalização deste projeto.

Às três “pedras raras”, o jovem Bruno, que sempre se mostrou um filho compreensivo, amigo, parceiro e muito forte, devido a algumas circunstâncias que o fizeram amadurecer antes do tempo e hoje é um ser humano incrível, atleta e cidadão. À princesa Manuela, que com sua meiguice encanta a todos e deixa o pai orgulhoso pela sua educação e compaixão. E à “estrela cadente”, Marcos, que veio há seis anos abalar as estruturas da família com sua perspicácia, sua velocidade e amor.

Meu muito obrigado aos mestres que passaram em minha vida, desde a Pré-Escola com “Tia Zezé, Tia Rute, Dona Marlene (in memoriam), Prof. Luiz, técnico e professor de futsal, até os Mestres que viraram amigos, colegas de trabalho, entre eles Marcelo Távora Ámado, que foi meu professor de Educação Física e deu-me a primeira oportunidade profissional, criando comigo em novembro de 1995, o “Projeto Capoeira Escola”, o Mestre Fábio Fernandes de Moura, meu primeiro mestre de capoeira, Mestre Gladson de Oliveira Silva, referência em meu trabalho e no mundo da capoeira educacional, Roberto Teles de Oliveira, o “Mestre Sombra”, e Luís Santos Barbosa, o “Mestre Bandeira”, por serem os principais precursores da capoeira em nossa região, e seus discípulos, Valtinho, Lima, Cícero, Sombrinha, Silvinha, Marcos, China, Gogó de Ouro, Cunha, Eduardo Stort, Ribas, entre outros

Aos mestres do Brasil nos quais me inspirei, Mestre Brasília, Valdenor, Zé de Andrade, “Almir” (Anande das Areiais), Omri Ferradura, Brisa, Curumim, Vinícius Heine e Jean Pangolin, e aos professores da universidade, entre eles, Dilmar, Laudier, Antônio Assenção (in memoriam), Dirceu Leal, Cida, Neuza Feitoza, Marcelo Airãs, Bezerra, Negreli, Nelson Kitahara, Peter, Neto, Luiz Alberto, Estevan, Ronald, Célio Nori, Fabio Brotto, Gisela Sartori, Lara Matos, Marquinho Fisio, Ney Maurício, o grande Pérsio Luiz de Almeida, meu mentor na inclusão das pessoas com deficiências, com a participação especial de Luciano Marques.

Aos integrantes e discípulos do Projeto Capoeira Escola, Allan, Cirlene, Bruno, Vanessa, Fabrício, Dieguinho, Gilmar, Braulino, Marcos, Ananda, Diego, Messias, Edson e às respectivas instituições que acreditam em nosso trabalho, em especial, o Grupo Amigo do Lar Pobre de onde vieram diversos alunos, às universidades em que atuo, em especial à UNIMES, no nome da Magnífica Reitora Dra. Renata Viegas, um exemplo de educadora preocupada com a formação da sociedade da Região Metropolitana da Baixada Santista, seguindo os passos da “eterna” Profa. Rosinha Viegas (in memoriam), e em nome dos coordenadores Prof. Marcelo Casati, Prof. Nicolau Teixeira, Profa. Andrea, e

principalmente ao Colégio Anglo Santos, na pessoa da diretora e amiga-irmã, Prof.^a Karla Lacerda, que compreendeu inserir a capoeira como componente curricular no ensino fundamental, o que foi imprescindível em nossa pesquisa, e meu muito obrigado aos familiares, em nome da família dos queridos Bernardo e Valentina Zamari Diogo e colegas do Anglo, que participaram desta pesquisa, e aos amigos Prof. Roberto Melchior e Prof. Bráz pela parceria.

Aos professores do Programa de Mestrado Profissional da Prática do Ensino Fundamental da UNIMES, por toda sabedoria transmitida, Profa. Luana Going pela coordenação, aos funcionários em nome da fantástica Magda, e, em especial, à Profa. Abigail Malavasi, integrante da banca, ao convidado mais que especial, e ao orientador que tem a humildade e simplicidade como umas de suas virtudes e que me ensinou a compreender o processo interdisciplinar com sua magnitude acadêmica e didática exemplar, Prof. Dr. Alberto Schneider.

Não podia deixar de agradecer ao Mestre, que me educou, formou, foi como um pai e me deu inúmeras oportunidades para que hoje eu estivesse aqui, meu mestre, Fábio Parada... “Lê Viva Parada”!

*“Quando vivia no cativoiro, nada sabia;
Me perdi na cidade grande, sem ter pra onde ir;
Um dia, que belo dia, eu encontrei um amigo;
Amigo que hoje é meu mestre, amigo, irmão.”*

Mestre Brasília

*“Esta arte me encanta
Todos podem aprender
Salve o meu mestre
Que me ensinou o A B C;
Deus lhe Salve, Deus lhe ajude
Eu jamais vou lhe esquecer” (D.P.)*

SANTOS, Márcio Rodrigues Dos. **A prática da capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental: Uma proposta interdisciplinar.** 2017. 1 p. Projeto de Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2017.

RESUMO

Esta dissertação tem como finalidade demonstrar um programa realizado na Escola de Ensino Fundamental Anglo Santos, utilizando a prática da capoeira como ferramenta interdisciplinar nos anos iniciais do ensino fundamental. Foi aplicada uma metodologia de caráter qualitativo, dialogando com professores e familiares com suas respectivas percepções sobre a contribuição ou não do programa. Com uma fundamentação teórico-bibliográfica, contribui na defesa da oportunização destes elementos em conjunto aos conteúdos de diversos componentes curriculares vivenciados por este pesquisador como agente educador, compondo um planejamento que possui estratégias para a aproximação de áreas distintas. Com a interpretação e análise dos dados, apresento uma proposta para a facilitação da implantação da Lei 10639/03, ensinando a cultura afro-brasileira, seus legados de uma forma estimulante para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Ensino fundamental. Currículo do ensino fundamental, Capoeira.

ABSTRACT

This dissertation aims to demonstrate a program carried out at the Anglo Santos Elementary School, using the practice of capoeira as an interdisciplinary tool in the initial years of elementary education. A qualitative methodology was applied, dialoguing with teachers and families with their respective perceptions about the contribution or not of the program. With a theoretical-bibliographic foundation, contributing in the defense of the opportunism of these elements together with the contents of several curricular components experienced by this researcher as an educator agent, composing a planning that has strategies for the approximation of different areas. With the interpretation and analysis of the data, I present a proposal for the facilitation of the implementation of Law 10639/03, teaching Afro-Brazilian culture, its legacies in a stimulating way for students from the first years of elementary school.

Keywords: Primary education; interdisciplinarity; curriculum primary education, capoeira

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: “1.ª Entrega de Graduação Capoeira Escola”na Escola Jean Piaget, em Santos. Disponível em <http://www.capoeiraparatodos.org.br>; acesso em: 23/05/2017.

Figura 2: “Símbolo do Projeto Capoeira Escola” (LOGO OFICIAL). Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br>; acesso em: 12/03/2017.

Figura 3: “Deputada Telma e Mestre Márcio”na UNIMES, em Santos. Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br>; acesso em: 12/03/2017.

Figura 4: “Professor Pérsio e Mestre Márcio” no GALP, em Santos. Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br>; acesso em: 19/05/2017.

Figura 5: “Graduação do Projeto Capoeira Escola-20 Anos” no Ginásio Arena Santos, em Santos. Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 29/03/2017.

Figura 6: “Mestre Márcio e seu aluno Gustavo Souza, no NAPNE, em Santos. Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 29/03/2017.

Figura 7: “Prêmio Comunidade em Ação 2011”. Jornal A Tribuna, 01/08/2011.

Figura 8: “Capoeira Escola-Graduação”, na UNIMES, em Santos. Jornal A Tribuna, 03/12/2010.

Figura 9: “Diretora Karla Lacerda e Mestre Márcio”, no Colégio Anglo, em Santos. Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 04/08/2017.

Figura 10: RUGENDAS, Johan Mohitis.“Jogar Capoeira” ou “Danse de la guerre” 1835.

Figura 11: VERGER, Pierre. “Capoeira na Praça”, Salvador-1946-1948. Foto do Acervo da Associação Pierre Verger. Disponível em: <http://www.pierreverger.org> acesso em 15/08/2017.

Figura 12: VERGER, Pierre. “Capoeiras jogando”. Salvador-1946-1948. Foto do Acervo da Associação Pierre Verger. Disponível em: <http://www.pierreverger.org> acesso em 15/08/2017.

Figura 13: VERGER, Pierre. “Mestre Pastinha”. Foto do Acervo da Associação Pierre Verger. Salvador-1946-1948. Disponível em: <http://www.pierreverger.org> acesso em 15/08/2017.

Figura 14: “Bimba da Capoeira, o Grande Mestre. Foto do acervo do Google Imagens. Disponível em: <http://www.google/images/z9qu7w> acesso em 16/08/2017.

Figura 15: VERGER, Pierre. “Mestre Pastinha e discípulos”. Foto do Acervo da Associação Pierre Verger. Disponível em: <http://www.pierreverger.org> acesso em 15/08/2017.

Figura 16: PFIFER, Marcos. “Capoeira Imaterial”. Foto do Acervo da Associação Capoeira Escola e Publicada no guia dos Patrimônios Imateriais Brasileiros da UNESCO. 2015.

Figura 17: “Mestre Sombra e Mestre Bandeira” Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br>; acessado em: 12/03/2017.

Figura 18: “Formatura de Mestre Parada”. Foto do Acervo da Associação de Capoeira Movimentos. Santos, São Paulo. Fábio Parada.

Figura 19: “Mestre Márcio e Mestre Parada no GALP”, em Santos. Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br>; acesso em: 19/05/2017.

Figura 20: “Mestre Márcio e Bernardo Zamari” Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 04/08/2017.

Figura 21: “Apresentação de Arte e Cultura 2016”

Disponível em: <http://www.angloedu.com.br> acesso em: 12/03/2017.

Figura 22 “Aula de Arte e Cultura 2017”

Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 12/03/2017.

Figura 23: “Apresentação UNIMES 2016”

Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 12/08/2017.

Figuras 24 a 41: “Gráficos resultados da pesquisa “.

Figura 42: “Aula de Cooperatividade na Arte e Cultura”

Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 12/08/2017.

Figura 43: “Mestre Márcio e Família”

Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 03/09/2017.

Figura 44: “Arvore Genealógica da Capoeira Escola”

Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 03/09/2017.

Figura 45: “Apostila de Capoeira/Arte e Cultura do 3.º Ano - Mulheres Guerreiras” – Material Didático do Colégio Anglo Santos 2017/2018.

Figura 46: “Apostila de Capoeira/Arte e Cultura do 4.º Ano – Instrumentos Musicais da Capoeira” – Material Didático do Colégio Anglo Santos 2017/2018.

Figura 47: “Apostila de Capoeira/Arte e Cultura do 5.º Ano – Mestres da Capoeira” – Material Didático do Colégio Anglo Santos 2017/2018.

Figura 48: “Capoeira Escola em Alagoas”

Disponível em: <http://www.capoeiraparatodos.org.br> acesso em: 03/09/2017.

Figura 49: “Festival Capoeira de Santos 2016”. Entrevista Mestre Márcio -
Jornal A Tribuna 1.^a edição. 27/08/2016.

Figura 50: “Congresso Brasileiro de Capoeira Educação CEPEUSP 2017 –
Oficina Mestre Márcio “A interdisciplinaridade no ambiente escolar por meio da
Capoeira”. Folheto de Divulgação da USP.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.B.C- Abecedário

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

ASCAB - Associação de Capoeira da Areia Branca

CICA - Confederação Internacional de Capoeira

D.P. - Domínio Público

FEFIS - Faculdade de Educação Física de Santos

GALP - Grupo Amigo do Lar Pobre

IBGE - Instituto Brasileiro Geográfico e Estatísticas

KTK - Körperkoordination Test für Kinder (Teste Motor).

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NAPNE - Núcleo de Atendimento ao Portador de Necessidades Especiais

ONG - Organização Não Governamental

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI - Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

SP - São Paulo

TGMD2 - Teste de Desenvolvimento Motor Grosso.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNIMES - Universidade Metropolitana de Santos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 “MISSÃO: EDUCAR POR MEIO DA CAPOEIRA, DESCOLONIZAR O CURRÍCULO RESPEITAR GÊNERO E ÍNCLUIR	26
CAPÍTULO 2 “A PLURALIDADE CULTURAL DA CAPOEIRA”	38
2.1. A História do Brasil – A Origem da capoeira	40
2.2. A capoeira como luta de resistência	43
2.3. A capoeira, a evolução cultural e esportiva	51
2.4. A capoeira e seu desenvolvimento em Santos	55
2.5. O Projeto Capoeira Escola e sua responsabilidade com a ancestralidade	61
CAPÍTULO 3 – "A INTERDISCIPLINARIDADE POR MEIO DA CAPOEIRA"	68
3.1 Interdisciplinaridade	68
3.2 O Educador como mediador interdisciplinar	72
3.3 A Capoeira interdisciplinar	78
3.3.1. Atividades Interdisciplinares	79
3.4 Atividades musicais de caráter interdisciplinar	88
3.4.1 Canções de contextualizações históricas	88
3.4.2 Músicas de jogo, corridos e quadras	91
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS DA PESQUISA	99
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DE DADOS	118
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
7. PRODUTO ELABORADO POR MEIO DO TRABALHO	126

8. REFERÊNCIAS	147
APÊNDICES	163
APÊNDICE A	164
APÊNDICE B	166
APÊNDICE C	168
APÊNDICE D	171
ANEXOS	175
ANEXO A	176
ANEXO B	180
ANEXO C	183

INTRODUÇÃO

A capoeira vem sofrendo processos de pluralidade cultural ao longo do tempo, conforme, AREIAS (1984), esta mescla de luta, dança, esporte e processo educacional oferece diversas oportunidades à sociedade, porém muitas escolas inserem esta prática como apresentações, oficinas ou curso extracurricular, mas poucas compreendem seu valor educacional ou têm a ousadia de inseri-la como componente curricular, seja em Artes ou em Educação Física. Muitas vezes não há conteúdos de capoeira por falta de qualificação técnico-pedagógica do educador específico, que não compreende que a capoeira pode ter caráter educacional, diferindo-se das práticas realizadas nas academias que visam trabalhar a capoeira como arte marcial ou modalidade esportiva. Em muitas ocasiões, a capoeira não é incluída por um preconceito de oferecer uma atividade ligada à cultura afro-brasileira. Essa perspectiva redutora, vai na contramão de livros didáticos que não valorizam a contribuição do povo africano no desenvolvimento humano, como cita Machado (1999). Para ela, todos estes saberes e estilos de representação, produzidos no mundo colonial, conformam um colossal *corpus* de conhecimento, que foram sempre articulados e explicados pelo centro ou pelas metrópoles como um subproduto da influência da modernidade ocidental.

A capoeira vem, ao longo do tempo, alcançando vários espaços na sociedade, inclusive no ambiente escolar, atendendo diversos grupos heterogêneos em sua diversidade cultural e otimizando estratégias que podem quebrar paradigmas tradicionais dos estabelecimentos de ensino, que muitas vezes não sabem valorizar o saber popular e a cultura nacional como ferramenta educativa.

O questionamento pelas metodologias e estratégias utilizadas no ambiente escolar são cada vez mais freqüentes. Segundo Gardner (1994), o ser humano possui onze inteligências múltiplas psicomotoras; dessa forma, o educador pode compreender seu aluno de uma maneira mais ampla, e a interdisciplinaridade é um mecanismo que pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem.

Para Goldman (1979, p.3-25), um olhar interdisciplinar sobre a realidade permite que entendamos melhor a relação entre seu todo e as partes que o constituem. Para ele, apenas o modo dialético de pensar, fundado na historicidade, poderia favorecer maior integração entre as ciências. Nesse sentido, o materialismo histórico e dialético resolveu em parte o problema da fragmentação do conhecimento quando colocou a historicidade e as leis do movimento dialético da realidade como fundamentos para todas as ciências.

O ensino afro-brasileiro tem a obrigatoriedade de seu desenvolvimento, conforme a Lei 10639/2003, atualizada na Lei 11645/2008, que, em seu conteúdo, explica sobre a difusão da cultura afro-brasileira, no âmbito cultural, educacional e contextual. Porém poucas instituições de ensino realmente aplicam com eficiência este conteúdo. Alguns professores responsáveis pelo componente curricular de Ciências Sociais, ao abordar a “História do Brasil”, citam, ou no máximo realizam, alguns projetos pontuais para evidenciar a Cultura Afro-Brasileira, como em datas históricas, a exemplo do dia treze de maio, referente à Abolição dos Escravos, ou no dia vinte de novembro, no dia da “Consciência Negra” (falecimento de Zumbi de Palmares). Segundo dados do IBGE 2012, a maior população em território nacional é de raça negra, e é notória a importância desta cultura para o desenvolvimento nacional, em diversas vertentes. Atualmente, a capoeira é o maior representante da Cultura Brasileira, a Confederação Internacional de Capoeira, a CICA divulgou em seu relatório(2011), que a capoeira já é praticada em aproximadamente cento e vinte países, o que configura esta grande representatividade internacional.

A interdisciplinaridade, como um enfoque teórico-metodológico ou gnosiológico, como a denomina Gadotti (2004), surge na segunda metade do século passado, em resposta a uma necessidade verificada principalmente nos campos das ciências humanas e da educação: superar a fragmentação e o caráter de especialização do conhecimento, causados por uma epistemologia de tendência positivista em cujas raízes estão o empirismo, o naturalismo e o mecanicismo científico do início da modernidade.

Segundo Japiassu (1976, p.43): “A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. Para que, de fato, haja interdisciplinaridade, é necessária a colaboração mútua de educadores que estejam com esta intenção de melhorar a construção do saber e compreendam a importância do cooperativo.

Sacristán e Gomes (1998) comenta que os saberes reproduzem uma época e são portadores de projetos políticos e éticos, os conteúdos precisam sempre ter a valorização cultural e histórica, e a capoeira participa de vários momentos histórico-sociais do Brasil, e reforça a ideia de uma interdisciplinaridade natural. Desta maneira, com sua contextualização pode ofertar, no Ensino Fundamental, aspectos inseridos em Ciências Sociais, em Artes com sua musicalidade, nas cantigas e nomenclatura de golpes, no desenvolvimento da Língua Portuguesa e no âmbito Lógico-Matemático, com a compreensão da composição de versos e estrofes, e ainda na velocidade de reação nos movimentos e sequência de jogo. O professor que é capaz de desencadear estes conceitos por meio dessa dinâmica consegue valorizar cada habilidade e gosto por áreas distintas do conhecimento, favorecendo a inclusão e aumentando a rede do saber.

Entendo que a prática desta atividade pode favorecer novas possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem, valorizar o resgate a cultura nacional e proporcionar novas ferramentas para os educadores dos anos iniciais do ensino fundamental. A capoeira deveria ser uma ferramenta mais frequente no ambiente escolar, principalmente por questionar a forma com que muitas escolas mantêm como estratégias de aprendizado, de forma antiga e pouco diversificada. Sou praticante de capoeira há mais de vinte e cinco anos e percebo a qualidade de desenvolvimento em questões como a velocidade de reação. Florato (2006) relembra Newton quando este denomina em sua quarta lei: “Toda ação tem uma reação”, e ela pode ser treinável, segundo Vergochanski (1996), os neurônios receptores, espalhados por todo corpo, levam a informação via aferente até o sistema nervoso central, que, por

sua vez, envia uma resposta motora pela via eferente, e os estímulos que devem partir do docente devem ser múltiplos, respeitando as formas auditivas, visuais e cinestésicas de aprendizado humano, tendo a capoeira essa diversificação de saberes e podendo, assim, por meio deste trabalho, enxergar uma nova maneira de ensinar por ser uma ferramenta interessante ao educador, resgatando não somente a cultura nacional, mas também valores humanos pela sua natureza de pluralidade cultural.

A capoeira nasceu da necessidade de o negro escravizado, ao longo da história de opressão, desde o Período do Brasil - Colonial, buscar um lugar social e cultural onde pudesse exercer sua identidade e fazer valer suas demandas e necessidades. A capoeira está presente em fatos e acontecimentos históricos, que fermentam a história do Brasil, desde a criação dos quilombos, nas fugas, que tinham na figura do capitão do mato um algoz que tentava capturá-los e recebiam golpes na “káá-poeirah”, que, na linguagem tupi-guarani, significa *mata-rasteira*, e segundo REGO (1990) retornavam à fazenda dizendo: “É muito difícil capturar o negro da capoeira” (káá-poeirah, que se escondiam na capoeira).

Os negros capoeiristas participaram inclusive de guerras, como a do Paraguai, onde a linha de frente de batalha tinha capoeiristas no Paraná, na fronteira do Brasil com o Paraguai, e criaram cânticos como o “Paranauê”, para aliviar a tensão e ter estímulo para a guerra (REIS, 1997).

ARAÚJO (2012) entende que a capoeira, em uma determinada fase, após a Proclamação da República, era conceituada também como uma expressão de dança, uma representação simbólica das práticas ancestrais das danças, assim como tantos outros tipos. O revivalismo africano e suas implicações para a prática da capoeira de dança que lhes eram inerentes adaptou-se às características de musicalidade e ritmicidade manifestadas em praças públicas.

A evolução da capoeira, sua transformação de luta para cultura popular, esporte e hoje processo educativo, todos estes aspectos serão enfatizados em nossa pesquisa, valorizando a capoeira como instrumento psicomotor de cidadania, como cita DE OLIVEIRA SILVA & HEINE (2008), ao abordar a importância desta ferramenta no ambiente escolar.

Nesta pesquisa, enfatizo as possibilidades de contribuição da capoeira em relação ao aprendizado histórico, geográfico, de língua portuguesa, educação física, entre outros, questionando a possibilidade desta prática no ambiente escolar. Principalmente por vivenciar esta prática desde 1992 e conhecedor dos benefícios que esta atividade pode proporcionar.

Sempre busquei uma formação acadêmica, para reunir com o saber popular que a cultura da capoeira oferece com o academicismo, levando esta arte com possibilidades concretas de formação global do indivíduo. Foi com este intuito a criação do Projeto Capoeira Escola em 1995, na cidade de Santos-SP.

Portanto, este trabalho tem a finalidade de discutir os alcances da capoeira em práticas interdisciplinares, assim como valorizar a cultura nacional brasileira como prática educativa nos anos iniciais do ensino fundamental, utilizando análise bibliográfica, como referencial teórico. A metodologia empregada nesta pesquisa foi de ação colaborativa e interdisciplinar.

O que se propõe é uma nova estratégia de ensino-aprendizagem, por meio da prática da capoeira, inserida no componente curricular de Artes, como conteúdo de Arte e Cultura Afro-Brasileira nas classes de 2.ºs á 5.ºs anos do Ensino fundamental, matutino e vespertino do Colégio Anglo Santos, situado na rua Alberto Baccarath, n.º 54, Boqueirão-Santos.

A Lei 10639/2012, que institui a obrigatoriedade do Ensino Afro-Brasileiro nas escolas do território nacional, tem como base de intervenção o ambiente escolar, onde foram avaliados o desenvolvimento dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, dos segundos, terceiros, quartos e quintos anos do Colégio Anglo Santos, com análise de questionários respondidos pelos professores de sala de aula, especialistas, coordenação e direção, além dos pais e/ou responsáveis durante as aulas aplicadas no ano de 2016 e 2017.

Realizei a tabulação e análise de dados, reflexão e proposição de práticas curriculares entre a capoeira e outros componentes curriculares. Sendo o produto final a publicação de um livro e um material didático do tema em questão.

No capítulo 1, a ênfase é a missão de educar por meio da capoeira, descolonizando o currículo, respeitando gênero e incluindo todos nesse processo.

No capítulo 2, abordei a história e os processos de pluralidade cultural da capoeira, enfatizando a sua potencialidade de recursos em Ciências Sociais e Artes.

Já no capítulo 3, organizei um apanhado de autores que debatem a interdisciplinaridade e diálogo com a metodologia que criamos em cima da capoeira.

No capítulo 4, foi o momento de reunir os resultados em gráficos.

Finalizando no capítulo 5, analisei os dados, em diálogo com alguns autores que contribuem para esta pesquisa.

Foi realizada uma pesquisa que incita novas tendências no ambiente escolar do ensino fundamental, que fortalece a ideia de descolonização do currículo, inclusão, gênero, resgatando a cultura nacional e contribuindo para a formação corporal e do caráter dos educandos.

Diante de um público que clama por intervenções cada vez mais práticas para atender mais expectativas do processo de ensino-aprendizagem e em ferramentas mais cinestésicas, tendo diversos recursos de contextualização histórica, musicalidade e amplitude motora, quais são os efeitos da prática da capoeira num trabalho interdisciplinar nos anos iniciais do ensino fundamental?

CAPÍTULO 1 “MISSÃO: EDUCAR POR MEIO DA CAPOEIRA, DESCOLONIZAR O CURRÍCULO, RESPEITAR GÊNERO E INCLUIR”

“Capoeira é pra homem, menino e mulher”.

Mestre Bimba

Quando me dei por gente, já era um "educador", como cita FREIRE (1987), o comprometimento e responsabilidade faziam parte de meu alicerce para liderar jovens e crianças no resgate de valores humanos.

Já compreendia a luta pela desigualdade social, permeada por DA SILVEIRA VIEIRA (2012), luta contra o racismo, buscando a inclusão das pessoas em estado de vulnerabilidade social, pessoas com deficiências e todos aqueles que sempre estavam à margem da sociedade.

Sabemos que em dados estatísticos da Controladoria da Segurança Nacional (2014), há um índice de assassinatos de jovens negros, que chegam aproximadamente a 60% das vítimas no país, e o que reforça ainda mais este abismo social é que 80% dos jovens negros entre treze a dezoito anos se encontram em estado de vulnerabilidade social. A capoeira vem como um fator desencadeador da busca de uma maior igualdade social e valor em resgate social nacional, já que são disseminados valores de liberdade, igualdade, fraternidade, com elementos estimulantes como a musicalidade, os movimentos e o “jogo da capoeira”, como ressalta Oliveira & Heine (2008).

Estive na Serra da Barriga, onde existiu o Quilombo mais duradouro e mais populoso da história e lá compreendi ainda mais o significado da palavra cooperação. Como um por todos e todos por um. Ratifiquei a minha opinião, ainda mais, sobre o indivíduo, Apesar de as fases de maturação o levar para um momento egocêntrico na infância, os nossos ancestrais sempre nos mostraram o sentido de ubuntu, como cita NOGUERA (2012).

De acordo com CARVALHO (1997), como a organização indígena nas tabas, os negros africanos de diversas nações aprenderam a conviver em busca de dois ideais principais, a liberdade e a igualdade, como pode ser comprovado na organização dos quilombos.

Sendo assim, compreendia que a missão seria árdua, e ia depender de uma difícil estratégia de fortalecer o que hoje são chamados de temas transversais, segundo YUS (2016), nos quais ele defende a importância destas temáticas numa escola afastada demasiadamente dos problemas sociais, proporcionando debates de uma organização mais adequada do currículo, enaltecendo ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho e consumo e pluralidade cultural. Enxergava que a capoeira poderia ser uma ferramenta que contribuísse neste processo, como realmente ao longo destes mais de vinte anos de docência foi.



Figura 1: Foto do Mestre Márcio jogando com o aluno Diego A. - 1.ª Graduação do Projeto Capoeira Escola- Colégio Jean Piaget, Bairro da Aparecida, Santos 1996.

Eu, Márcio Rodrigues dos Santos, sou filho de Dalva Rodrigues dos Santos e Benedito Hipólito dos Santos, nasci em Santos, em 15/11/1978, era atleta de futsal pelo SESC, PERDIGÃO, ESCOLA JEAN PIAGET quando dei meus primeiros passos da capoeira no Projeto Capoeira nas Escolas, por meio da Secretaria Municipal de Educação de Santos nas Unidades Municipais de Ensino, da então prefeita Telma de Souza, em 1991, depois continuei a prática da capoeira com o C. Mestre Fabião, no SESC, Casa da Mulher Negra, Studio Renata Azevedo e TESCO. Já em 1995, iniciei o Projeto Capoeira Escola, em conjunto com o Prof. Marcelo Távora, e sempre tivemos como objetivo específico melhorar a vivência motora e a diminuição da obesidade infantil, já que nesta época a comodidade tecnológica tomava conta dos lares de grandes metrópoles, e a dificuldade de mobilidade urbana, com acréscimo de automóveis nas ruas, além do aumento da violência em centros urbanos, como cita COSTA (1999), acarretavam na diminuição da presença de crianças e adolescentes nas ruas para brincarem. Também tínhamos como uma meta, mais geral, contribuir para a formação corporal e do caráter das crianças por meio da capoeira, tendo uma metodologia adequada que contasse com recursos lúdicos. Por razões profissionais, Marcelo foi para Santa Catarina, e eu assumi o projeto supervisionado pelo Mestre Fábio Parada que, em junho de 1998, me graduou estagiário e me formou no ano seguinte, na capoeira com a presença de Mestre Sombra. Terminei a graduação em Educação Física na FEFIS - UNIMES, fiz seus Cursos de Pós-Graduação, em 2001, em Treinamento Desportivo e Treinamento Individualizado.



Figura 2: Logotipo criado para o Projeto Capoeira Escola



Figura 3: Foto da ex-Prefeita de Santos e então Deputada Estadual Telma de Souza, prestando uma homenagem ao Mestre Márcio em 2009 na UNIMES.

Em cada ano que o Projeto Capoeira Escola era desenvolvido, eu buscava novos desafios, novos segmentos da sociedade para demonstrar os benefícios que esta prática oferecia.

Ao encorajarmos os professores a explorarem formas de desenvolver a sua prática, de modo a facilitar a aprendizagem de todos os alunos, estamos, porventura, a convidá-los a experimentarem métodos que, no contexto da sua experiência anterior, lhes são estranhos. Conseqüentemente, é necessário empregar estratégias que lhes reforcem a autoconfiança e que os ajudem nas decisões arriscadas que tomaram. A nossa experiência diz-nos que uma estratégia eficaz consiste em implicar a participação dos professores em experiências que demonstrem e estimulem novas possibilidades de ação. (AINSCOW, 1997, p.)

Sempre buscando um maior aperfeiçoamento, um estágio em uma área, me identifiquei com a área da Educação Física Adaptada e Inclusão com estágios supervisionados pelo Professor Pérsio Luiz de Almeida, com a colaboração do amigo Luciano Marques. Compreendendo os processos de

exclusão, segregação, integração e inclusão que as pessoas com deficiências passaram.

É um movimento simultâneo, duplo, de reciprocidade, de aliados, de parcerias e não mais de favor, de caridade, mas uma questão de direitos, uma questão até de justiça social, para que todos possam fazer parte da sociedade modificada. Esses princípios se aplicam a todas as áreas de atividade humana. Escola é uma das que mais chamam a atenção. Daí esse debate bastante generalizado no Brasil e no mundo inteiro sobre educação inclusiva. (SASSAKI, 1999, p.)



Figura 4: Foto do Professor Pésio Luiz de Almeida com o Mestre Márcio, em palestra no GALP, em Santos - 1999.

Desde então, o Projeto Capoeira Escola vem crescendo, já chegando a atingir mais de 20 localidades entre: Academias, Entidades Carentes e Universidades, além de apresentações e cursos e palestras ministradas pelo Brasil, com o intuito de a capoeira auxiliar todo o segmento da sociedade, independente da individualidade social ou biológica. Os desafios eram constantes e faziam parte da busca de uma maior valorização desta atividade, reunindo o saber popular e o saber acadêmico, citado por LUDKE (2001), o empenho era recompensado pela satisfação dos alunos, a qual era visível na boa participação deles.

Não há dúvidas de que, como grupo profissional, os professores compartilham de um mundo comum vivido, onde reside um reservatório cultural, que torna possível a integração de cada indivíduo, geradora de identidade grupal” (LUDKE, 2001, p77).



Figura 5: Fotografia da 20.º Graduação do Projeto Capoeira Escola em comemoração aos 20 anos-Arena Santos-2015.

O Projeto, então, após seu primeiro ano letivo, na Escola Jean Piaget, em Santos, reunia mais de sessenta alunos, e as perspectivas eram grandes. Neste momento surge a oportunidade de realizar um estágio em Educação Física no Grupo Amigo do Lar Pobre, ONG com a finalidade de atender sessenta meninos em estado de vulnerabilidade social dos bairros da vila Nova, Centro e Paquetá de Santos, porém com um agravante, que não fosse mencionado a capoeira no conteúdo programático, pois anteriormente esta mesma instituição havia tido uma infeliz experiência com um capoeirista que aumentou a agressividade das crianças atendidas.

As manifestações agressivas das crianças despertam nos professores não apenas sentimentos dolorosos ou destrutivos, mas também preocupações, o que reflete uma atitude ambivalente. Parece ser justamente na percepção desta ambivalência que os alunos podem sentir-se parcialmente cuidados. (SOUZA, 2008, p.)

Compreendendo o universo de cada um e colaborando, mesmo que às escondidas, a capoeira foi mudando o universo de alguns jovens, alguns tinham extremas dificuldades na escola, mas nas atividades físicas eram exímios esportistas, foi assim que iniciou a interdisciplinaridade em nossas aulas, muitos tiveram apoio em áreas como matemática, contando as porcentagens de chutes que realizava em um tempo pré-determinado, linguagem com as músicas e nomenclatura dos golpes. Atualmente, após vinte anos, alguns jovens já são docentes em nosso projeto, o que muito nos orgulha.

Mas nem tudo são flores no caminho da educação. Em 2014, inserimos a capoeira na Fundação Casa, na Região Metropolitana da Baixada Santista, instituição voltada para a recuperação de menores de idade infratores, com oficinas pontuais nas unidades de Santos, São Vicente, Praia Grande, Mongaguá, Guarujá. Para a minha tristeza, reencontrei alguns ex-alunos como internos da Fundação Casa, compreendi quem nem todos conseguimos salvar, mas não me abalei e segui em frente com o Projeto.



Figura 6: Fotografia do Mestre Márcio e o aluno Gustavo Souza no NAPNE, em Santos, 2004.

Um ano depois, em 1998, o Projeto foi levado ao Instituto Sain Germain, em Santos, que atendia diversas crianças com deficiências, e a partir daí fui percebendo a importância que a capoeira tinha para a melhora da reorganização neurológica e autoestima para estes indivíduos. Eslinger (2003) cita que a influência das experiências, tais como a psicomotricidade proporciona, pode ter um impacto profundo sobre o potencial de cada pessoa. Isso se inicia desde o primeiro ano de vida. E entendendo que as pessoas com deficiência, principalmente intelectual, motora e visual, terão um comprometimento em relação a suas percepções motoras, ou de organização, por isso os estímulos são fundamentais para um desenvolvimento, que na maioria dos casos são retrógrados. E assim chegamos ao NAPNE, Escola de Educação Especial Trinta de Julho, Residencial Abase, Instituto Evolução, APAE Santos, Escola de Educação Especial Seara de Jesus. Em 2009, outro grande marco foi inserir a capoeira para sessenta pessoas com deficiência visual, no Lar das Moças Cegas. Na sequência criamos a Extensão Capoeira para Todos, premiada em 2001 e 2005 como melhor projeto esportivo social da Região Metropolitana da Baixada Santista – Prêmio Comunidade em Ação de A Tribuna.



Figura 7: “Prêmio Comunidade em Ação” – como Melhor Projeto Social da Baixada Santista – A TRIBUNA, Santos 2011.

Durante estes anos, introduzimos, em 2000, a capoeira na grade curricular do ensino fundamental de 5^a a 8^a séries interagindo com outras disciplinas na Escola Verde Que Te Quero Verde, em São Vicente, e assim

compreendendo mais ainda os desafios que FAZENDA (2011) explica sobre o cenário dificultoso de inserção da interdisciplinaridade no cenário de educação nacional. Um desafio muito parecido foi em 2006, quando fui convidado para coordenar o esporte no Programa Escola Total Jornada Ampliada, tendo a capoeira como umas das modalidades inseridas na grande maioria dos Núcleos das Unidades Municipais de Ensino da cidade de Santos. Houve mais de 1000 crianças de Escolas Municipais praticando capoeira. Referendado por RIBEIRO (1995), buscamos a compreensão dos benefícios que a atividade oferecia, mesmo para aqueles que não simpatizavam com a modalidade.

Esta interdisciplinaridade não acontecia somente no ambiente escolar, mas também em clubes da região. A capoeira em 1998 foi adotada como programa de preparação física de categorias de base da natação do Clube de Regatas Saldanha da Gama, com os professores Eduardo Guimarães e Peter Budolwisky, técnicos de natação que compreendiam que esta prática atenderia à necessidade da amplitude de movimentos dos nados. E, assim, realizamos o trabalho por uma temporada, como também no São Vicente Atlético Clube, durante a disputa do Campeonato Paulista. Como preparador físico implementei aplicativos da capoeira para a melhora da velocidade de reação e flexibilidade, além de avanços em resistência muscular localizada, BRUHNS (2000) ressalta que a ginga facilita movimentos do cotidiano do brasileiro, podendo, assim, levar vantagem em diversos ambientes.

Muitas vezes substituímos a Educação Física em algumas escolas de Educação Infantil ou modalidades que naquela época tinham gênero especificado como balé e judô, inserindo a capoeira como expressão corporal para crianças de dois a seis anos de idade, reafirmando as soluções expostas no RCNEI, do Ministério da Educação em BRASIL (1998).



Figura 8: Reportagem sobre “Graduação do Projeto Capoeira Escola”, na UNIMES em 3/12/2010-Jornal A Tribuna.

Por meio da visibilidade que a capoeira vinha adquirindo e de seus benefícios corporais, fui convidado a participar como palestrante nos principais congressos nacionais de atividade física, tais como o Encontro Nacional de Atividade Física, em Poços de Caldas - Estado de Minas Gerais, em 2002 e 2005, e no Fitness Brasil, em Santos, em 2005 e 2006. Nessa ocasião já havia estagiado como monitor na Universidade Metropolitana de Santos, com o Mestre Fábio Parada, e me inserido como docente nas Faculdades Integradas do Vale do Ribeira, da SCELISUL, em Registro, Estado de São Paulo, tendo, assim, uma experiência para discorrer neste congresso como docente universitário, como enfatiza BARATO (1998), em relação à satisfação e transmissão dos conteúdos necessários na universidade. Posteriormente estive na Universidade Paulista em 2007, onde também ministrei aulas, e atualmente atuo na Universidade Santa Cecília, na Faculdade de São Vicente - UNIBR e na Universidade Metropolitana de Santos desde 2008.

Com toda esta experiência, resolvi entrar em um novo desafio, ao oferecer a prática da capoeira como um novo componente curricular: “Arte e Cultura Afro-Brasileira, no Ensino Fundamental I do Colégio Anglo Santos”. Este trabalho, que iniciei em 2015, me levou a pesquisar com mais embasamento a importância da capoeira como ferramenta interdisciplinar no ambiente escolar.



Figura 9: Fotografia da Prof.ª Karla Lacerda, diretora do Anglo Santos e Mestre Márcio, após reunião para implementação da Capoeira inserida no Componente Curricular do Ensino Fundamental I da Escola Anglo Santos, dezembro de 2014.

CAPÍTULO 2 - A PLURALIDADE CULTURAL DA CAPOEIRA

“É defesa, ataque, é ginga do corpo, é malandragem.” (D.P.)

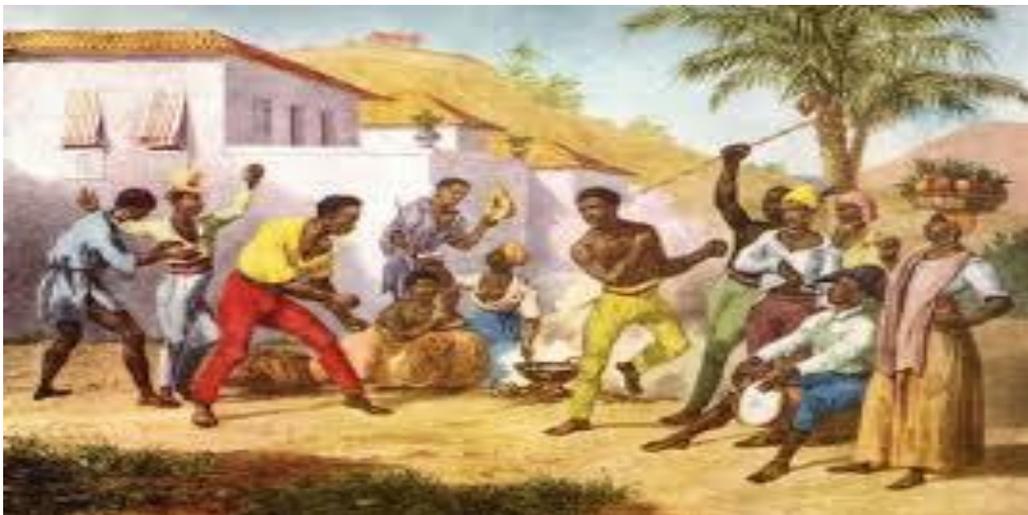


Figura 10: “Jogar Capoeira” ou Danse de La guerra de Johan Mohits Rugendas, 1835.

A história da capoeira, tal qual ela nos é contada, se assemelha àquela velha história econômica do Brasil, onde se passa de um “ciclo” ao outro, e de uma região à outra (*açúcar no Nordeste, ouro nas Minas Gerais, café no Centro-Oeste*) sem jamais se saber o que acontece com uma região antes ou depois do “surto” de um produto. Assim, a história da capoeira invariavelmente começa com os quilombos do interior, entendidos como praticantes da capoeira, no século XVII. Daí segue num salto mortal (11) para a cidade, o Rio de Janeiro dos vice-reis. Afirma-se a existência da mesma capoeira dos quilombolas do Nordeste entre os negros, escravos urbanos, e a sua difusão entre a população livre. Comenta-se a formação das famosas maltas, como os Nagoas e Guaiamuns, terminando com o famigerado chefe de polícia Sampaio Ferraz, que teria “erradicado” a capoeira do Rio de Janeiro, na década de 1890. Segue-se novo salto mortal para a Bahia do século XX, mais precisamente a década de 30, com a criação da ‘primeira’ academia de capoeira pelo Mestre Bimba e a consolidação da capoeira Angola por mestre Pastinha. (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998, p.84).

Na apresentação dos PCNs, referente aos temas transversais e ética, BRASIL (1997)I, a escravidão é explicada como um tipo de relação de trabalho que existia há muito tempo na história da humanidade. Por exemplo, na

Antiguidade o código de Hamurabi era um conjunto de leis escritas da civilização babilônica que apresentava itens discutindo inclusive a relação entre os escravos e seus senhores. Não se restringindo aos babilônios, a escravidão também foi utilizada entre os egípcios, assírios, hebreus, gregos e romanos. Dessa forma, podemos perceber que se trata de um fenômeno histórico extenso e diverso.

Em Atenas, boa parte dos escravos era proveniente de regiões da Ásia Menor e Trácia. Em geral, esses escravos eram obtidos por meio da realização de guerras contra diversos povos de origem estrangeira. Os traficantes realizavam a compra dos inimigos capturados e logo tratavam de oferecê-los em algum lucrativo ponto comercial. Mesmo ocupando uma posição social desprivilegiada, os escravos tinham diferentes posições dentro da sociedade ateniense.

ALBUQUERQUE (2006) comenta que alguns escravos eram utilizados para formar as forças policiais da cidade de Atenas. Outros eram usualmente empregados em atividades artesanais e, por conta de suas habilidades técnicas, tinham uma posição social de destaque. Em certos casos, um escravo poderia ter uma fonte de renda própria e um dia poderia vir a comprar a sua própria liberdade. Em geral, os escravos que trabalhavam nos campos e nas minas tinham condições de vida piores se comparadas às dos escravos urbanos e domésticos.

E para compreendermos que negro não era sinônimo de escravo, ou que uma palavra complementa a outra, podemos lembrar que no caso da cidade-estado de Esparta, a escravidão tinha uma organização distinta. BRAUDEL (1988) explica que os escravos, ali chamados de hilotas, eram conseguidos por meio das vitórias militares empreendidas pelas tropas espartanas. Não dando grande importância às práticas comerciais, por causa de sua cultura xenófoba, a escravidão não articulava um comércio de seres

humanos no interior desta sociedade. Os escravos eram de propriedade do Estado e ninguém poderia ser considerado proprietário de um determinado escravo.

Por exemplo, o Império Romano foi uma das sociedades antigas onde a utilização da mão de obra escrava teve sua mais significativa importância. Em geral, os escravos trabalhavam nas propriedades dos patrícios, grupo social romano que detinha o controle da maior parte das terras cultiváveis do império. Assim como em Atenas, o escravo romano também poderia exercer diferentes funções ou adquirir a sua própria liberdade. A única restrição jurídica contra um ex-escravo impedia-o de exercer qualquer cargo público.

A história universal percorre vários momentos em que a distinção social, ou até mesmo étnica descompõe uma igualdade social, como na o desenvolvimento do capitalismo, e a comparação de BRANDÃO (1985) no desenvolvimento da sociedade brasileira, onde os grandes proprietários rurais feudais e imperialistas tinham um alcance amplo, contra todas as frações da grande burguesia: comercial, industrial, burocrática, oferecendo ao proletariado condições subumanas num abismo social. E não foi diferente no Brasil, no início com as expedições colonizadoras tentando escravizar os índios, com inclusive sua catequização por meio dos jesuítas, e posteriormente com os negros trazidos da África.

2.1 A História do Brasil – A Origem da Capoeira

A intensificação da atividade comercial foi o principal ingrediente que impulsionou os europeus em direção ao mar, a partir do século XV, para a conquista de novas terras e mercados. Portugal foi o pioneiro, logo depois veio a Espanha. A expansão comercial e marítima dessa época estava diretamente associada ao fortalecimento do Estado e mercantilismo, considerado o embrião do sistema capitalista. (COTRIM, 1999, P 09).

Sendo assim, VERGER (1999) explica em sua pesquisa que os colonizadores precisavam de uma mão de obra escrava, que ao mesmo tempo auxiliasse a desenvolver o cultivo do açúcar, a mineração etc. e se tornasse outro lucrativo setor do comércio colonial. Surgem então os africanos na história. Os primeiros negros africanos, que vieram trabalhar sob regime de escravidão no Brasil, não vieram diretamente da África, conta-se que vieram da Europa, pois lá já existia escravidão.

Com o sucesso da escravidão dos negros, FREYRE (1980) cita que os colonizadores foram diretamente à África para trazer, através dos navios negreiros, os negros bantos e sudaneses. Quando chegavam os que ainda estavam vivos, pois eram trazidos amontoados no porão do navio, eram na sequência comercializados como meras mercadorias pelos “negreiros”, homens brancos que viviam da comercialização do negro comprado pelos latifundiários, os Senhores de Engenho, para trabalhar no engenho do açúcar. Nesse local, havia a Casa Grande, que era a residência do Senhor do Engenho; Capela, local para cerimônias católicas; Senzalas, onde os negros ficavam após o trabalho; Casa de Engenho, instalações da produção do açúcar, dividida em: Moenda, onde moíam cana; Fornalha, local em que o caldo era purificado; Casa de Purgar, que resfriavam e branqueavam o açúcar, e os Galpões, onde o açúcar era reduzido a pó.

MATTOS (1999) conta que eles eram reprimidos em seu trabalho o qual durava o dia inteiro, de sol a sol, e de noites eram recolhidos pelos feitores, capatazes que tinham como função coordenar o trabalho dos negros escravos e castigá-los havendo ou não necessidade.

Compreende-se quando VERGE (1999) comenta que, apesar de serem distribuídos e separados de suas famílias ao chegar ao Brasil, os negros, muitas vezes, conviviam com “irmãos” de outras nações da África, reiniciavam

sua vontade de viver e começavam, disfarçadamente, a se rebelar, preparando-se para fugir das fazendas. GLÉNISSON e DA COSTA DACOSTA (1961) explicam que estes negros eram denominados Quilombos e tinham por finalidade a igualdade e a liberdade, desenvolvendo o cooperativismo em sua comunidade. E lá, havia indícios em sua preparação militar, da prática da Capoeira, como defesa para impedir os invasores, além de armas como flechas e lanças. O Quilombo mais famoso que existiu durou cerca de 100 anos, era denominado Quilombo de Palmares, tinha como primeiro líder o Rei Ganga Zumba, que teve como sucessor o famoso Zumbi, que ficou marcado na história por lutar pela igualdade do negro no Brasil. Situado na Serra da Barriga, em Alagoas, hoje tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional.

As fugas em direção aos quilombos eram cada vez mais constantes, assim surge a figura do capitão do mato, que, segundo GOULART (1975), era um próprio negro que trocava sua ética em defesa dos seus irmãos africanos pela carta de alforria, além de acordos pela liberdade de seus familiares, era comum aos feitores a insatisfação da população negra naquela época, já que existiam altos índices de suicídio dos escravos, o que causava preocupação aos senhores de engenho.

De acordo com RIZZI (2012), nas fugas em direção aos quilombos, os negros armavam uma emboscada aos capitães do mato e utilizavam de movimentos de luta semelhante aos animais para se defender, assim surge o nome “capoeira”. Segundo LUSSAC (2015), “káá-poerah” significa mata-rasteira, e ao voltar da mata sem o escravo que havia fugido, o capitão do mato reclamava ao feitor: “É muito difícil pegar o negro da capoeira”.

2.2. A capoeira como luta de resistência

A capoeira, portanto colaborava neste momento de rebeldia e constantes fugas. Neste período a pressão do governo inglês, o qual já havia criado a Lei Bill Aberdeen, (08 de agosto de 1845), que proibia o tráfico de escravos africanos, veio culminar, conforme DA ROCHA (1999), explica, no surgimento das leis abolicionistas no Brasil, especificamente por essa necessidade política da época. Em 1850, encerrou-se oficialmente o tráfico de negros, com a Lei Euzébio de Queiroz. O último desembarque, entretanto, só ocorreu seis anos depois. Já, em 28 de setembro de 1871, José da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, chefe do gabinete do Imperador, fez aprovar a Lei do Ventre Livre. Por esta, os filhos de escravas, nascidos a partir daquela data, não eram mais escravos, mas as crianças ficavam sobre a tutela do senhor até a idade de oito anos. Esta mesma lei libertou os escravos pertencentes ao Estado e criou um fundo destinado à emancipação deles.

DE AZEVEDO (2003) reforça que em 28 de setembro de 1885, foi promulgada a Lei dos Sexagenários, por Saraiva e Cotegipe, libertando os escravos com sessenta anos de idade, com mais cinco anos prestando serviços ao dito senhor. A minoria dos escravos eram libertos, geralmente os mais improdutivos, que implicavam gastos superiores à sua produtividade. Já antes da Lei dos Sexagenários, os senhores costumavam libertar os escravos velhos, para serem alimentados pela caridade pública.

MENDONÇA (1999) cita que a Lei dos Sexagenários foi a última tentativa dos escravistas para deter a marcha dos acontecimentos. Mas já era tarde. O movimento estava nas ruas, comandado pelas classes médias e populares e já tinha ganhado as elites. A princesa regente, Isabel, e o Imperador eram partidários da abolição. Os escravos, auxiliados pelos abolicionistas e pela maioria da população, deram o golpe final na escravidão.

Rebelavam-se nas senzalas, muitas vezes utilizando a capoeira, abandonando as fazendas e desorganizavam a produção.

Segundo AREIAS (1984), muitos proprietários de escravos foram atingidos no “bolso”. Seus escravos foram libertados sem que eles recebessem indenizações. Suas fortunas foram abaladas, muitas de suas fazendas hipotecadas. Passaram a culpar o imperador, a quem acusavam de imprevidente, responsável por suas desgraças. Esses fazendeiros se filiaram ao Partido Republicano e contribuíram para a queda da Monarquia.

De acordo com VERGER (1987), a Lei Áurea, criada em 13 de maio de 1888, aprovada pelo ministério de João Alfredo e sancionada pela princesa Isabel, abolia a escravidão e tinha como fardo o Brasil ser o último país a abolir a escravidão na América. A abolição da escravatura foi uma festa realmente popular, pois fechou este comércio de escravos traficados altamente lucrativo para os traficantes. STÉDILE (1997) reforça, a respeito deste tema, explicando que a Lei Áurea foi obra do desenvolvimento do capitalismo no âmbito mundial, que havia condenado a escravidão como forma de trabalho ultrapassada; foi obra das classes médias e populares, mas foi, principalmente, a obra da luta dos escravos. A abolição, entretanto, não redimiu os negros. MARINGONI (1927) resalta que a sociedade da época não lhes deu condições de concorrerem no mercado livre com emigrantes estrangeiros. Analfabetos, sem preparo para o trabalho livre, sem apoio do Estado, os negros libertos nos campos regrediram a uma economia de subsistência e, na cidade, passaram a viver de biscates, engrossando as fileiras dos miseráveis subempregados. Os preconceitos que a sociedade escravista havia criado, como a indolência, a ladroagem dos negros e a sua inferioridade racional e cultural, até hoje continuam pesando sobre os negros. Assim, o negro tornou-se livre para, salvo raras exceções, viver na miséria e sobre a opressão e muitas vezes se utilizava da amplitude de golpes da capoeira para sobreviver com roubos e furtos.

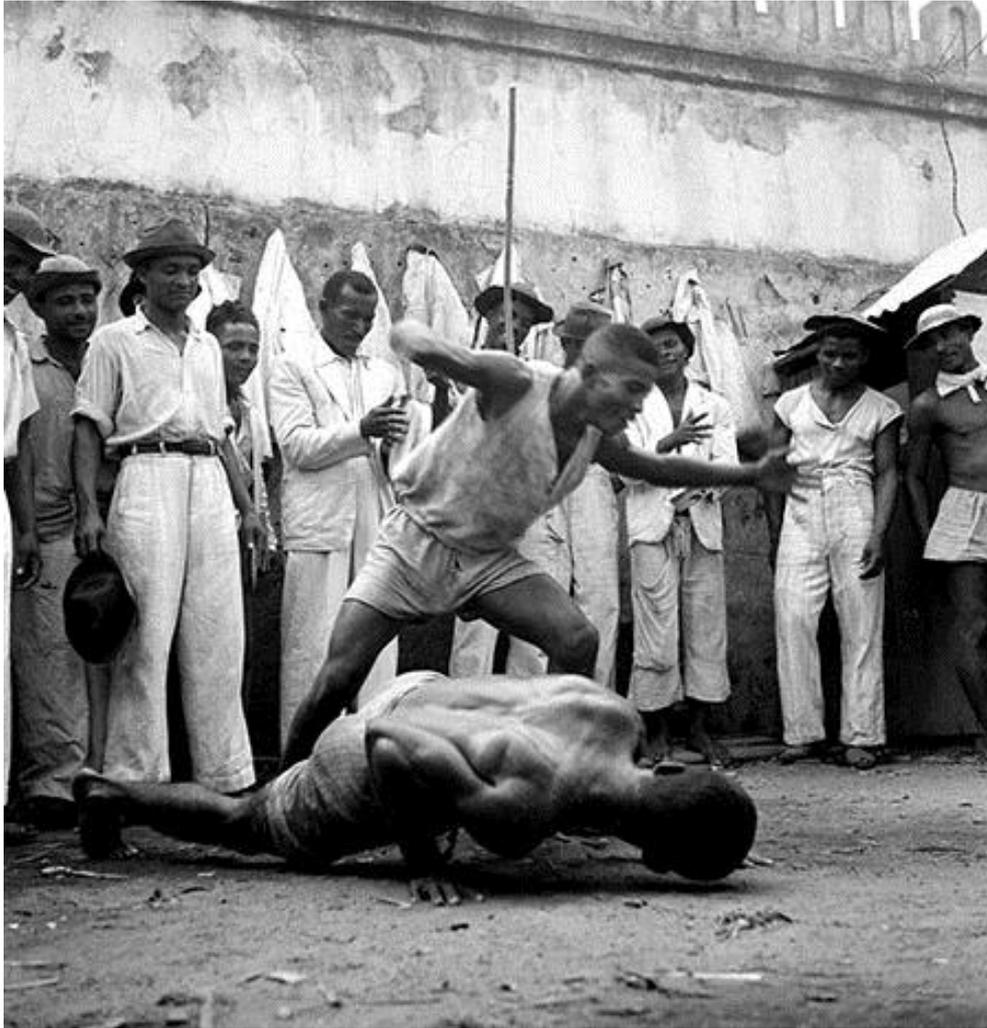


Figura 11: Fotografia de Pierre Verger: “Capoeira na Praça em Salvador, 1946-1948.

Após a Proclamação da República (15/11/1889), em 11 de outubro de 1890, foi promulgado o Código Criminal da República, que extinguiu a pena de morte, em tempo de paz, no Brasil. E devido à falta de possibilidades de trabalho e vida digna aos negros, a marginalização da capoeira era evidente e foi assim que ela entra no Código Penal Brasileiro:

(Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890)

Capítulo XIII - Dos vadios e capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou

desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena - de prisão celular por dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

Segundo GEEVERGHESE (2013), no Rio de Janeiro, especificamente na época que a família real portuguesa morou no Brasil, a milícia que era a força policial daquele período foi substituída por uma guarda real mais especializada e repressora. O tráfico negreiro crescendo neste porto do Rio de Janeiro, a capoeira já era um elemento enraizado, o que deixou as autoridades mais temerosas de que o poder combativo desse jogo de negros pudesse ser utilizado a favor de uma revolta escrava.



Figura 12: Foto de Pierre Verger, “Capoeiras jogando” Salvador, Bahia, 1946-1948.

De acordo com PIRES (1996), no Rio de Janeiro, houve até gangues de capoeiristas, lá existiram inúmeras batalhas entre eles e também contra a polícia, que perseguiram qualquer capoeirista ao comando do chefe de polícia Sampaio Ferraz, Já havia um artigo constitucional contra qualquer tipo de “vadiagem dos capoeiras”, seguido de prisão. Os Nagoas e os Guaiamuns foram as duas maiores e mais eficientes maltas de capoeira que dominavam o cenário urbano do Rio de Janeiro a partir da segunda metade do século XIX. Estas maltas rivais brigavam pelo espaço e o destaque na sociedade carioca. Os Nagoas como o próprio nome remete a Nagô¹ era formada somente por escravos africanos onde era proibida a entrada de crioulos ou imigrantes. Os guaiamus, com o nome de origem indígena, eram formados por mestiços e imigrantes, malta com uma grande presença de portugueses após 1850,

¹ Nagô: indivíduo dos nagôs, designação de qualquer negro escravizado.

responsáveis pela introdução da navalha como arma do capoeira. É somente a partir da segunda metade do século XIX que os capoeiristas ficam conhecidos como perigosos e exímios navalhistas.

SANTOS (2016) explica que durante a revolta dos Malês na Bahia no século XIX, africanos e afrodescendentes uniram-se na luta contra o opressor, e a capoeira era frente de batalha neste processo como em outros que ocorreram em diversas regiões.

Nesta ocasião os instrumentos musicais da Capoeira e sua harmonia rítmica iniciam sua participação na história, por exemplo, em Pernambuco, DE OLIVEIRA, (1985) cita que o frevo nasceu diretamente da proibição da capoeira como disfarce, para diminuir a conduta marginal da época.

Nas praças públicas, rodas se formavam para apreciar sons provenientes de alguns instrumentos musicais. Entre eles o berimbau, WA MUKUNA, (1978) explica que, embora sua origem africana, aparentemente o modelo brasileiro tirou sua estrutura do modelo encontrado entre os kungs em Angola, era um instrumento para distrair caças, como leões. Já os pandeiros, eram usados em festas e procissões religiosas dos colonizadores, como cita FONTOURA e DE AZEVEDO MAGALHÃES (2008). E esta conformação de incorporar a capoeira em forma de manifestação cultural é mais própria da Bahia.

É interessante observarmos que, embora existam registros que identificam a prática da capoeira entre os estratos marginalizados nas principais cidades brasileiras a partir de meados do século passado, apenas na Bahia, conforme demonstraram nossas pesquisas, há uma continuidade entre a forma antiga e o jogo atualmente praticado nas academias. (VIEIRA, 1998, p.97).

AREIAS (1984) ainda comenta que a capoeira sobrevivia às escondidas, e assim foram introduzidos os instrumentos e movimentos de floreios, gingados para aparentar uma dança, às vezes alguns grupos apresentavam-se em praças públicas, muitos que assistiam àquela demonstração retribuía com trocos e moedas.

Assim a capoeira fica sendo encoberta pela musicalidade, que, inclusive ao perceber a chegada da polícia nas proximidades das “rodas de capoeira”, os integrantes da bateria dos instrumentos davam o alerta do toque cavalaria, que servia para fuga ou maior disfarce cultural, sendo assim reforçada a tese de DE SOUZA REIS (1997) que explica que a ginga existiu desde os primórdios da capoeira praticada pelos escravos para disfarçar a luta em dança, agindo com malícia para dissimular sua verdadeira intenção. “Por permitir a um só tempo que o corpo lute dançando e dance lutando, a ginga remete a capoeira a uma zona intermediária e ambígua, situada entre o lúdico e o combativo.” (DE SOUZA REIS, 1997, p.36)

REIS (2004) explica que a partir daí a capoeira tem a necessidade de progredir na sociedade, de uma maneira mais organizada, com metodologia, organização de treinamentos, locais próprios, indumentária. Assim, surgiram dois estilos precursores da capoeira, em destaque Mestre Pastinha e Mestre Bimba, respectivamente, a Capoeira de Angola e a Capoeira Regional.



Figura 13: Mestre Pastinha tocando berimbau na Bahia. Foto de Pierre Verger, Salvador, 1946-1948.



Figura 14: “Bimba da Capoeira, o Grande Mestre”. Mestre Bimba ensinando. Salvador, Bahia 1938. Acervo do Google Imagens.

2.3. A capoeira, a evolução cultural e esportiva.

Segundo CAMPOS (2006), Manoel dos Reis Machado nasceu dia 23 de novembro de 1900, no bairro do Engenho Velho em Salvador/BA, tinha a filiação de Luiz Cândido Machado e de Dona Maria Martinha do Bonfim. BIMBA, o seu apelido foi resultado de uma aposta da parteira com a sua mãe, que acreditava que daria à luz uma menina e a parteira dizia que seria menino. Vencendo a aposta, a parteira deu o apelido de Bimba, por ser este o nome popular dado ao órgão sexual do homem na Bahia, referindo-se às crianças. Iniciou com 12 anos a prática da capoeira com um africano chamado Bentinho, capitão da Companhia Baiana de Navegação. Seu aprendizado durou cerca de quatro anos e, após este período, passou a ensinar o que aprendeu e lecionava Capoeira Angola na capitania dos portos da Bahia, por mais de dez anos. Mestre Bimba fundou um novo estilo, com uma mescla de batuque e capoeira de Angola, que foi chamado Luta Regional Baiana, por ser praticado, na época, somente na região de Salvador e mais tarde, já em franca expansão, foi chamado de Capoeira Regional.

Em 1932, fundou sua primeira academia-escola de Capoeira Regional no Engenho de Brotas em Salvador. Foi favorecido por Juracy Magalhães, governador da Bahia na época, que, deslumbrado com o que havia visto, decidiu levar Mestre Bimba para conhecer o então presidente do Brasil na ocasião, Getúlio Vargas, que decidira liberar todas as manifestações populares, inclusive a capoeira. Assim o Centro Cultural Físico Regional Baiano se torna um marco na história da Capoeira, como a primeira academia de capoeira do mundo. DECANIO FILHO e DOTTO(1996) explica que somente em 1937, Mestre Bimba obteve o registro de sua academia junto à Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública de Salvador e em 1942, fundou sua segunda academia no Terreiro de Jesus. Traído por falsas promessas do governo, falta de apoio e dificuldades financeiras, Mestre Bimba morreu em 15 de fevereiro de 1974, no Hospital das Clínicas de Goiânia, vítima de derrame

cerebral. E foi com a capoeira regional que a capoeira tomou forma de esporte, foram introduzidos uniformes, mais movimentos de outras artes, sequências pedagógicas, e por meio de Mestre Bimba diversos discípulos levaram a prática da capoeira pelo Brasil e ao exterior, como Itapoan, Decanio, Acordeon, entre outros.

PIRES (2002) explica que Vicente Ferreira Pastinha, nascido em 1889, iniciou na capoeira com apenas oito anos de idade, quando Tio Benedito, um africano que assim era chamado, ao ver o menino franzino apanhar de um garoto mais velho, resolveu ensinar-lhe a prática da capoeira. A Rua tijolo, em Salvador foi onde Pastinha passou tardes inteiras num velho sobrado, durante três anos. Porém no período matutino, frequentava aulas no Liceu de Artes e Ofício, onde também aprendeu pintura. Aproximadamente com treze anos era o menino mais respeitado e temido do bairro. Mais tarde foi matriculado na Escola de Aprendizes Marinheiros e lá ensinou aos colegas a arte da capoeira. Aos 21 anos voltou para o Centro Histórico, deixando a Marinha para se dedicar à pintura e exercer o ofício de pintor profissional.

Nos próprios manuscritos escritos pelo Mestre em PASTINHA (1996), é demonstrado que em suas horas de folga, tinha o treinamento da capoeira feito às escondidas, pois no início do século esta luta era crime previsto no código penal da república, conforme citado anteriormente. Em fevereiro de 1941, fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, no casarão número 19 do Largo do Pelourinho. Esta foi sua primeira academia-escola de capoeira. Disciplina e organização eram regras básicas na escola de Pastinha e seus alunos sempre usavam calças pretas e camisas amarelas, cores do Ypiranga Futebol Clube, time do coração de Pastinha.



Figura 15: Mestre Pastinha e Discípulos. Foto de Pierre Verger. 1946-1948. Salvador, Bahia.

Ainda citando seus manuscritos, PASTINHA (1996), Mestre Pastinha viajou boa parte do mundo levando a capoeira para representar o Brasil em vários festivais de arte negra. Ele usava todos os seus talentos para valorizar a arte da capoeira. Fazia versos e chegou a escrever um livro, *Capoeira Angola*, publicado em 1964, pela Gráfica Loreto. Trabalhou muito em prol da capoeira, divulgou a arte o quanto lhe foi possível e foi reconhecido por muitos famosos que se maravilhavam com suas exibições. Aos 84 anos e muito debilitado fisicamente, deixou a antiga sede da academia para morar num quartinho velho do Pelourinho, com sua segunda esposa, Dona Maria Romélia, e a única renda financeira que tinha era a das vendas dos acarajés que sua esposa vendia. Morreu aos 92 anos, cego e paralítico, no abrigo D. Pedro II, em Salvador. Morreu Mestre Pastinha numa sexta-feira, 13 de novembro de 1981, vítima de uma parada cardíaca que, no estado frágil em que se encontrava, foi fatal.

A capoeira assim começa a sua expansão nacional e internacional, com diversos mestres migrando para diversas localidades, e a prova de que hoje a capoeira é uma das maiores representantes da cultura nacional é que a UNESCO (2014), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, declarou a roda de capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A escolha foi feita durante a 9ª. Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, em Paris.



Figura 16: Foto de Marcos Piffer – “Mestre Márcio e discípulos”. Santos 2015.

2.4. A capoeira e seu desenvolvimento em Santos

LIMA (1990) explica a importância de capoeiristas vindos da região Nordeste do Brasil, devido ao movimento de êxodo rural, com suas famílias para buscar melhores oportunidades na capital paulistana, aproximadamente na década de sessenta: Antônio Cardoso, o Mestre Brasília, o Mestre Suassuna, Limão, Silvestre, Pinatti, Joel, Gilvan, Onça, Zé de Freitas, e na sequência, Almir das Areias, Gladson, Lobão, Silvio Acarajé, Ananias, Zé Andrade entre outros.

Santos, sempre foi uma cidade envolvida na causa dos escravos, por ser uma terra que abrigou quilombos, entre eles o Quilombo de Jabaquara, liderado pelo Major Quintino de Lacerda, o segundo quilombo mais populoso do Brasil. Da Cunha (2015) ainda ressalta a importância do Quilombo do Jabaquara, que favoreceu posteriormente Quintino a se tornar o primeiro vereador negro do Brasil.

Da Cunha (2015) relembra que em meados de 1850, ao ter Santos e São Paulo unificadas em prol do abolicionismo, Antonio Bento liderava os “Caifazes”, homens que se arriscavam no resgate dos escravizados, perseguindo os capitães de mato nestas cidades, tendo Santos com o patriarca da independência José Bonifácio de Andrada e Silva libertando os primeiros escravos em terras santistas, favorecendo o aparecimento da divisão entre o Bairro do Valongo e o dos Quartéis, onde a administração militar organizava a cidade e também era onde residiam os moradores em um estado de vulnerabilidade social mais comprometido, na sua maioria, negros nascidos no Brasil, pescadores e extratores de madeiras. A concorrência comercial entre os dois bairros acentuou a rivalidade entre estes moradores dos diferentes bairros, os residentes nos Quartéis, imbuídos de um sentimento nacionalista, entram em confronto aberto com os Valongos, no qual os capoeiristas pertencentes aos dois bairros se destacaram nestas lutas.

RIBAS (2015) comenta que estes grandes mestres, do Nordeste e de São Paulo, que constituem a árvore genealógica da história da capoeira mundial, influenciaram o início dos primeiros movimentos em nossa Região Metropolitana da Baixada Santista, nos quais se destacam o Mestre Sombra, fundador da Associação de Capoeira Senzala de Santos, e os Mestres Curisco e Bandeira, da Associação de Capoeira da Areia Branca.

De acordo com RIBAS (2015), Luís Santos Barbosa, o Mestre Bandeira, nasceu em 01/04/1957 em Santos. Primeiro contato na capoeira em 1969 com 12 anos foi com o Mestre Corisco, que havia aprendido com o Mestre José de Andrade e Mestre Valdenor, ambos de Santo André-SP. Em 1977, houve a formatura de Mestre para o Mestre Bandeira.

RIBAS (2015) ainda explica que o nome Bandeira é uma coisa que não veio da capoeira. Ele gostava muito de luta e na época tinha um seriado chamado “Os bandeiras negras”. Mestre Bandeira divulgou a capoeira da Baixada Santista primeiro em São Paulo e logo ganhou o Brasil visitando vários estados, atrás de conhecimento. Com suas viagens para o Brasil juntamente com seu irmão Contra-Mestre Marinheiro (in memoriam) trouxe e fez a primeira apresentação cultural de Puxada de rede e Maculele. Foi ao EUA pela primeira vez em 1990, a convite do Mestre Deraldo. Primeiro convite foi em 1998, com os Mestres Braulino (in memoriam), Gladson e Vaguinho, estes foram os primeiros a fazer contato com a capoeira na Rússia. Desde então, Mestre Bandeira mantém o trabalho sólido e forte na Rússia até os dias de hoje, onde em várias nações da antiga União Soviética ministra workshops e difunde o trabalho da Capoeira no exterior.



Figura 17: Mestre Sombra (Senzala) e Mestre Bandeira (ASCAB)

TAYLOR (2007) conta que Roberto Teles de Oliveira, o Mestre Sombra, nasceu em 06/02/1942, em Santa Rosa de Lima - Aracaju/Sergipe, Brasil. Chegou à cidade de Santos (São Paulo/Brasil) em 1962, com o objetivo de trabalhar e, com isso, ter uma vida mais amena. Trabalhou como pintor, cobrador de ônibus, guarda portuário e estivador. Teve seus primeiros contatos com a arte capoeira em sua terra natal, em brincadeiras de rua ainda na infância. Recebeu o apelido de sombra de seus amigos devido à sua destreza no "brincar de jogar capoeira"; jogar capoeira com ele, era como tentar pegar a própria sombra.

De acordo com TAYLOR (2007), por volta de 1963, conheceu um grupo de capoeiristas que se reuniam todos os domingos na rua das Oliveiras em frente ao bar de um senhor de nome Juca (in memoriam), para jogarem capoeira. Eram pessoas de origem humilde, nordestinos trabalhadores (pedreiros, ensacadores, carpinteiros, ajudantes geral, entre outros ofícios) e o objetivo de tais encontros acabava sendo uma tentativa de não perder a conexão com sua cultura, com seus costumes, enfim, acabava sendo uma forma de reencontro com suas origens, consigo mesmo. O responsável por tal roda era um senhor de nome Olímpio Bispo dos Santos (in memoriam) ou como é por Mestre Sombra identificado, Mestre Bispo. Mestre Sombra foi

apresentado a esse grupo por um de seus irmãos; a partir daí passou a fazer parte das rodas que aconteciam todos os domingos e, como consequência (que acredito ter sido uma constante no passado da capoeiragem), adotou como mestre o responsável por tal roda, mestre Bispo.

Em 1972, após o falecimento de Mestre Bispo, Mestre Sombra fundou a associação de capoeira zumbi. TAYLOR (2007) cita que em 1974, Mestre Sombra registrou-se na Federação Paulista de Capoeira, onde foi informado que existiam muitas escolas de capoeira com o nome de Zumbi; sendo assim, o mestre resolveu trocar o nome de sua escola para Associação de Capoeira Senzala. O começo não foi fácil, pois a capoeira era ainda muito discriminada e, como consequência, era difícil achar local para as aulas e alunos para praticá-la. Em 1975, Mestre Sombra mudou-se para a Rua Brás Cubas, 227, e com isso solidificou seu trabalho dentro da arte capoeira sendo um dos responsáveis direto pelo crescimento da capoeira na cidade de Santos/São Paulo - Brasil. 90% das escolas de capoeira sediadas em Santos têm alguma ligação direta ou indireta com a Associação de Capoeira Senzala de Santos. São alunos de Mestre Sombra, ou ainda alunos de alunos, que ocupam a direção de tais escolas. Dentro do ponto de vista de Mestre Sombra, a capoeira é a necessidade de cada um, é a expressão máxima da cultura de um povo. Mestre Sombra sempre teve como ideologia a propagação de uma capoeira não violenta, cuja dinâmica de jogo respeite a integridade física dos jogadores, e com isso pudesse ser praticada por todos independente de quem quer que seja. De sua escola saíram um sem número de jogadores de capoeira, onde alguns ainda seguem em atividade e outros estão inativos, sendo que alguns destes são muito conhecidos e respeitados pela habilidade no jogar, ou ainda pela forma como direcionam a capoeira.

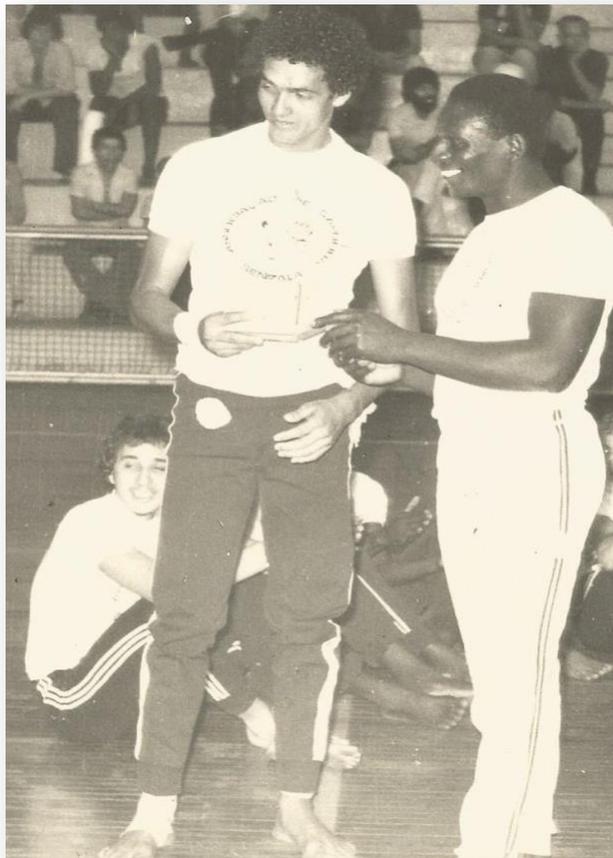


Figura 18: “Mestre Parada com Mestre Sombra - Formatura em 1977/Santos.

RIBAS (2015) cita que um dos seus principais discípulos é o Mestre Parada, o precursor da Capoeira na universidade, e que mudou completamente o conceito da arte em nossa região. Mestre Fábio Parada nasceu em 7 de agosto de 1956, em Santos. Jogou futebol nas manhãs esportivas do Santos Futebol Clube, praticou judô, e karate onde alcançou a faixa preta do Sensei Shinzato.

Ao avistar alguns capoeiristas assim como “Paulinho Preto” que era carateca, entendeu que a capoeira poderia contribuir para sua desempenho do karate, então, em 1974, entrou na Academia Zumbi de Mestre Sombra em Itapema, em Guarujá, realmente ele percebeu os benefícios da capoeira se tornando campeão santista, regional, paulista, brasileiro e sul-americano,

praticando as duas artes simultaneamente, depois decidiu apenas se dedicar a capoeira. Em 1977, participou da primeira formatura de capoeira que o Mestre Sombra realizou, posteriormente participou de shows pela Ásia; ao voltar, cursou a Faculdade de Educação Física de Santos e abriu a Associação de Capoeira Movimentos, em 1982, no bairro do Gonzaga. Mesmo sendo criticado e sofrendo um pouco o preconceito, inseriu os conceitos e metodologias da Educação Física na prática da Capoeira e, em questão de alguns meses, já tinha sua academia cheia em diversos horários. Foi precursor da capoeira na Universidade aqui na região inserindo na FEFIS/UNIMES a prática da capoeira no curso de Ed. Física, é bacharel em direito, pós-graduado em Treinamento Desportivo na Educação Física. Mestre Parada é meu mestre. Foi ele quem me ensinou a capoeira e me orientou na vida profissional e acadêmica.



Figura 19: fotografia de Mestre Márcio e Mestre Parada no GALP em Santos – 1998.

2.5. “O Projeto Capoeira Escola e Sua Responsabilidade com a Ancestralidade”

Ainda que muitos anos tenham passado desde a Abolição da Escravatura, a sociedade brasileira ainda encontra dificuldades para valorizar e dar o respectivo significado de importância aos inegáveis legados positivos da cultura afro-brasileira, esta cultura enraizada de distanciamento, de não valorização, de estranhamento é muito difícil de transformar, conforme frisa

Protestar-se-á não se trata de cor da pele, mas da representação de um saber ocidental. Justo: a manutenção desse saber como domínio quase exclusivo dos brancos faz parte do ‘interditado’ que estamos tentando ouvir. Ou seja, ao abordar a questão racial, confere aos brancos como potenciais detentores do discurso competente. Privilégio aqui se refere não à riqueza de posses ou à posição de classe, mas ao favorecimento que a branquidão concede ao indivíduo em situações do cotidiano. (NASCIMENTO, 2003, p. 30)

SCHNEIDER (2013) cita que teólogos e leigos tinham o convencimento de que a Bíblia autorizava a escravidão negra, mesmo com diversos escritores portugueses e brasileiros, que alegam que seus antepassados jamais nutriam preconceito ou discriminação racial em relação aos negros africanos, ignoram o fato de uma raça ser submissa à outra, mesmo sendo por mais trezentos anos adquirindo uma postura de superioridade racial.

De acordo com VIEIRA (2013), o colonialismo teve consequências como a expropriação de territórios em escala maciça; a destruição de povos e culturas locais, e principalmente a transformação de africanos e nativos americanos em escravizados; não deixando de mencionar a colonização da África e da Ásia; e a ascensão do racismo, inclusive na própria Europa.

VIEIRA (2013) enaltece que são enormes as contribuições das diversas nações africanas, ao longo da história, para o desenvolvimento cultural,

econômico, político, científico e tecnológico da humanidade e de vasto conhecimento, apesar de ser prejudicado pela perspectiva eurocêntrica.

Uma sociedade que quer mudar, uma sociedade que se revê constantemente, tem necessariamente que rever seus currículos escolares de acordo com a demanda da sociedade, de acordo com a evolução desta sociedade.

Não temos que ficar com currículo escolar que é simplesmente fundamentado em uma única visão do mundo, numa visão eurocêntrica que não contempla a diversidade, que não contempla as diferenças. Na realidade não é um currículo inclusivo, e sim exclusivo.

Até a véspera da era colonial moderna, era comum encontrar, com facilidade, as imagens positivas sobre a África. Árabes e europeus descreveram as formas políticas africanas altamente elaboradas e socialmente aperfeiçoadas, entre as quais se alternavam reinos, impérios, cidades-estados e outras formas políticas baseadas no parentesco, como chefia, clãs, linhagens. Após a conferência de Berlim (1885), que definiu a partilha colonial da África, essas imagens “simpáticas” e tranquilizadoras começaram a sombrear (MUNANGA, 2004).

Com toda esta dificuldade imposta pela sociedade em compreender o legado ancestral africano e a conceituação que estas práticas obtinham, outros paradigmas vinham sendo desafiadores e para mim serviu como estratégia para definição da capoeira como ferramenta para cidadania, entre eles surgiu a inclusão das pessoas com deficiências e a preocupação com o gênero.

Na própria prática de atividade física, convivíamos com este processo segregador, De acordo com ALTMANN (1998), a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física é um dos diversos motivos que reforçou as diferenças de gênero e também não preparou os (as) educadores (as) para

atuar em grupos mistos, numa perspectiva de romper as barreiras criadas entre meninos e meninas, tal afirmativa é reforçada por SAYÃO (2002), que cita a necessidade e a importância de integrar meninos e meninas em todos os espaços educativos, desde a infância, a partir de uma política educacional voltada à igualdade social e à convivência solidária.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais declaram que as aulas de Educação Física têm, entre outras, a intenção de dar oportunidade às meninas e meninos de conviverem, observarem, descobrirem e que possam aprender a ser tolerantes, não discriminar e a entender as diferenças, não reproduzir as relações autoritárias. (BRASIL, 1998).

MIRANDA FILHO (2015) reforça a dificuldade da presença da mulher, devido ao pensamento da sociedade que entendia que não era permitida a prática feminina em determinados exercícios físicos e em modalidades esportivas e de lutas, alegando incapacidade biológica e a importante função reprodutiva. Na capoeira, diversas histórias enfatizam a participação feminina, apesar de uma das danças guerreiras africanas, o N'golo, ser restrita aos rapazes, a mulher já aparecia, mesmo que de forma indireta nesta ocasião, pois foi por ela que ocorria o combate da então chamada dança da zebra, como explica BARBOSA (2005).

MIRANDA FILHO (2015) ainda explica que há registros da presença das mulheres na capoeiragem, como as famosas Maria 12 Homens, Calça Rala, Satanás, Nega Didi, Maria Para o Bonde, Júlia Fogareira, Maria Homem, Maria Pé no Mato, que aparecem na história convivendo no meio da malandragem das rodas da Capoeira, nas brigas de ruas com golpes de navalhas, facas e cacetes. Até mesmo a própria Dona Alice, cantada por Mestre Bimba, referindo-se a sua mulher “Dona Alice não me pegue não”, ou em outras músicas entoadas na roda como “Aidê”, ou “Dona Maria do Camboatá”.

Na questão da inclusão, que na verdade é ampla, e não se trata somente das pessoas com deficiências, mas também daqueles que a sociedade deixa à margem, ressaltamos que apesar de apenas 4,9%, segundo dados do Banco Mundial (2015), viverem no nível de pobreza no Brasil, o nosso país figura entre os dez países mais desiguais do mundo, revelado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2015). O que reforça a tese de MALAVASI (2006), da importância do coletivo no ambiente escolar, democratizando o acesso à educação.

Segundo Censo desenvolvido pelo IBGE (2010), mais de 20 % da população brasileira tem algum tipo de deficiência, e conforme MANTOAN (2002) os períodos de exclusão e segregação prejudicaram ainda mais o convívio destas pessoas e suas relações interpessoais na sociedade.

A capoeira sempre foi a luta dos mais oprimidos, dos mais necessitados. Desde seu surgimento aos dias de hoje, percebemos mesmo em seu processo de pluralidade cultural que ela vem contribuindo no processo inclusivo. REIS (2013) cita que a capoeira será vista como um dos instrumentos de libertação da classe trabalhadora, que muitas vezes é marginalizada na sociedade.

Sempre acreditei que meu processo pedagógico deveria ser reforçado pelo artigo 205 da Constituição Federal, conforme comentário de BARBALHO e PORTO, (1992) que cita:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. BARBALHO e PORTO (1992, p 56).

A inclusão vem resgatando valores que não são mais encontrados com facilidade na sociedade atual. MANTOAN (2013), o direito às diferenças destrói o modelo atual / sistema atual de significação escolar excludente, normativo,

elitista, com seus mecanismos de produção da identidade e diferença. Ela ainda reforça que ética a em uma dimensão crítica e transformadora se opõe à posição que é oposta à conservadora, que entende que as diferenças são feitas e refeitas já que vão diferindo infinitamente.

Como pontapé inicial para uma nova visão de educação para pessoas com deficiência, em 1994 foi promovida pelo governo da Espanha, em parceria com a 81.^a UNESCO, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, que acabou resultando em um dos documentos mais importantes para a promoção da educação inclusiva em todo o mundo, intitulada Declaração de Salamanca, que norteou caminhos e atitudes para se desenvolver uma educação de qualidade para todos os indivíduos.

A inclusão de pessoas com deficiência e de alunos sem deficiência surge legalmente no Brasil em 1996, através da LDBEN 9394/96, mas foi por meio do movimento Educação para Todos que este propósito teve início, previsto no artigo 26 da Declaração Universal de Direitos Humanos (UNESCO, 2010).

Nosso método foi criado em cima das dificuldades que as pessoas tinham, cognitivas, motoras, sociais, e isso é reforçado por GARDNER (1997), quando há o respeito pelo indivíduo em suas áreas de conhecimento. O que vem ao encontro de Mantoan (2003), que explica que o ensino curricular de nossas escolas, organizado em disciplinas, isola, separa os conhecimentos, em vez de reconhecer suas inter-relações.

As faixas etárias são respeitadas e seu processo de maturação cognitiva e motora. PIAGET (1981) enaltece as fases de desenvolvimento, dando a oportunidade para o professor compreender qual é o processo de ensino-aprendizagem mais indicado no momento em que esta criança se encontra. No caso das pessoas com deficiências, deve-se ater ao fato de que

muitas vezes a idade cronológica se difere da idade mental, ou motora, dependendo de cada especificidade, como explica MANTOAN (1998).

Apesar da preocupação com o processo de inclusão, no Colégio onde desenvolvemos este trabalho, só contamos com um aluno com deficiência intelectual, que no caso possui Síndrome de Down, a trissomia do cromossomo 21, que com essa anomalia genética requer atenção a algumas características que devem ser levadas em consideração pelo educador. Entre elas, a frouxidão ligamentar, que é uma tendência de tendões mais elásticos nas articulações que podem realizar movimentos mais amplos, e há uma possibilidade de lesão em utilização de métodos ativos de flexibilidade e a instabilidade atlantoaxial que é um espaço maior que o comum entre as vértebras cervicais C1 e C2, ambas as características citadas por ALMEIDA MATOS (2005). Já MOREIRA (2000) ressalta que aproximadamente 40% podem ter problemas cardíacos no período perinatal e 100% hipotonia, ou seja, uma redução do tônus muscular.

Para que este aluno fosse bem recebido, foi realizada, logo no primeiro dia, uma dinâmica dos nomes, em que com o som de cada sílaba o participante deveria falar e realizar um movimento corporal livre, a maioria dos alunos apresentou certa dificuldade em realizar a proposta devido excesso de timidez, muitos executaram movimentos simples que envolviam apenas as articulações do punho, ou dos cotovelos. Como já conhecia bem o Bernardo e sabendo de sua facilidade de flexibilidade existente, sugeri que ele utilizasse três chutes, e para a surpresa de toda a classe, ele fez três chutes, sem descanso para a perna, ou seja, sem apoiá-la no solo e com o último com um ângulo aproximadamente de 180°; todos os alunos o aplaudiram, e a partir daquele momento pediam pro Bernardo ensinar o movimento que ele havia realizado e deixaram apenas de perceber as características físicas visíveis deste menino e começaram a valorizar seu talento.



Figura 20: Fotografia montada em sequência de Mestre Márcio e o aluno Bernardo Zamari Diogo em seu primeiro dia de aula no Colégio Anglo Santos - 2016

CAPÍTULO 3 – A INTERDISCIPLINARIDADE POR MEIO DA CAPOEIRA

Desde sua origem, a capoeira não foi específica, o escravo fugitivo da fazenda precisava de um conhecimento naturalista para sobreviver nas matas, corporal e espacial para correr e se defender, interpessoal, quando pensava na liberdade de seu povo, e intrapessoal para as emoções não dificultarem sua sobrevivência.

De acordo com GOULART (1972), os negros que não suportavam aquele período, se suicidavam, porém alguns ousavam a buscar a liberdade e a experiência na selva africana, ajudava em conjunto com sua ânsia, a busca da libertação.

Atualmente há especificidades em diversos campos, como a medicina, por exemplo, onde percebemos especialistas em cada área. O educador, ou até mesmo o mestre de capoeira precisa compreender desde seus conteúdos, mas diversas vezes agir como um conselheiro, orientador e referência para seus discípulos. TORRES & MENESES (2002) definem os educadores como agentes de experiências vivenciadas e referenciais para a formação do indivíduo.

3.1 Interdisciplinaridade

Temos a consciência que o mundo mudou, nossos alunos mudaram, e a escola? Ela acompanhou o mesmo ritmo de mudanças, ou ainda caminha em passos de formigas?

A Interdisciplinaridade é uma nova atitude frente à questão do conhecimento de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentes expressos colocando-os em questão, promovendo o debate, a discussão, em um continuado processo epistemológico que visa à melhora constante da educação. A troca com outros saberes e a saída de

anonimato, características dessa forma especial de postura teórica, têm que ser cautelosas, exigem paciência e espera, pois se travestem de sabedoria na limitação e provisoriedade da especialização adquirida (FAZENDA, 1991).

Sempre acreditando em uma escola 'Para Todos', SAVIANI (2011) cita que, quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos ela foi democrática. E no apêndice "teoria da curvatura da vara", o autor expõe que não é suficiente apontar para concepção correta: é preciso também que as certezas sejam abaladas. Entra a questão da Complexidade entre a mercadologia e humanística.

A função compensatória da escola em relação às diferenças sociais de origem dilui-se no terreno das declarações de princípio, como bem demonstra a orientação homogeneizadora da escola, pois não suprime senão que confirma – além disso, legítima – as diferenças sociais, transformando-as em outras de caráter individual, é o que cita SACRISTÁN (2000), reafirmando que precisamos respeitar as diferenças e compreender as formas mais variáveis de ensino-aprendizagem. Para as posições progressistas, o conteúdo é mais do que uma seleção de conhecimento e cultura. É também um projeto transformador.

A capoeira em todo seu contexto histórico tem o caráter cooperativo e de busca de uma igualdade social. REGO (1968) aborda que o processo de pluralidade cultural em que a capoeira passou a demonstrar indicativos dessa cooperatividade de sua origem, desde a criação dos quilombos: a capoeira como luta de libertação, a capoeira enquanto arte popular, ou, nas palavras dos autores DE OLIVEIRA SILVA & HEINE (2008), a capoeira jogamos com o outro e não contra o outro.

Compreender que uma ferramenta pode agregar valores motores, de velocidade de reação, que reforça a contextualização histórica, o ritmo e, ao mesmo tempo, criar uma sinergia entre o interpessoal e o intrapessoal, é o

nosso alicerce para difundir esta prática que acima de tudo busca respeitar qualquer diferença étnica, religiosa, de opção sexual e, além de todos os aspectos, ainda fortalece a noção de gênero e inclusão social.

A Lei 10639, BRASIL (2005), em seu conteúdo, explica sobre a difusão da cultura afro-brasileira, no âmbito cultural, educacional e contextual e obriga todas as instituições de ensino a oferecer este conteúdo dentro de seus componentes curriculares, ou até mesmo oferecer mecanismos, como intuito de inserir esta discussão em forma de disciplina.

MANTOAN (2003) frisa que: “O direito às diferenças destrói o modelo atual / sistema atual de significação escolar excludente, normativo, elitista, com seus mecanismos de produção da identidade e diferença”.

MUNANGA (2013) salienta que é dever do educador reconhecer o Brasil como um país que nasceu do encontro das diferenças, das culturas e das civilizações. Não podem ser negadas contribuições dos povos indígenas que aqui estavam, dos colonizadores portugueses e europeus de várias origens que aqui chegaram como imigrantes e dos africanos que foram transportados e trazidos para cá contra a sua vontade, vítimas de um processo mercantilista fundamentado na falácia de que os negros eram seres inferiores e de que, supostamente, isso justificava a escravidão.

De acordo com MACHADO (1999), as diferentes estruturas da ação humana, projetadas na categoria do tempo são discriminadas pelo olhar do historiador, que, ao se utilizar de diferentes estratégias analíticas, técnicas de pesquisa e conjuntos documentais, construiu narrativas históricas que expressariam as vicissitudes das diferentes dinâmicas da história. Era uma construção da história sem uma visão neutra, e sim de um colonizador.

BHAABA (1998) enfatiza a necessidade da quebra das visões culturais que se pautam pela busca da homogeneidade e continuidade, propondo um território de reflexão no qual “os limites epistemológicos das ideias etnocêntricas são também fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes dissonantes”. Não compreender que dentro de um grupo de indivíduos existe a heterogeneidade é uma falta de compreensão de educação como meio de cidadania, e o papel do educador é o contrário, atender em todos os aspectos criando metodologias que vão proporcionar o processo de ensino aprendizagem.

MACHADO (1999) conceitua que, à medida que a disciplina histórica e também a antropologia e a crítica literária têm pensado sobre o estatuto específico de uma história da cultura menos etnocêntrica, novos conceitos e concepções de temporalidade têm vindo à tona e fortalecem reflexões para estudiosos do mundo pós-colonial ou em processo de descolonização. Esta história seria necessariamente menos inclusiva e mais complexa em seus termos, porque arredia à absorção dócil aos padrões de uma história que pressupõe como perspectiva única.

HALL (1992) afirma que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual se erigiu uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto "vívida" quanto "conceptualizada" de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Uma escola que deve ser libertadora vem ao encontro aos discursos de LUCKESI e SAVIANI, deve-se, assim, aproveitar a vivência motora, social e individual de cada aluno, que respeita sua individualidade biológica e social, mais ainda, reúne o saber popular e o academicismo, para constituir uma sociedade igualitária.

Howard Gardner (1993), com sua Teoria das Inteligências Múltiplas Psicomotoras, abre um parâmetro de maior abrangência para respeitar diversos saberes, e em cima deles inseri a metodologia do “Projeto Capoeira

Escola” e percebi, ainda aluno do curso de Educação Física, que a Capoeira poderia desenvolver diversas inteligências citadas por Gardner e, assim, contribuir para a interdisciplinaridade no ambiente escolar.

Há uma extrema dificuldade em quebrar um paradigma da marginalização da capoeira na sociedade brasileira, que hoje ainda confunde a capoeira com a relação da religião de matriz africana, e mesmo com a falta de compreensão de uma escola laica, em que apenas o discurso é aparente, mas em sua prática muitos sofrem com a discriminação étnico-religiosa, como cita FISCHIMANN (1998).

Segundo dados do IBGE (2010), o Brasil é um país que possui uma rica diversidade religiosa. Em função da miscigenação cultural, fruto dos vários processos imigratórios, encontramos em nosso país diversas religiões. Por possuir um Estado Laico, o Brasil apresenta liberdade de culto religioso e também a separação entre Estado e Igreja.

Seguem os dados abaixo do Censo realizado pelo IBGE (2010):

- Católica Apostólica Romana: 64,6%;
- Evangélica: 22,2%;
- Espírita: 2%;
- Umbanda e Candomblé: 0,3%
- Sem religião: 8%
- Outras religiosidades: 2,7%
- Não sabe / não declarou: 0,1%

Esta influência da religião Católica Apostólica Romana é evidente, inclusive no jogo da capoeira, onde muitos realizam o “sinal da cruz” antes de adentrarem a roda. O que não era claro é que esta expressão era feita para os praticantes de capoeira na época da marginalização como disfarce, seja ao feitor, ou posteriormente à polícia na era da República. PRANDI (2004) explica que ao longo do tempo, houve transformações no processo que orientou a

constituição das religiões dos deuses africanos no Brasil, o culto aos orixás primeiro misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro, forjando-se o sincretismo.

De acordo com COLUMA & CHAVES (2013), a partir da década de 1990, começa a existir um movimento denominado como capoeira evangélica, que, em oposição às raízes religiosas afro-brasileiras, sugere mudanças nos rituais tradicionais da capoeira. Um exemplo disso foi a retirada do atabaque, os toques de berimbau com nome de santos católicos são poucos ou quase nunca utilizados por alguns desses mestres, pois, segundo seus preceitos religiosos, os santos da Igreja Católica não têm representatividade sagrada, razão pela qual músicas são adaptadas e, até mesmo durante eventos de capoeira, são entoados hinos evangélicos.

Todos estes conceitos devem ser respeitados pelos educadores, para que alunos das mais diversas orientações religiosas, sociais e outros fatores sejam bem recebidos e valorizados, sem menosprezar ou elencar medidas de valores para específicas tendências.

3.2. O Educador como mediador Interdisciplinar

O educador que assume a responsabilidade de desenvolver a prática da capoeira no ambiente escolar deve compreender todo este processo inclusivo citado anteriormente, carregando ainda preconceitos de uma sociedade ainda eurocentrista, e segundo VIEIRA (2006) que vê o Brasil como fundamental para o entendimento da diáspora africana no mundo. Assim, há uma tendência com ainda mais a eficácia de comprovar os diversos benefícios encontrados nesta modalidade, como DE OLIVEIRA SILVA & HEINE (2008) enfatizam que a capoeira como agente psicomotor.

Essa preocupação ainda é maior quando esta prática é inserida como componente curricular, tendo a obrigatoriedade da participação de todos os educandos. Nesta ocasião, o professor deve analisar as estratégias propostas

para conquistar as classes que participarão destas aulas, ANDRADE (2010) enfatiza a relação de professor-aluno e a dedicação que o educador deve oferecer para atender a esta demanda.

Deve ter os conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais da história que envolve o surgimento deste legado afrodescendente, como da amplitude corporal que a capoeira possa atuar, motricidade, musicalidade e contextualização histórica, orientados por valores sociais, morais, éticos e estéticos próprios de uma sociedade plural e democrática, assim deverá como ponto de partida realizar uma anamnese, que é fundamental para o reconhecimento da clientela. O aluno inicia seu aprendizado muito antes de chegar à escola, mas o aprendizado escolar vai introduzir elementos novos no seu desenvolvimento.

BETTI & ZULLIANI (2009) fortalecem este entendimento ressaltando que o rendimento ideal não é só intelectual, mas considera aspectos amplos da personalidade, como as facetas afetiva, social e corporal. “Continuo buscando, re-procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade” (FREIRE, 2005).

Buscando sempre uma atualização por meio das manifestações e expressões da capoeira e no campo da educação, com a evolução dos processos pedagógicos e didática específica, ele deverá por meio de avaliações identificar seus alunos, além da anamnese, respondida em conjunto com a família, realizando exames biométricos, testes de motricidade como o KTK e o TGMD 2, são interessantes por analisar o nível de desenvolvimento motor destes alunos.

GUEDES (1996), ao enfatizar a importância do princípio da individualidade, respeita desta forma o professor como mediador para

especificar seus estímulos respeitando a heterogeneidade, ou seja, a individualidade biológica e social de cada educando. A capoeira oferece possibilidade de amplas nuances, visando à formação corporal, do caráter e enriquecimento cultural da sociedade.

FAZENDA (2010) cita que a interdisciplinaridade é uma ferramenta difícil em ser utilizada, pois muitas vezes não depende somente do educador que toma a iniciativa, mas também de seu colega, que às vezes não quer sair de sua “zona de conforto”, porém compete ao educador oferecer possibilidades diversificadas para seus educandos. Porém é crucial para que a capoeira não esteja in loco, e seja compreendida como uma possível ferramenta para se aprender história, geografia, ciências, língua portuguesa, matemática, educação física.

O Projeto, portanto, incitou o desenvolvimento das inteligências múltiplas psicomotoras de GARDNER (1993), que tem como exemplo a inteligência lógico-matemática. Esta inteligência é caracterizada pela capacidade de raciocínio lógico e resolução de problemas matemáticos, por meio dos cálculos, atribuindo hipóteses e fazendo operações aritméticas mais complicadas. Na capoeira, a contagem de tempo pelo ritmo de palmas, os toques dos instrumentos musicais, as pausas, aceleração e cadência nos cantos podem ser atribuídos também pela facilidade desta inteligência específica.

Na composição de arranjos musicais, ritmos, letras e melodias, identificamos a inteligência musical. Na capoeira, a musicalidade deve ser respeitada pelos jogadores, o berimbau gunga, seus repiques podem significar início ou término de um jogo, assim como as canções específicas ou até mesmo versos repentinos criados pelo mestre momentaneamente.

Já a inteligência linguística é identificada por ser a inteligência de pessoas que usam a linguagem como forma de sua expressão, os poetas,

escritores, apresentadores, e na capoeira, a habilidade de criar uma cantiga, os ensinamentos e os conselhos do mestre, além de toda sua explicação da contextualização histórica, deve vir de acordo com a especificidade de seus alunos, não se referindo apenas à comunicação oral, mas também a outras formas de comunicação, como a comunicação escrita e a gestual. E o gestual do capoeirista fica ainda mais evidenciado no jogo, ao se referir a um ataque recebido, um chute deferido, ou uma música provocativa que foi assimilada por quem estava jogando. FERREIRA (2012) explica que esta inteligência resulta evidentemente nos indivíduos sensíveis à melodia, ao ritmo, ao tom e à harmonia.

A inteligência espacial, segundo CUNHA (2016), proporciona a capacidade de manipular formas ou objetos mentalmente, além de perceber a relação espaço-temporal, por exemplo, um piloto de automobilismo que em milésimos de segundo, com uma velocidade superior a 300km/h, faz uma curva sem sair da pista, ou até mesmo realiza uma ultrapassagem. Na prática da capoeira percebemos o volume de golpes deferidos próximos dos jogadores sem a necessidade do contato, com um sincronismo que é dado por meio desta inteligência, facilitada pelo equilíbrio, força e flexibilidade.

GARDNER (1993) descreve a inteligência corporal cinestésica como a inteligência de pessoas dominam o corpo, modificando e aperfeiçoando objetos, como é o caso dos artesões numa coordenação motora fina, mas também atribuída aos atletas de alto desempenho que lidam com altas frequências de batimentos cardíacos, resistência muscular localizada, hipertrofia muscular, velocidade, flexibilidade, em dificuldades extremas psicológicas sem afetar o resultado esperado. Habilidade em que a capoeira enfatiza todos estes aspectos motores, de controlar o próprio corpo, realizar movimentos contra a ação da gravidade, no ritmo dos instrumentos, se esquivando e organizando sinapses simultâneas para esquivas e contragolpes.

A inteligência emocional é dividida entre a intrapessoal e a interpessoal, MARTIN (1997) corrobora com este dado, citando que a inteligência a inteligência emocional é realizar a transmissão de conhecimentos e informações, compreendendo a diversidade da população. Corroborando, neste sentido, GARDNER (1993) especifica, na inteligência interpessoal, a capacidade de compreender e interagir com os demais. Na capoeira a emoção de entrar na roda, ser o centro das atenções, o medo de errar, ou até mesmo de ferir ou ser ferido, pois em qualquer modalidade esportiva podem ocorrer acidentes, controlar hormônios como a adrenalina, nora adrenalina, durante situações da roda, tudo isso remete à inteligência intrapessoal. Na interpessoal, a capoeira tem uma grande vantagem, diversas possibilidades de se respeitar em grupo, principalmente pela quantidade de opções de contribuição no processo da roda da capoeira. O praticante pode ser bom nos movimentos gerais, ou bom de esquiva, ou bom de chutes, ou nas acrobacias tem facilidade, ou, se não há uma aptidão física, pode ter uma habilidade musical, e temos cinco instrumentos ainda como subopções, berimbau, que na verdade são de três tipos, o gunga, médio e viola, temos o pandeiro, o agogô, o reco-reco e o atabaque. Mesmo assim, se ele gosta de música, mas não tem a coordenação motora necessária para tocar, o aluno pode cantar, e são quatro tipos de músicas, a ladainha, a saudação, as quadras e os cantos corridos. Se ainda assim ele não tem esta possibilidade de destaque, ainda há a contextualização histórica, compreender o processo de origem e evolução da capoeira, a memorização de fatos e de acontecimentos históricos é remetida à Inteligência Contextual.

Outra inteligência que podemos correlacionar com a capoeira é a inteligência naturalista, que permite reconhecer a natureza, fenômenos naturais, clima, fauna, flora. O índio e o negro dominavam esta habilidade por muitas de suas tribos conviverem em selvas, identificando alimentos, perigos e, no caso da capoeira, matéria-prima para confeccionar instrumentos musicais.

3.3 A Capoeira Interdisciplinar

De acordo com DE OLIVEIRA SILVA & HEINE (2008), a capoeira é uma ferramenta psicomotora que busca a cidadania. E com certeza essa deve ser a postura adotada pelos educadores que difundem esta prática. Ministrando uma aula de capoeira, ainda com resquícios do tempo da escravidão, é um desserviço para a evolução desta prática.

Segundo BOMFIN (2010), a capoeira foi uma luta e uma atividade pouco difundida em sua essência e hoje ela pode ser um importante instrumento cultural e educativo. Não há possibilidades de propagar uma atividade que lesiona, ou fortalece o sentido competitivo destrutivo, violento. Com o embasamento científico percebemos que deve ser aplicada em caráter educacional e, ao ser realizada no ambiente escolar, deve se apropriar do sistema de ensino da escola onde ela se encontra, dos componentes curriculares e de seus conteúdos programáticos. Caminhando nesse raciocínio, falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo ou didática. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer igualmente uma profunda pesquisa sobre as potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem os estiver praticando ou pesquisando, como cita (FAZENDA, 2003).

Na prática da capoeira na escola, atividades segundo DE OLIVEIRA SILVA (1985), como “Pega-pega da Capoeira”, “Escravo X Capitão do Mato”, algumas que recriamos como “Escravo sai do Quilombo” e outras, colaboram com este desenvolvimento de ensino, reforçando ainda alguns benefícios corporais facilmente encontrados na Educação Física, como a cooperação, agilidade, consciência corporal e espacial.

Fica muito mais estimulante uma aula em que são respeitadas as diversas possibilidades de aprendizado humano, como o auditivo, o visual e o cinestésico. OLIVEIRA, MAURELL e DA COSTA (2015) explicam que assim a

compreensão é maior do aprendizado, utilizando-se o lúdico como uma ferramenta com objetividade, principalmente à criança que necessita deste ambiente mais agradável.

3.3.1. Atividades interdisciplinares

Com a finalidade de estimular e ainda reunir conceitos de ciências sociais, língua portuguesa, ciências naturais, ética e cidadania, educação física e até mesmo matemática, alguns jogos que implementamos no Projeto Capoeira Escola nasceram de vivências com mestres como Gladson de Oliveira Silva, Fábio Brotto e outros de nossa própria autoria, correlacionando o lúdico como ferramenta para compreender a contextualização histórica, ou a musicalidade e os movimentos da capoeira.

- Atividade lúdica de caráter contextual histórica 1: “Pega-pega da capoeira”

Objetivo: Identificar o papel do capitão do mato, que na época tinha como meta capturar os negros fujões, aqui a capoeira entra em caráter de autodefesa e, ao mesmo tempo, cooperativa desenvolvendo noção espacial, velocidade de reação e contextualização histórica.

Os “negros”, possivelmente sem camisas, ou com as calças dobradas na parte inferior, para recriar a indumentária da época, deverão fugir do “capitão do mato”, ou capitães (caso seja mais de um) que também estarão ou com um “cavalo” (cabo de vassoura) ou apenas identificados com um chapéu, os quais deverão tentar pegar os escravos, encostando nestes, estes por sua vez poderão se salvar mutuamente, pois aquele que for pego realizará uma esquiva, e permanecerá neste movimento estático até que outro negro, que esteja livre, aplicar um chute por cima deste na esquiva, fazendo assim um “pega-pega duro ou mole”, dando sentido de cooperação que surgiu no quilombo e o surgimento da capoeira e busca da liberdade. Variáveis de movimentos, quantidades de escravos ou capitães do mato são possíveis. DE

CARVALHO et al (2017), explica que é fundamental ao se oferecer um trabalho onde a africanidade tem uma importância adequada, exemplos do cotidiano em que o povo africano vivia.

- Atividade lúdica de caráter contextual histórico 2: “Escravo e capitão do mato”

Objetivo: Jogo cooperativo, no qual identificamos a capoeira como mata onde os negros se escondiam, e a figura do capitão do mato tenta pegar os negros fugitivos da fazenda, desenvolvendo inteligência espacial, corporal-cinestésica, agilidade.

Em formato de roda, todos de mãos dadas, com exceção de dois integrantes, os quais irão ser identificados, um como “escravo”, que se encontrará dentro da roda, e o outro, como “capitão do mato”, que ficará fora da roda.

O capitão do mato deverá tentar adentrar a “mata da capoeira” (que será todo o restante do grupo de mãos dadas em roda), os demais tentarão impedir sua entrada, protegendo o escravo, não valendo flexionar os joelhos ou andar para frente, reduzindo o diâmetro da roda, apenas valendo afastamento lateral. Se por um acaso o capitão do mato conseguir adentrar a roda ao menos com seu braço, ou sua cabeça, será permitida sua entrada, devendo o escravo por sua vez sair da roda para fugir do mesmo, assim que o capitão do mato conseguir pegar troca-se a dupla, ou invertem-se os papéis; se não houver o êxito, depois de um tempo determinado, também se trocam as duplas, ou podendo ser números variados de escravos e capitães do mato, buscando-se, mais uma vez, o sentido de cooperação, agilidade, estratégia, inteligência espacial e corporal e reforçando a história do período do Brasil Colonial. FORATO, (2006) reforça a tese das Leis de Isaac Newton onde toda ação tem uma reação, e esta atividade reforça ainda mais a velocidade de reação.

- Atividade lúdica de caráter contextual histórico 3: “Escravo sai do quilombo”

Objetivo: Conceituar quilombos, mocambos, finalidades da sociedade naquela época, cooperação, desenvolvimento de velocidade de reação, noção espaço-temporal, contextualização histórica.

Dividindo os participantes em trios, os quais deverão formar um “Quilombo”, entrelaçando as mãos um de frente para o outro (em dupla), sendo um dos integrantes agachado na posição da esquiva “cocorinha” dentro do quilombo, sendo denominado como escravo. Dois dos integrantes do grupo deverão sobrar, sendo um identificado com chapéu e chicote e o outro como escravo, exatamente como todos os outros integrantes de dentro dos diversos quilombos, que deverão ser identificados com os nomes dos quilombos que existiram no Brasil, como Palmares, Jabaquara, Pai Felipe entre outros. Assim que o professor der a voz de comando para iniciar a atividade, o escravo fujão deverá entrar o mais rápido possível em algum quilombo, o escravo que estiver dentro deste quilombo deve dar espaço ao escravo que estiver entrando, correndo para outro quilombo, fugindo do outro integrante que ficou de fora, o capitão do mato. Se por um acaso ele conseguir pegar algum escravo fora dos quilombos, automaticamente eles trocam de funções, o capitão do mato vira escravo e vice-versa. Mais sentido de compreensão histórica, geográfica e cooperativa. Deve-se pedir uma pesquisa sobre quilombos no Brasil em aulas anteriores, para que a nomeação de cada quilombo se torne mais fácil e fidedigna com a história.

- Atividade lúdica de caráter contextual linguística 1: “Negro fala e ginga”

Objetivo: Desenvolver habilidades simultâneas, coordenação motora dinâmica, e compreensão de palavras dos dialetos africanos e sua influência na língua portuguesa.

Os participantes deverão realizar, em duplas, movimentos da capoeira e palavras dos dialetos africanos incorporados na língua portuguesa simultaneamente, sem repetir, e, ao som da troca de toque de berimbau, deverão trocar de duplas.

A velocidade de reação pode ser definida como a “velocidade com a qual um atleta é capaz de responder a um estímulo” (Tubino, 1984). Esta velocidade se refere a todas as formas de movimento, já que é a capacidade de reagir a um estímulo no menor tempo possível, o que é muito treinado na prática da capoeira, com seu desenvolvimento de ataque e esquivas, por meio dos quais os jogadores desenvolvem na roda um verdadeiro “diálogo corporal” com perguntas e respostas motoras, durante o ritmo dos instrumentos.

Uma pesquisa prévia deve ser feita, para utilizarmos as palavras provenientes das línguas iorubá ou jeje e o quimbundo. PESSOA DE CASTRO (2001) explica que durante todo o século XVI, os portugueses detinham o monopólio do tráfico, desde o porto de Arguim, as ilhas de Cabo Verde, até o forte de São Jorge de Mina (até 1637), recebendo milhares de africanos, sendo assim, a língua portuguesa recebe a influência desses dialetos, que, por sua notoriedade, acabam sendo incorporados ao nosso idioma. Algumas dessas palavras podemos observar abaixo:

AXÉ - poder, energia ou força presente em cada ser ou em cada coisa.

BAGUNÇA – desordem, confusão, baderna, remexido.

BANZÉ – confusão, barulho.

BATUCAR – repetir a mesma coisa insistentemente.

BELELÉU – morrer, sumir, desaparecer.

BERIMBAU – arco-musical, instrumento indispensável na capoeira.

BIBOCA – casa, lugar sujo.

BUNDA – nádegas, traseiro.

CACHAÇA – aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel ou barras do melaço.

CACHIMBO – pipo de fumar.

CAÇULA – o mais novo dos filhos ou irmãos.

CAFOFO – quarto, recanto privado, lugar reservado com coisas velhas e usadas.

CAFUNÉ – ato de coçar, de leve, a cabeça de alguém, dando estalidos com as unhas para provocar o sono.

CALANGO – lagarto maior que lagartixa.

CAMUNDONGO – ratinho caseiro.

CANDOMBLÉ – local de adoração e de práticas religiosas afro-brasileiras da Bahia.

CANGA – tecido utilizado como saída de praia.

CANGAÇO – o gênero de vida do cangaceiro.

CAPANGA – guarda-costas, jagunço.

CAPENGA – manco, coxo.

CARIMBO – selo, sinete, sinal público com que se autenticam os documentos.

CATINGA – cheiro fétido e desagradável do corpo humano, certos animais e comidas deterioradas.

CHIMPANZÉ – espécie muito conhecida de macaco.

COCHILAR (a ortografia correta deveria ser cochilar) – dormir levemente.

DENDÊ – palmeira ou fruto da palmeira.

DENGUE – choradeira, birra de criança, manha.

FUNGAR – aspirar fortemente com ruído.

FUZUÊ – algazarra, barulho, confusão.

GANGORRA – balanço de crianças, formado por uma tábua pendurada em duas cordas.

JILÓ – fruto do jiloeiro, de sabor amargo.

MACUMBA – denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras.

MANDINGA – bruxaria, ardil, mau-olhado.

MARIMBONDO – vespa.

MAXIXE - fruto do maxixeiro.

MINHOCA – verme anelídeo.

MOLEQUE – menino, garoto, rapaz.

MOQUECA – guisado de peixe ou de mariscos, podendo também ser feito de galinha, carne, ovos etc.

MUCAMA – criada, escrava de estimação, que ajudava nos serviços domésticos e acompanhava sua senhora à rua, em passeios.

QUIABO – fruto do quiabeiro.

QUILOMBO – povoação de escravos fugidos.

SENZALA – alojamentos que eram destinados aos escravos no Brasil.

SUNGA – calção de criança.

TANGA – tapa-sexo.

TITICA – fezes, coisa sem valor, excremento de aves.

ZABUMBA – bombo.



Figura 21: Foto da MOSTRA DE ARTE E CULTURA ANGLO SANTOS 2016, RITMO, PALAVRAS DESCENDENTES DE IORUBÁ E CAPOEIRA.

- Atividade lúdica de caráter lógico-matemático: “Atividade do 1, 2, 3!”

Objetivo: Desenvolver a coordenação motora dinâmica, raciocínio lógico-matemática, ritmo e socialização.

O tempo gasto para reagir a um estímulo influencia diversas situações cotidianas, como o raciocínio para responder uma questão em prova, em qualquer modalidade esportiva, fundamentos como passe, recepção, finalização, defesa, ou até mesmo para situações de perigo eminente. Sendo assim o jogo “1, 2, 3” se dá com a participação em dupla, a qual cada um, de

forma intercalada, deverá realizar uma contagem numérica crescente de 1 a 3, sem parar, ao chegar no n.º 3 este processo recomeça, só que de maneira que o primeiro a falar, por se tratar de uma contagem ímpar, troca-se constantemente em seus recomeços, alterando quem fala os números ímpares (1 e 3) e o número para (2) da sequência, só que para dificultar e desenvolver o processo associativo cerebral, quem falar o número um deverá bater uma palma, o número dois mostra a língua, e o número três eleva os ombros, e simultaneamente os participantes deverão estar gingando conforme o ritmo empregado pelos instrumentos musicais da capoeira.

- Atividade lúdico de inteligência corporal e espacial 1: “Ginga das cadeiras”

Objetivo: Flexibilidade, noção espacial, velocidade de reação, treinamento específico para movimentos da capoeira.

Durante o treinamento de movimentos, em qualquer desenvolvimento de prática de ensino, as repetições são essências para um bom desempenho, como cita RIBEIRO & TEIXEIRA (2008), para a criança a atividade lúdica e o desafio são incorporados nesta dinâmica que eles não percebem o grande número de repetições efetuadas durante o treino. Nessa atividade, cada educando deverá realizar os movimentos propostos sobre sua cadeira, melhorando, desta forma, sua noção espacial, flexibilidade e equilíbrio, e, assim que a bateria dos instrumentos da capoeira parar, todos deverão sentar o mais rápido possível, aquele que for o último, deverá realizar uma quantidade do valor total da ordem da tabuada em questão de exercícios de esquiva pertinentes aos chutes que treinou, por exemplo: Treinou sobre a cadeira o chute “benção”, a “negativa” é uma esquiva que serve para fugir deste chute, ele deverá fazer a quantidade do valor da tabuada do dois, duas vezes dois é igual a quatro, sendo assim ele deve quatro negativas, e este número total vai subindo na sequência das próximas paralisações. Uma variável é estabelecer que o aluno não deva sentar antes de dar uma volta sobre a cadeira, ou deverá sentar em outra cadeira, e também podemos ir tirando as cadeiras para

dificultar ainda mais este processo e perceber mais ainda a noção espacial, velocidade de reação e estratégias. Interagindo com a matemática, o último que sentar, para fugir do “castigo”, o qual muitas vezes era empregado pelos Senhores de Engenho aos escravos, deverão acertar uma conta, uma tabuada, etc.

- Atividade lúdico de inteligência corporal e espacial 2 “Volta ao mundo, camará”

Objetivo: Compreender o sentido de direção, respeito, noção espacial, velocidade de reação e contextualização histórica.

Em formato de círculo, o educador solicita que no sentido horário, os alunos acompanhem o fluxo, por meio de uma palma, e a palavra “Iê”, que na capoeira, significa atenção. É por meio deste grito que se inicia uma ladainha no início de uma roda, e os alunos precisam se familiarizar com este contexto. Após a volta se completar, realiza-se o movimento inverso.

Na sequência, é incorporada a palavra “axé”, que representa energia presente em alguém, se na roda o fluxo está no sentido horário por meio da palavra “iê” e um dos componentes decidir que quer trocar a direção, ele vira para pessoa anterior e diz a palavra “axé”, levantando seus braços, mudando assim o sentido da roda, cada componente só pode utilizar esta palavra duas vezes, para que todos possam participar e para que alguns não limitem o fluxo em um determinado local do círculo. Neste momento, até mesmo para evitar a demora da participação de alguns componentes do círculo, insere-se a palavra “berimbau”, que, como citamos anteriormente, é o principal instrumento da capoeira. Caso alguém não queira seguir o fluxo e decida pular algum colega ou mandar para o outro lado da roda, é só falar a palavra “berimbau” e apontar com os seus braços como se estivesse segurando este instrumento para a pessoa que você quer que reinicie o fluxo, que deverá obrigatoriamente escolher um dos lados e seguir com a palavra “iê”.

Continuando a inclusão de algumas palavras, a próxima é “cavalaria”. Segundo MELLO (2012), a polícia pós-escravidão vinha a cavalo retirar os capoeiristas que estavam em praça pública, no berimbau era tocado o toque de cavalaria como aviso para debandar ou representar a capoeira como dança, apresentação cultural, assim, quando o professor decidir gritar cavalaria, todos os integrantes do círculo deverão trocar de lugar com a pessoa que está à sua frente o mais rápido possível, o último que alcançar a seu lugar deverá realizar repetições de movimentos em forma de castigo.

Finalizando a atividade, insere-se a palavra “camará”, que se refere a amigo, companheiro, muito utilizada nas rodas de capoeira, com este comando, que será dado também pelo professor, os alunos deverão correr para o centro da roda, abraçar alguém e voltar abraçado em dupla, ou em grupos com a quantidade que for solicitada para a margem do círculo.

- Atividade lúdico de inteligência corporal e espacial 3 “Capoeira me chama”

Objetivo: Ampliar as condições físicas na roda de capoeira, respeito à bateria dos instrumentos, agilidade, e velocidade de reação.

Os alunos deverão ser divididos em quatro rodas de capoeira; na roda 1, eles deverão jogar em duplas, utilizando apenas movimentos com as mãos no solo, os demais deverão bater palma e cantar, aguardando sua vez para jogar. Na roda 2, os alunos deverão jogar sem utilizar as mãos no chão. Na roda 3, os alunos deverão dar ênfase a movimentos acrobáticos; para cada movimento de ataque ou esquiva, deverão executar uma acrobacia. E na roda 4, eles deverão jogar livres, porém com “jogo de compra”, em que o componente que está à espera entra na roda para jogar com um dos jogadores que lá já estava, o outro deve sair e esperar sua próxima oportunidade, todos os demais que estarão sentados nas respectivas rodas deverão bater palma e cantar, aguardando sua vez para jogar.

No momento em que a bateria dos instrumentos musicais parar, os dois jogadores que estão jogando no centro de suas respectivas rodas deverão correr para sentar nas cadeiras que estarão no centro da sala/quadra. Porém só teremos seis cadeiras, para oito corredores, dois ficarão sem, punindo, assim, toda sua equipe, que deverá realizar repetições de movimentos determinadas pelo professor. MACAMO e DE AZEVEDO (2013), explicam que diversas práticas corporais africanas continham ritmo e podem ser um bom instrumento nas aulas de educação física.

3.4 Atividades Musicais de Caráter Interdisciplinar

LOUREIRO (2007) explica que a música no ambiente escolar reproduz diversos benefícios, entre eles a utilização de diversos sentidos. Um dos principais aspectos que a música representa no processo de ensino-aprendizagem é o estímulo ao uso dos sentidos pelo aluno. Qualquer experiência musical, independentemente do estilo e dos instrumentos utilizados, promove maior habilidade de observação, localização, compreensão, descrição e representação em quem toca e quem ouve. A capoeira possibilita todo esse processo.

O estudante com ouvido treinado para a observação de letras contidas nas músicas poderá ser também um bom leitor e intérprete de textos. A criação de letras, rimas, a contagem musical para a organização da melodia favorecem inclusive a matemática, como o próprio LOUREIRO (2007) cita em sua obra.

3.4.1. Canções de contextualização histórica

Uma estratégia para a criança compreender a contextualização histórica, e ao mesmo tempo respeitar aqueles que possuem uma inteligência musical e inteligência contextual, é incorporar músicas de capoeira que citam momentos

históricos, facilitando inclusive a compreensão destes conceitos, saindo um pouco de sala de aula e oferecendo o cinestésico e o auditivo para um aprendizado ainda maior.

A música deve ser empregada nas escolas, segundo os PCNs (2006), ela deve ser difundida desde os módulos de movimentos e musicalidade pelo RCNEI, Referencial Curricular da Educação Infantil do MEC, como cita AQUINO (2011) e SANTOS (2016), que reforçam que as músicas de capoeira relembram fatos e acontecimentos históricos, favorecendo a interdisciplinaridade com ciências sociais:



Figura 22: Foto do Mestre Márcio com o 2.º ano A da Escola Anglo Santos durante a dinâmica do Navio Negroiro. 2017.

Exemplo1: “No sacolejo do navio” (Mestre Liminha, in memoriam)

“No sacolejo do navio que eu cheguei aqui;
Meio morto meio vivo;
Mas eu resisti;

E o meu corpo desceu leve;
 Desceu lá dos ares;
 Meio morto meio vivo foi o que me senti;

A sua chibata por mais que me bata;
 Se ela não me ataca, eu vou resistir;
 A sua chibata por mais que me bata;
 Se ela não me mata, eu volto a fugir; (bis)
 Mas quem nasceu pra ser guerreiro;
 Não aceita cativo;
 Por isso que eu fugi!(bis)
 Olé Olé;
 Olé, Zumbi!
 Olé Olé!
 Capitão da mata vem aí!”

Na música, do saudoso Mestre Liminha, vários elementos da história do Brasil colonial estão contidos e podem ser debatidos ou interpretados pelos alunos em aula, desde o processo do navio negreiro, até mesmo o trabalho escravo, as fugas e a criação dos quilombos. Dinâmica teatral do navio negreiro, com um coral de música é uma iniciativa simples que pode ser utilizada desde a caracterização dos personagens da história.

Exemplo 2: “Zumbi de Palmares” (Mestre Valtinho)

“Palmares cresce sem parar
 A lavoura cobre a região
 O herói de Ganga Zumba nasceu
 Com destino, traçado nas mãos!
 Nobre, forte, guerreiro,
 Que fez da guerra,
 A lenda de um herói!

Zumbi, Zumbi, Olha, Zumbi!” (Refrão)

Nesta música, criada pelo Mestre Valtinho da Senzala, por exemplo, podemos aplicar o conceito dos quilombos, que eram na maioria das vezes criados nos cumes dos morros, por estratégias militares. O mais populoso e que resistiu por 97 anos foi o “Quilombo de Palmares”, onde o primeiro rei foi Ganga Zumba, citado na música, e seu principal rei foi Zumbi, que coordenava a estrutura cooperativa do Quilombo, situado na Serra da Barriga, no município de União dos Palmares, em Alagoas. Além dos aspectos geográficos e históricos, claramente apresentados, a ética para debater a escravidão, a vida dos quilombos, seus ideais de liberdade e igualdade. SANTOS (1995) comenta sobre a trajetória de Zumbi de Palmares e o exemplo de organização cooperativa que ele deu no quilombo, a música pode ser uma estratégia de compreender uma história com mais estímulo, para facilitar o processo de ensino aprendizagem.

3.4.2 Músicas de jogo /Corridos e Quadras

O corrido é o canto mais utilizado nas rodas de capoeira, pode ser curto ou longo, ou seja, com a parte que só o cantador canta bem curta, dividindo a música com a participação de todos em forma de coro, e os longos com a participação do coro menor. É nesse momento, principalmente, que existe o improviso do cantador, e é provada sua sapiência, pois os cânticos executados têm que demonstrar os acontecimentos da roda, as quadras têm o mesmo significado, mas são formadas por 4 versos, como exemplo: Cuidados e avisos.

Exemplo1: “Cuidado moço, que essa fruta tem caroço”!(DP)

“-Cuidado, moço, que essa fruta tem caroço!

Cuidado, moço, que essa fruta tem caroço!

Você pulava muito,

No tempo que era moço,

Já está ficando velho,
 Veja as rugas em seu rosto!
 Cuidado, moço, que essa fruta tem caroço!
 Cuidado, moço, que essa fruta tem caroço!
 Mais vale a minha amizade
 Do que dinheiro no meu bolso,
 Pra quem sabe viver,
 Essa vida é um colosso!
 Cuidado, moço, que essa fruta tem caroço!
 Cuidado, moço, que essa fruta tem caroço!
 Cachorro que é esperto,
 Come a carne e rói o osso,
 A mulher, quando não presta,
 Mata o cabra de desgosto!
 Cuidado, moço, que essa fruta tem caroço!
 Cuidado, moço, que essa fruta tem caroço!"

Nesta música acima, a metáfora está presente, em relacionar fruta que tem caroço e sua deglutição, não tão fácil, com um jogador de capoeira difícil de se jogar, é um alerta que o mestre oferece ao seu educando que está jogando com um oponente perigoso e talvez desconhecido.

Exemplo 2: "Senhor São Bento" (DP)

"Essa cobra te morde, Ô Senhor São Bento; Ela vai te pegar, Ô Senhor São Bento; Cuidado com a cobra, Ô Senhor São Bento; Ela é venenosa, Ô Senhor São Bento; Ela quer te pegar, Ô Senhor São Bento; O buraco da cobra, Ô Senhor São Bento."

Exemplo 3: “Valha-me Deus, Senhor São Bento”(DP)

“Valha-me Deus, Senhor São Bento!
 Cuidado, negro, tem cobra dentro;
 Valha-me Deus, Senhor São Bento,
 Cuidado, negro, cuidado negro;
 Valha-me Deus, Senhor São Bento.”

Exemplo 4: “São Bento me chama”(DP)

“Ai, ai, ai, ai;
 São Bento me chama;
 Ai, ai, ai, ai;
 São Bento me quer;
 Ai, ai, ai, ai;
 E é jogo pra homem;
 Ai, ai, ai, ai; e também pra mulher;
 Ai, ai, ai, ai; São Bento me chama;
 Ai, ai, ai, ai; São Bento chamou;
 Ai, ai, ai, ai;
 Na academia de Pastinha;
 Ai, ai, ai, ai;
 João Pequeno é professor
 Ai, ai, ai, ai.”

Nas músicas acima, percebemos que os sujeitos das orações são principalmente a cobra, e São Bento. Referência São Bento... Segundo... São Bento era o santo protetor dos escravos, e a cobra, sempre se referiu ao animal selvagem que é sempre traiçoeiro.

Exemplo 5: “Não bate no menino” (DP)

“Não bate no menino,
 Que o menino logo cresce!
 Quem bate não se lembra,
 E quem apanha nunca esquece!
 “Não bate no menino,
 Que o menino logo cresce!
 Quem bate não se lembra,
 E quem apanha nunca esquece!”

Exemplo 6: “A bananeira” (DP)

“O facão passou em baixo,
 A bananeira caiu!
 E o facão era de aço,
 A bananeira caiu!
 Cai, cai, cai bananeira,
 A bananeira caiu!
 Cai, cai, cai bananeira,
 A bananeira caiu!”

Exemplo 7: “Jeito do corpo” (Lua Negra)

“Escorregar não é cair;
 É o jeito que o corpo dá!
 Escorregar não é cair;
 É o jeito que o corpo dá!”

As músicas acima evidenciam a questão da rasteira, ou do tombo, ou até mesmo da possibilidade de agressão na roda, muitas vezes de um capoeirista mais experiente em uma criança ou em um capoeirista com pouca experiência, que é o significado da música que fala: “Não bate no menino...”, a ideia principal é que o mundo dá voltas, e quem sofre um trauma tem dificuldade de esquecer, agora o causador desse trauma pode facilmente não lembrar. Já nas duas seguintes letras, o cair na capoeira é relacionado com problemas que podemos passar em nossas vidas, como o termo: “levanta, sacode a poeira e dá volta por cima” (referência), neste caso é um movimento que faz parte, a rasteira, metaforicamente explicitado como facção na primeira música.

Exemplo 8: “O mestre é bom” (DP)

“Ai, meu Deus!
 O que foi que aconteceu?
 Fui dar uma rasteira no mestre,
 Mas quem caiu fui eu
 Ô, o mestre é bom!
 Bate palma pra ele!
 Ô, o mestre é bom!
 Bate palma pra ele!
 É bom, é bom!
 Bate palma pra ele;
 Sabe jogar!
 bate palma pra ele;

Capoeira!

Bate palma pra ele.”

Exemplo 9: “Ao mestre, obrigado” (DP)

“Ao meu mestre,

Muito obrigado;

Pela capoeira eu poder jogar!

Pelo aú. Pelo s/dobrado;

Pela capoeira eu poder jogar!”

Nas músicas acima, o respeito ao mestre, ele como referência e o valor da gratidão são lembrados, contribuindo para o desenvolvimento do respeito e a disciplina dos alunos.

Exemplo 10: “Adeus” (DP)

“Eu vou-me embora, eu digo adeus:

Adeus, Boa viagem!

Adeus, adeus!

Boa viagem,

Eu vou-me embora;

Boa viagem,

Eu vou com Deus;

Boa viagem,

Nossa Senhora;

Boa viagem!”

Esta música se reporta ao fim da roda, ou fim da aula, os participantes que não jogaram têm a última oportunidade nesta cantiga.

Nestas situações, o aluno se identifica com esta ancestralidade do ritual da roda de capoeira, que tem como princípio o jogo da capoeira, um jogo que envolve um diálogo corporal entre os jogadores, de perguntas e respostas que vão de ataques deferidos por chutes, cabeçadas e acrobacias, além de respostas com esquivas, vindo seguidas de contra golpes da mesma forma, tudo isso seguindo o rito empregado pelos instrumentos musicais, que podem ser inclusive feitos pelos próprios alunos com materiais reciclados, e ~~conhecimento da flora~~ e madeiras específicas do meio ambiente. Além de cantos entoados com os significados vistos acima, oferece ao jogador uma técnica apurada para coordenar o seu ritmo, controle corporal cinestésico, inteligência espacial, conhecimento musical, contextual e linguístico, e dosar suas inteligências intra e interpessoal descobertas por GARDNER (1993), pois na roda, temos que haver certo cuidado para não machucar nosso oponente, que, na verdade, é o “camará”, palavra que significa amigo; sendo assim, você joga capoeira com e não contra seu semelhante, é como na vida, onde dependemos uns dos outros, tese essa reforçada por DE OLIVEIRA SILVA E HEINE (2006).

Uma proposta de ensino que aplica a interdisciplinaridade, com a possibilidade da aplicação na íntegra da Lei 10639, contribui para um ambiente escolar que foca, além da disseminação deste conteúdo, o aspecto de resgate da cidadania. Muitos docentes têm certa dificuldade de compreender o processo de ensino-aprendizagem humano, que deve ser respeitado. Schaffner & Buswell (1999), nos ensinam que o ser humano aprende no âmbito, visual, auditivo, cinestésico podendo, assim, alcançar uma autonomia, ou heteronomia como determina PIAGET (1980). Mas que fica ressaltado é a humanização das atividades, muito bem explicitadas por BROTTTO (1999), quando ao ressaltar a vivência de jogos cooperativos, busca a humanização, este resgate de valores que posso perceber que faz parte do âmago da capoeira, desde seus

primórdios em instinto de sobrevivência, e hoje é uma ferramenta para a cidadania, respeitando a etnia, classe social e diversos outros fatores. FREIRE (1997), ainda reforça a ideia das brincadeiras de rua e a valiosa experiência motora que era concedida por experiências lúdicas nas vias públicas, a capoeira pode ser a solução desta falta de motricidade em que hoje as crianças se encontram.



Figura 23: Fotografia das Alunas do Colégio Anglo Maria Clara Xavier e Manuela Peres em uma apresentação na UNIMES, Santos 2016.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS DA PESQUISA

“Quem vem lá sou eu;
Quem vem lá eu sou;
Berimbau mais eu;
Capoeira sou eu!” (D.P.)

A pesquisa contou com a colaboração da comunidade que envolve o colégio Anglo Santos, situado no Bairro do Boqueirão, na cidade de Santos-SP, contamos tanto com a colaboração dos profissionais, docentes e coordenação pedagógica, que atuam especificamente com os anos iniciais do ensino fundamental nessa escola, totalizando trinta e cinco profissionais, como também de cento e dez pais ou responsáveis dos alunos do 2.º ao 5.º ano, dos períodos matutinos e vespertinos, dos quais conseguimos a devolutiva do termo de livre esclarecimento em conjunto com a pesquisa. Foi esclarecido o intuito da pesquisa, e devidamente autorizada pela comissão de ética da Universidade Metropolitana de Santos com o CAAE 89934518300005509. A direção da escola se mostrou à disposição para colaborar no encaminhamento deste trabalho.

Houve a preocupação na formulação das questões para uma boa compreensão de todos os entrevistados; em relação ao corpo docente e coordenação pedagógica, foi deixada clara a importância da transparência das respostas, e que não seria afetada a relação interpessoal, independente dos resultados colhidos.

As questões a seguir fizeram parte dos questionários oferecidos, na primeira amostra o questionário enviado ao corpo docente e coordenação pedagógica e na sequência o questionário encaminhado aos pais com seus respectivos resultados demonstrados nos gráficos:

1-) Antes da Escola Anglo - Santos iniciar a prática do componente “Arte e Cultura”, qual era sua principal imagem a respeito da “capoeira” ?

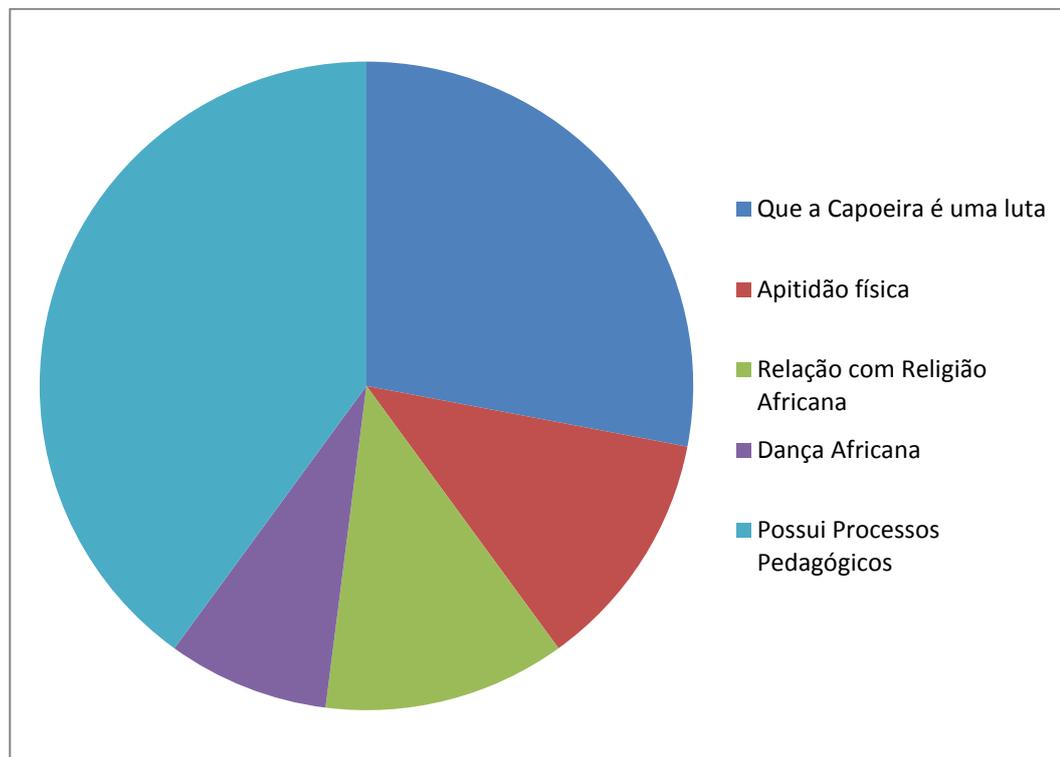


FIGURA 24: Gráfico da questão 1

Os resultados na questão 1 foram os seguintes:

a) Que a Capoeira é uma luta	28%
b) Aptidão física	12%
c) Relação com Religião Africana	12%
d) Dança Africana	8%
e) Possui Processos Pedagógicos	40%

2-) Durante o acompanhamento das aulas do componente “Arte e Cultura”, como ficou seu julgamento em relação à Capoeira?

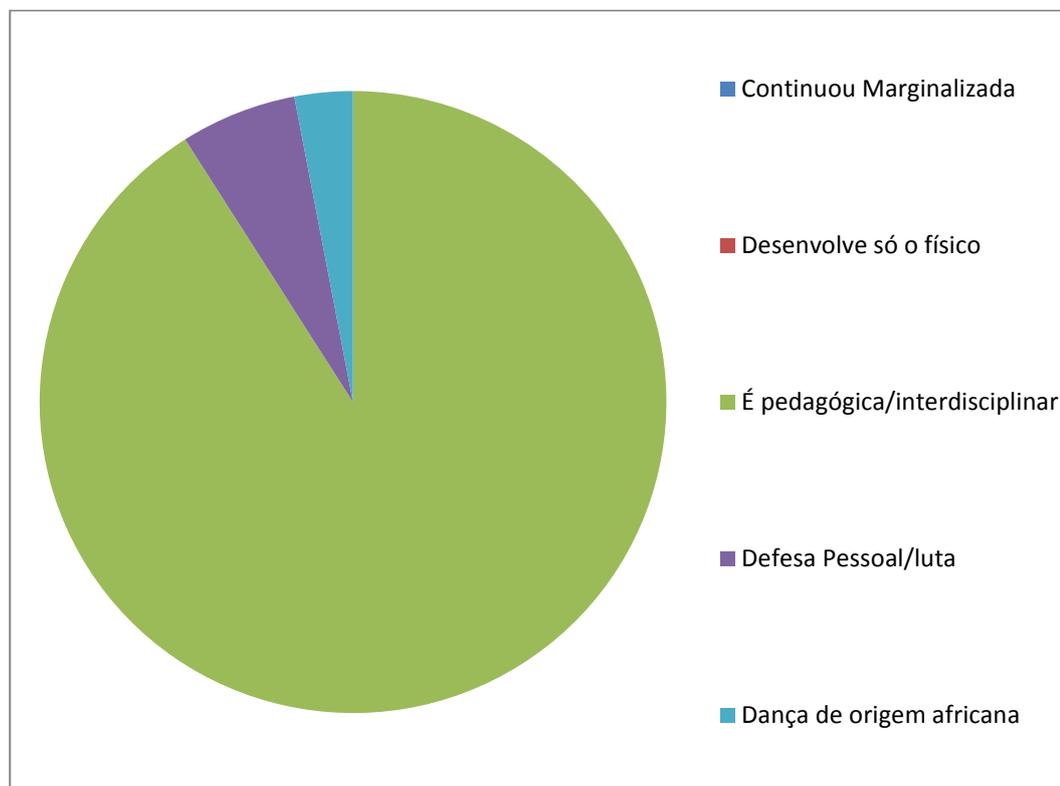


FIGURA 25: Gráfico da questão 2

Na questão 2 obtivemos os seguintes resultados:

a) Continuou Marginalizada	0%
b) Desenvolve só o físico	0%
c) É pedagógica/interdisciplinar	91%
d) Defesa Pessoal/luta	6%
e) Dança de origem africana	3%

3-) Nas aulas de “Arte e Cultura”, é possível observar em relação ao conteúdo apresentado:

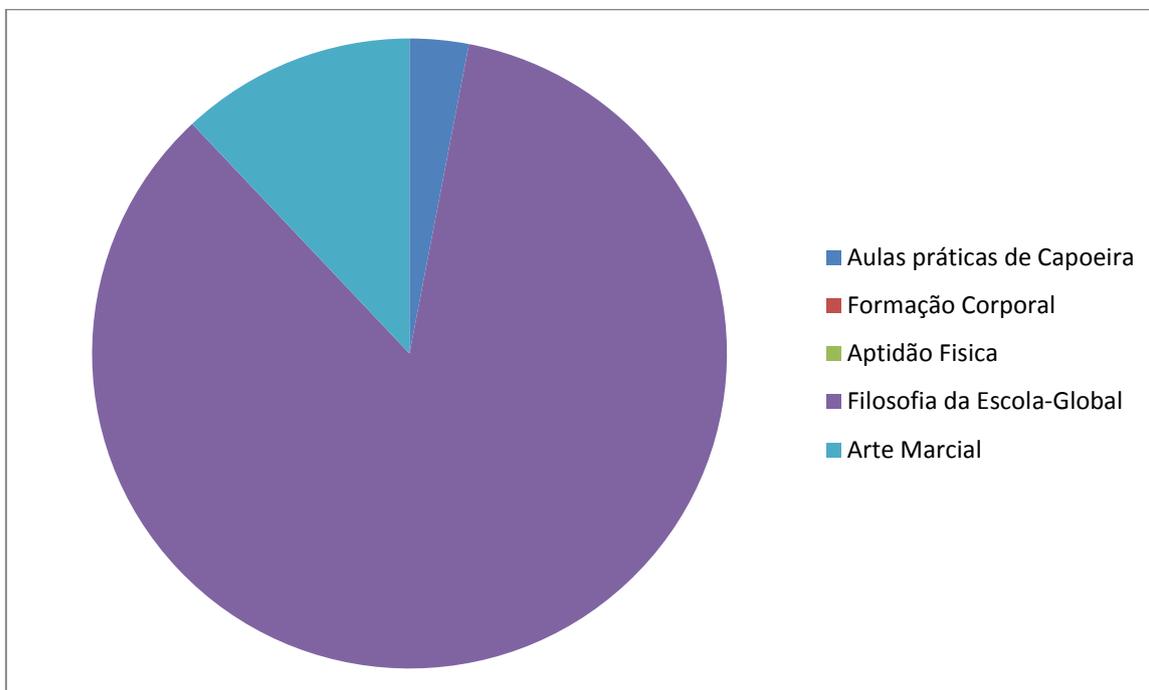


FIGURA 26: Gráfico da questão 3

Na questão 3 podemos observar os resultados seguintes:

a) Aulas práticas de Capoeira	3%
b) Formação Corporal	0%
c) Aptidão Física	0%
d) Filosofia da Escola-Global	85%
e) Arte Marcial	12%

4-) O professor do componente “Arte e Cultura”, em relação à sua abordagem com os alunos, cobra:

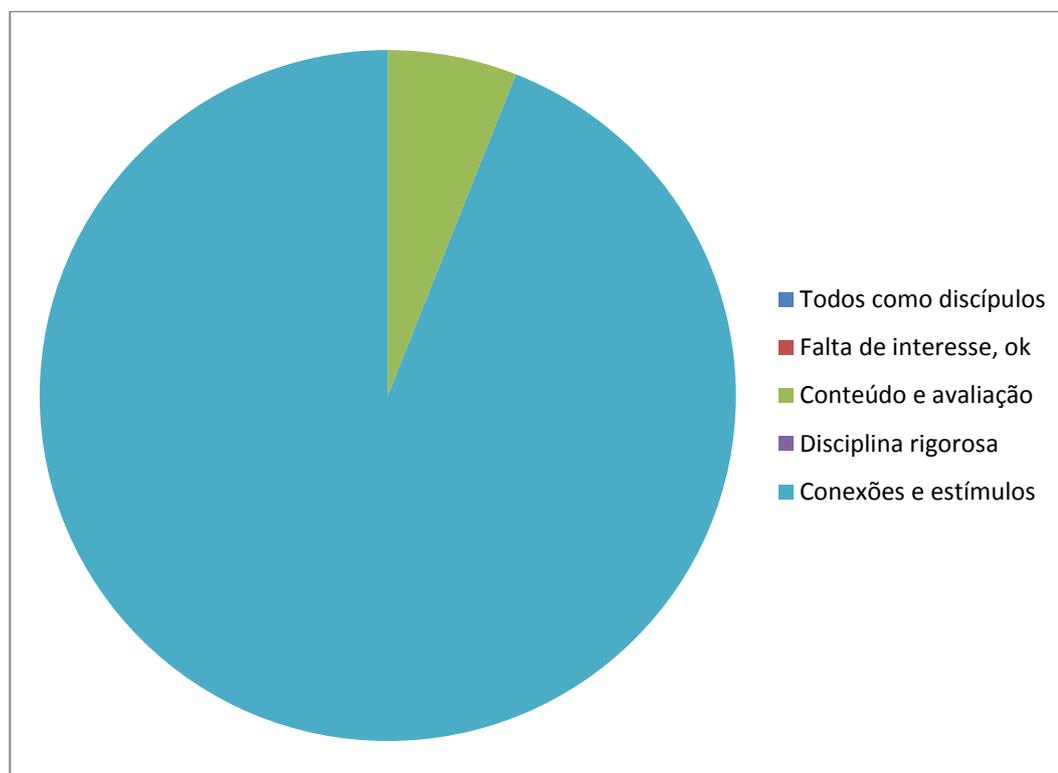


FIGURA 27: Gráfico da questão 4

Na questão 4 podemos observar os resultados abaixo:

a) Todos como discípulos	0%
b) Falta de interesse, ok	0%
c) Conteúdo e avaliação	6%
d) Disciplina rigorosa	0%
e) Conexões e estímulos	94%

5-) Durante suas aulas houve alguma demonstração de conceitos e conteúdos, por ventura, já assimilados pelos alunos, ou já esboçados no componente “Arte e Cultura”?

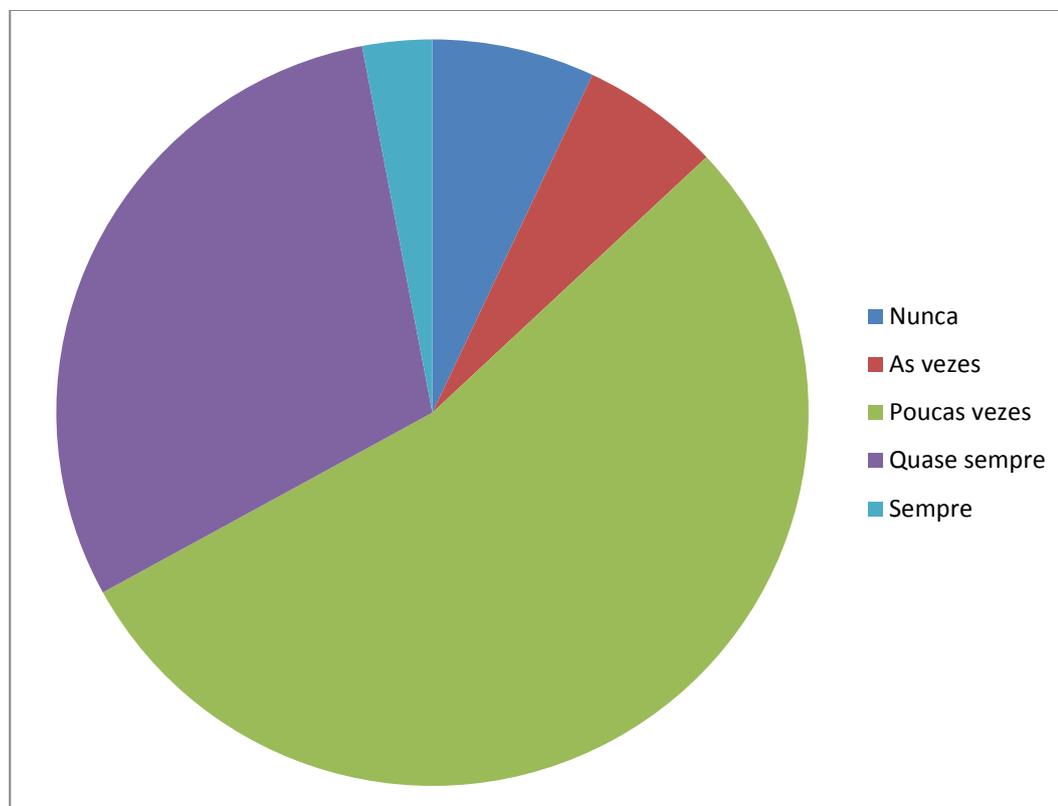


FIGURA 28: Gráfico da questão 5

Os resultados da questão 5, seguem abaixo:

a) Nunca	7%
b) Às vezes	6%
c) Poucas vezes	54%
d) Quase sempre	30%
e) Sempre	3%

6-) Especificamente em História e Geografia/Ciências Sociais, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

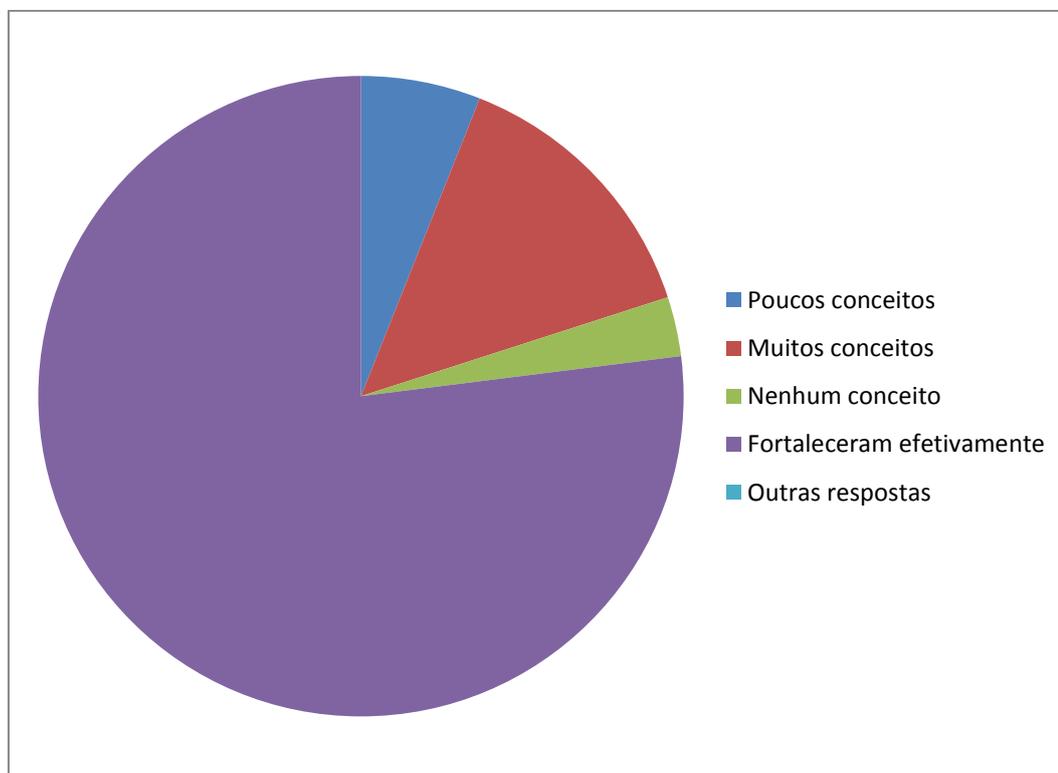


FIGURA 29: Gráfico da questão 6

Abaixo, seguem os resultados da questão 6:

a) Poucos conceitos	6%
b) Muitos conceitos	14%
c) Nenhum conceito	3%
d) Fortaleceram efetivamente	77%
e) Outras respostas	0%

7-) Especificamente em Artes, alguns conceitos e conteúdos tiveram maior facilidade de absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

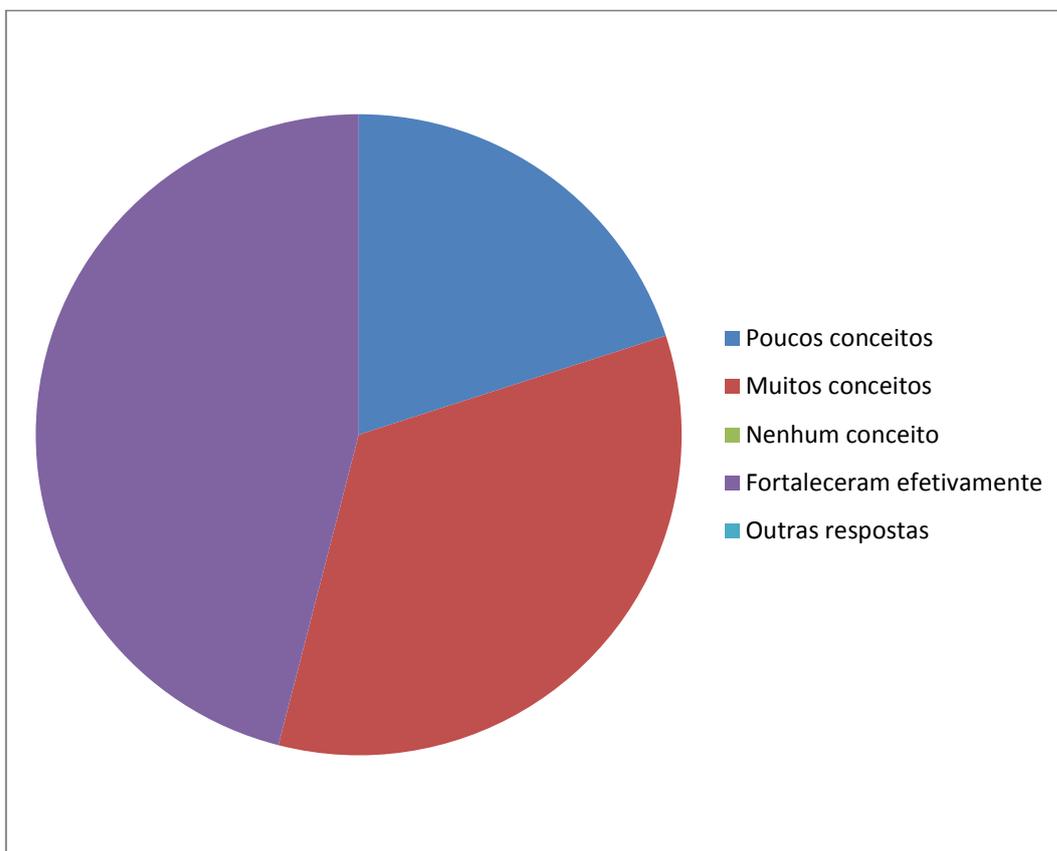


FIGURA 30: Gráfico da questão 7

Abaixo, observamos os resultados da questão 7:

a) Poucos conceitos	20%
b) Muitos conceitos	34%
c) Nenhum conceito	0%
d) Fortaleceram efetivamente	46%
e) Outras respostas	0%

8-) Na Educação Física, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

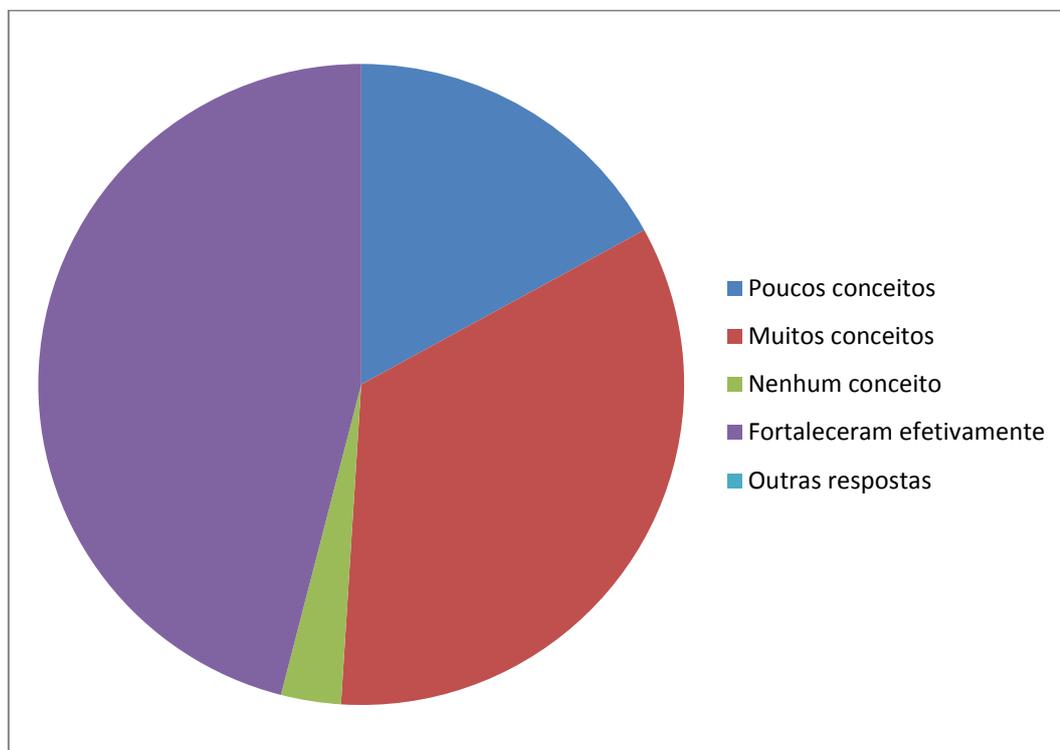


FIGURA 31: Gráfico da questão 8

Na questão 8, seguem os seguintes resultados:

a) Poucos conceitos	17%
b) Muitos conceitos	34%
c) Nenhum conceito	3%
d) Fortaleceram efetivamente	46%
e) Outras respostas	0%

No questionário respondido pelos pais tivemos os seguintes resultados abaixo:

1-) Em sua época na escola, quais atividades físicas eram mais frequentes?

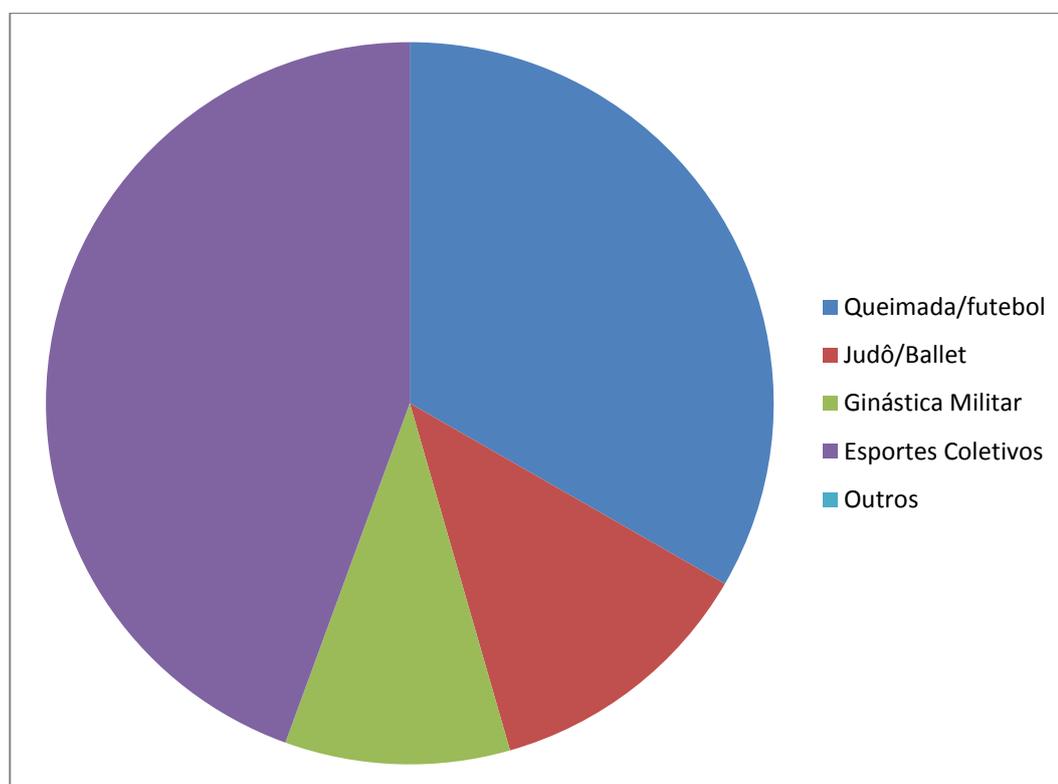


FIGURA 32: Gráfico da questão 1-Pais

Os resultados da questão 1 são descritos abaixo:

a) Queimada/futebol	30%
b) Judô/Ballet	11%
c) Ginástica Militar	9%
d) Esportes Coletivos	40%
e) Outros	0%

2-) Antes de conhecer o componente curricular “Arte e Cultura”, qual era sua imagem da Capoeira?

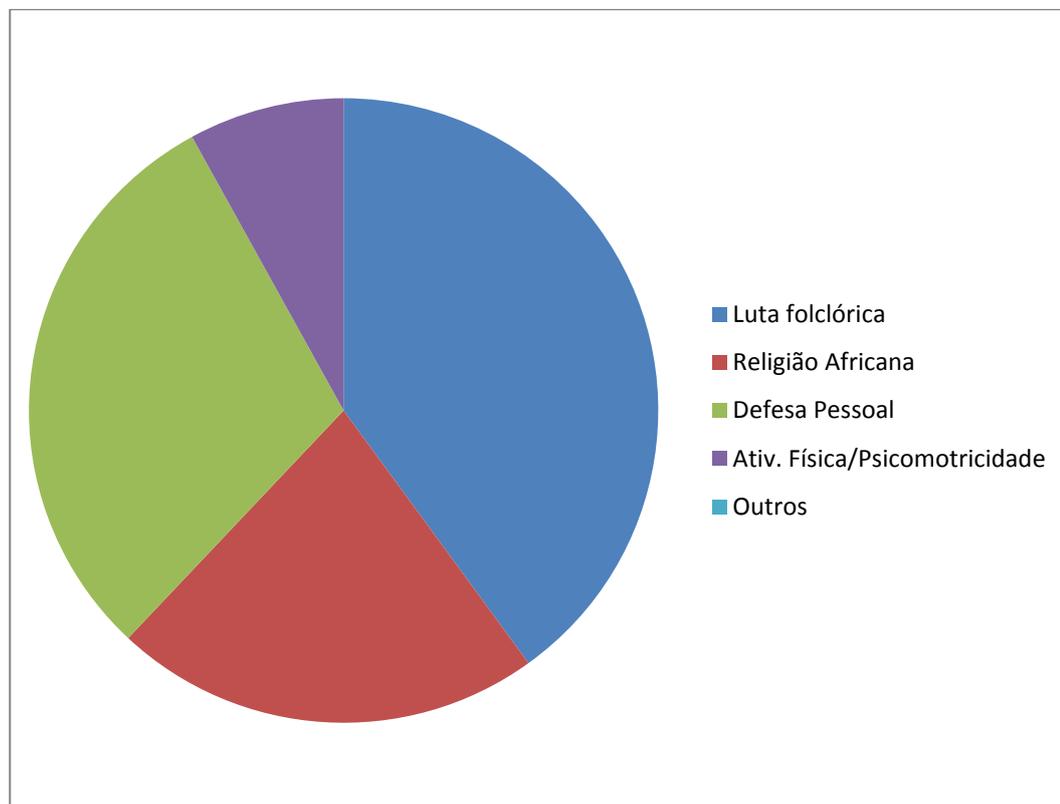


FIGURA 33: Gráfico da questão 2-Pais

Os resultados da questão 2 são descritos abaixo:

a) Luta folclórica	40%
b) Religião Africana	22%
c) Defesa Pessoal	30%
d) Ativ. Física/Psicomotricidade	8%
e) Outros	0%

3-) Após conhecer o professor responsável do componente curricular “Arte e Cultura”, em seus objetivos, qual sua visão da Capoeira?

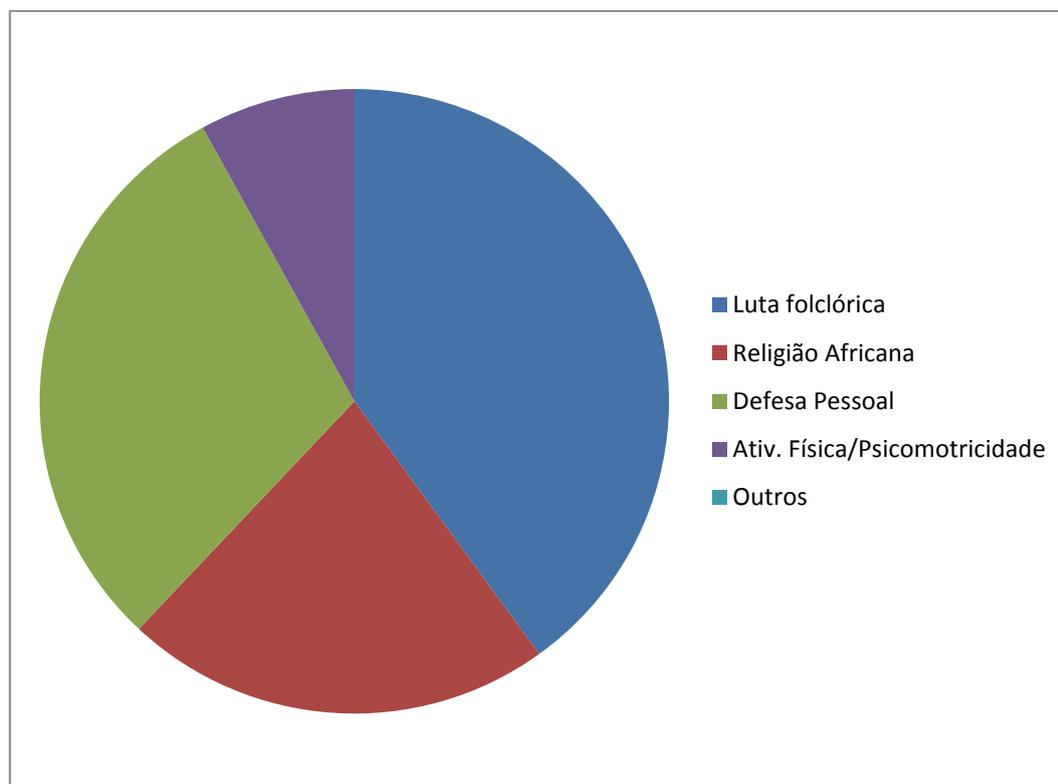


FIGURA 34: Gráfico da questão 3

Os resultados da questão 3 são descritos abaixo:

a) Luta folclórica	19%
b) Religião Africana	11%
c) Defesa Pessoal	26%
d) Ativ. Física/Psicomotricidade	44%
e) Outros	0%

4-) Quais conceitos ou conteúdos ficaram mais evidenciados no desenvolvimento do componente curricular de seus filhos?

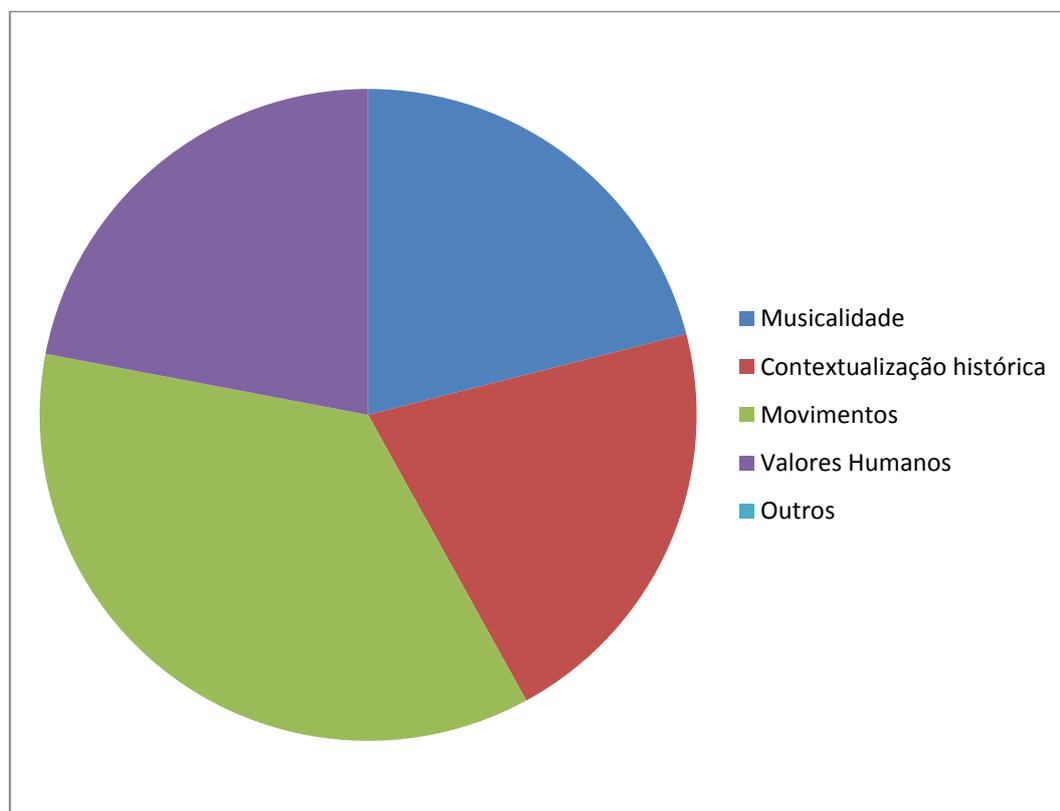


FIGURA 35: Gráfico da questão 4-Pais

Os resultados da questão 4 são descritos abaixo:

a) Musicalidade	21%
b) Contextualização histórica	21%
c) Movimentos	36%
d) Valores Humanos	22%
e) Outros	0%

[

5-) O que o emprego da capoeira em sala de aula representa pra você?

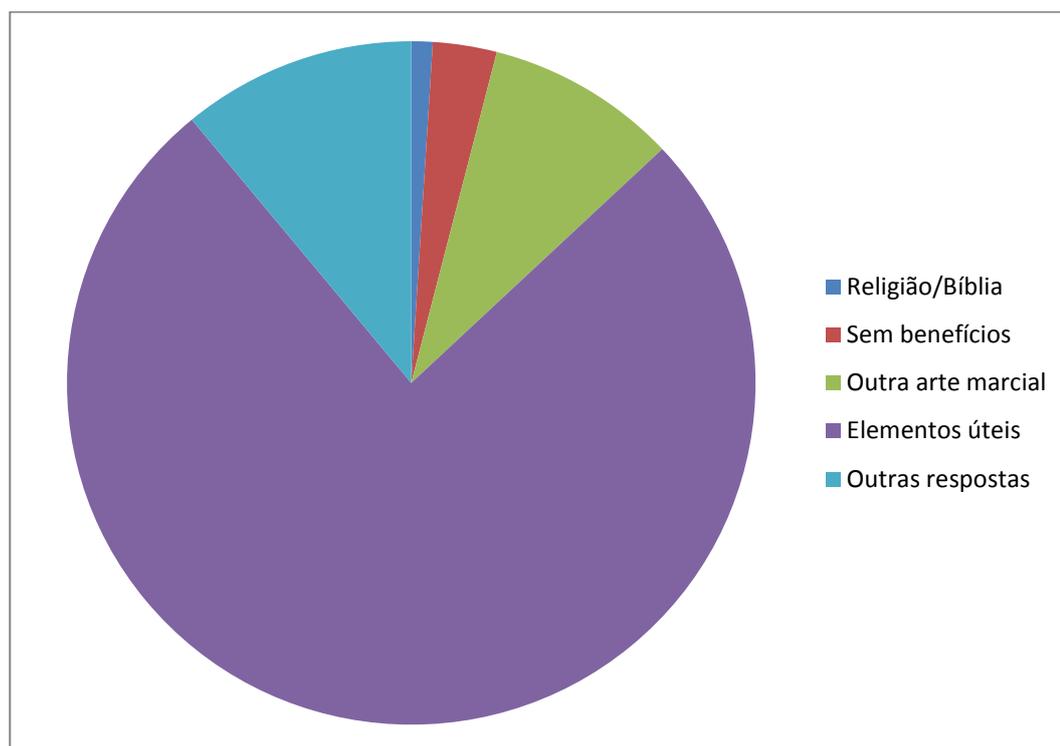


FIGURA 36: Gráfico da questão 5-Pais

Os resultados da questão 5 são descritos abaixo:

a) Religião/Bíblia	1%
b) Sem benefícios	3%
c) Outra arte marcial	9%
d) Elementos úteis	76%
e) Outras respostas	11%

Na alternativa “outras respostas”, dos 11%, alguns evidenciaram a importância de ter uma atividade que envolva diversos grupamentos musculares e articulações numa época em que os jogos tecnológicos são muito utilizados, outros que a capoeira tem um grande gasto energético, e outros citaram a atividade como ferramenta não somente útil, mas essencial para a cidadania.

6-) Especificamente em História e Geografia/Ciências Sociais, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

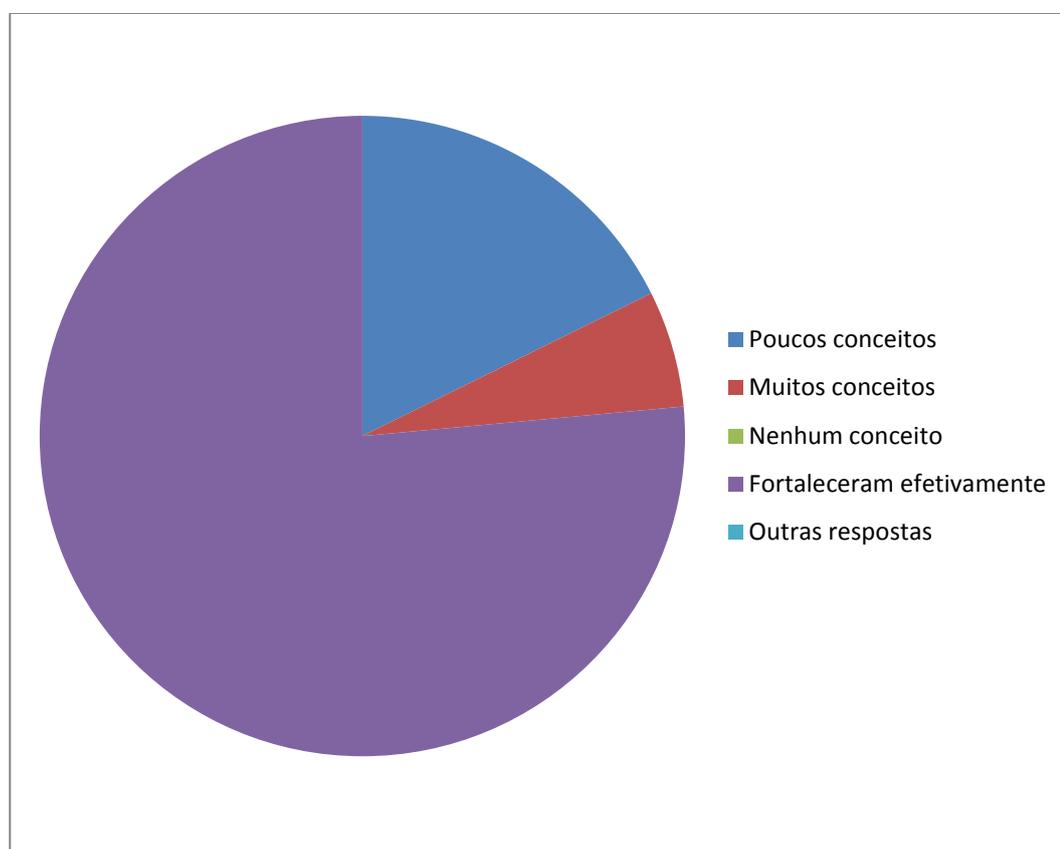


FIGURA 37: Gráfico da questão 6-Pais

Os resultados da questão 6 são descritos abaixo:

a) Poucos conceitos	15%
b) Muitos conceitos	5%
c) Nenhum conceito	0%
d) Fortaleceram efetivamente	65%
e) Outras respostas	0%

7-) Especificamente em Artes, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

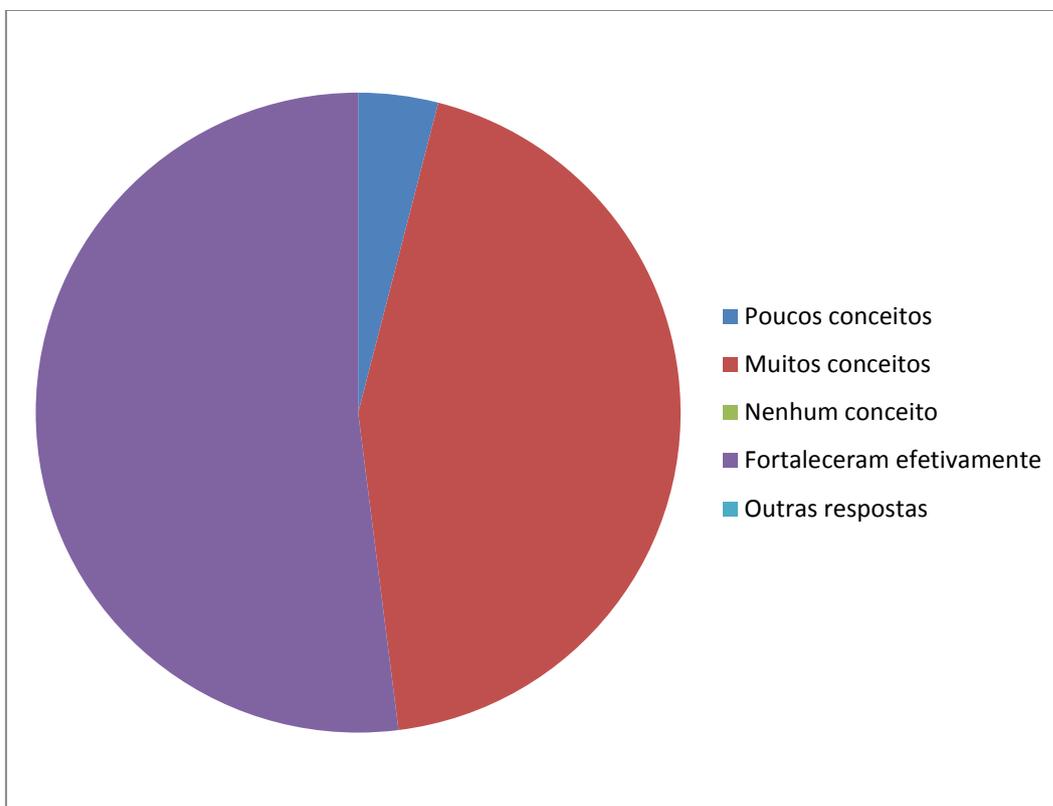


FIGURA 38: Gráfico da questão 7-Pais

Os resultados da questão 7 são descritos abaixo:

a) Poucos conceitos	4%
b) Muitos conceitos	44%
c) Nenhum conceito	0%
d) Fortaleceram efetivamente	52%
e) Outras respostas	0%

8-) Na Educação Física, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

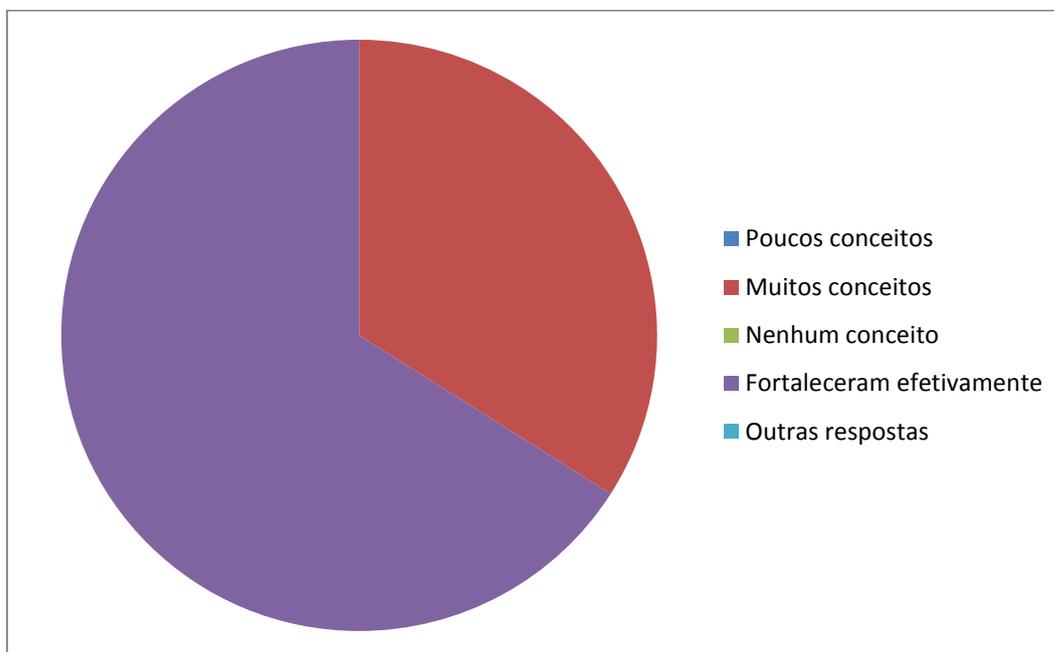


FIGURA 39: Gráfico da questão 8-Pais

Os resultados da questão 8 são descritos abaixo:

a) Poucos conceitos	0%
b) Muitos conceitos	34%
c) Nenhum conceito	0%
d) Fortaleceram efetivamente	66%
e) Outras respostas	0%

9-) Na Matemática, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

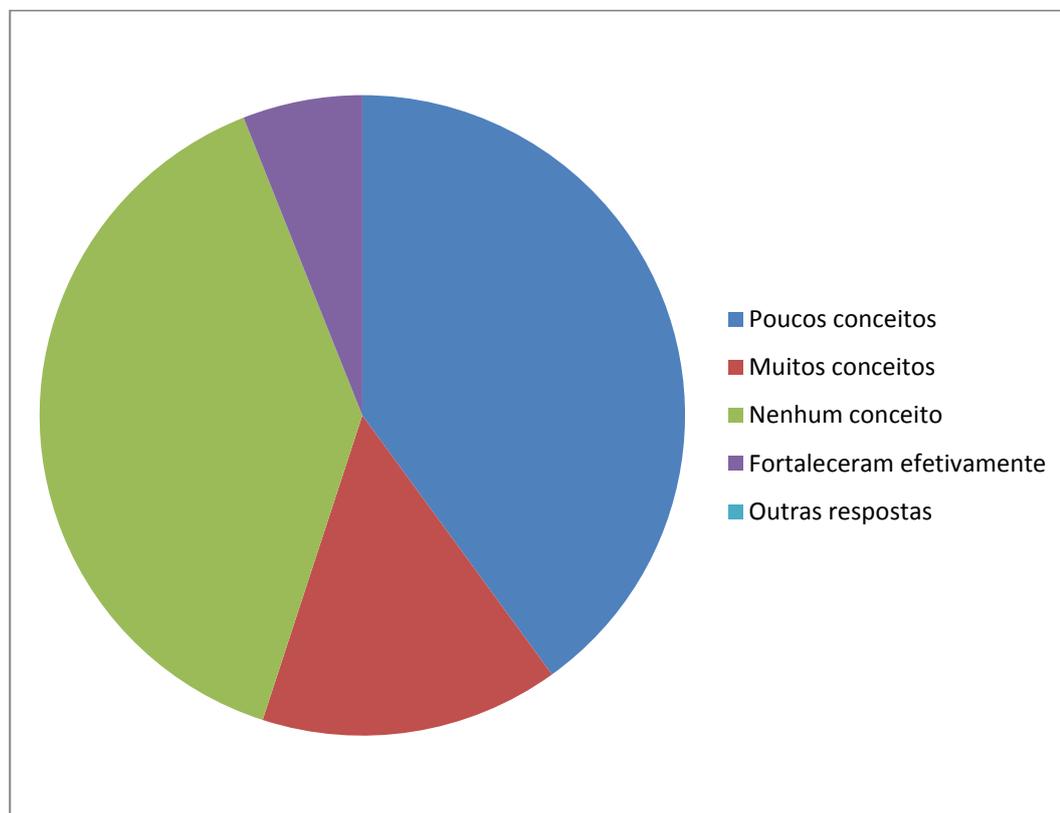


FIGURA 40: Gráfico da questão 9-Pais

Os resultados da questão 9 são os seguintes:

a) Poucos conceitos	40%
b) Muitos conceitos	15%
c) Nenhum conceito	39%
d) Fortaleceram efetivamente	6%
e) Outras respostas	0%

10-) Na Língua Portuguesa, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

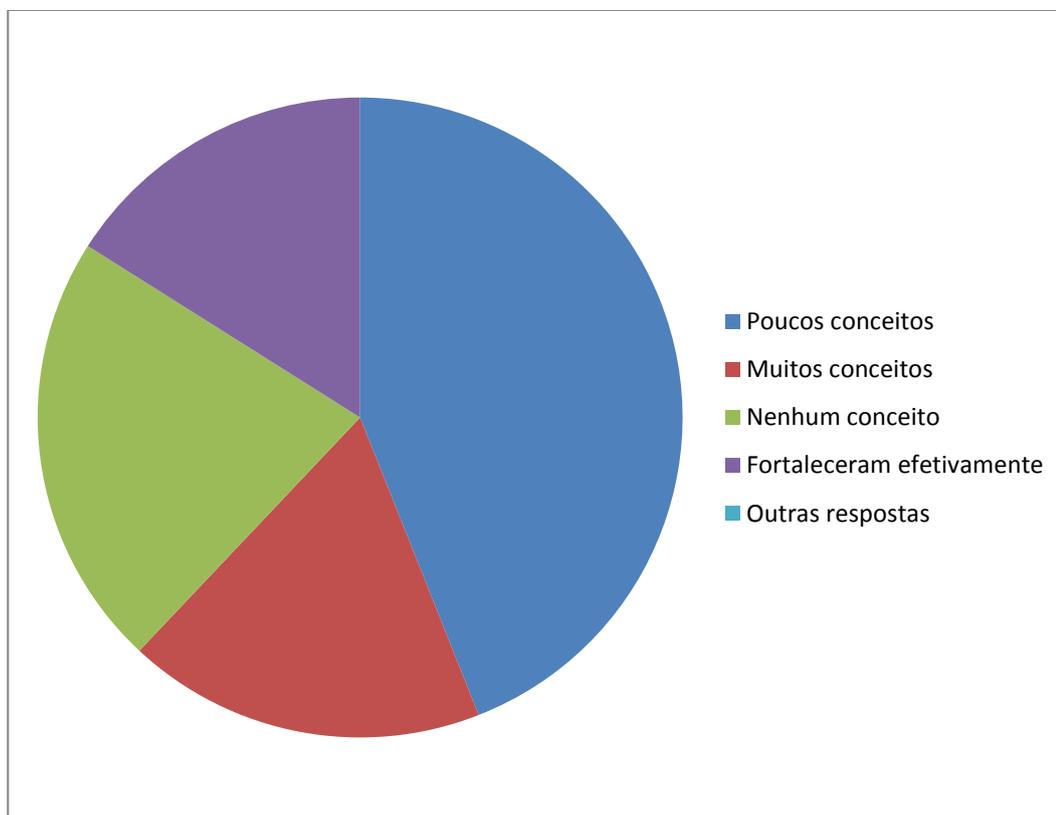


FIGURA 41: Gráfico da questão 10-Pais

Os dados da questão 10 são estes:

a) Poucos conceitos	44%
b) Muitos conceitos	18%
c) Nenhum conceito	22%
d) Fortaleceram efetivamente	16%
e) Outras respostas	0%

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DE DADOS

Segundo podemos observar por meio dos gráficos, a capoeira ainda é relativamente mal compreendida, e seus conceitos e finalidades ainda duvidosos, porém, segundo reforça Bonfin (2008), a capoeira é uma manifestação cultural nascida no âmago da cultura brasileira de raiz popular, com potencialidades educativas incontáveis, passível de ajudar a resolver problemas educativos concretos, e isso fica mais evidenciado quando o principal agente entra e uma ação educadora, consciente, que é o papel do “mestre”, o “educador”, que pode, por meio de suas estratégias, expandir esta prática, realizando sinapses com os demais componentes curriculares, e assim fortalecendo a importância da capoeira no ambiente escolar.

BOOSLE (2002) explica que o planejamento de ensino é fundamentalmente necessário à ação docente do professor de Educação Física. Dentro de nossa proposta, foi organizado um planejamento de quatro anos, em conteúdos diversos em torno da prática da capoeira e da cultura afro-brasileira, dividido em três pilares básicos: a contextualização histórica, a musicalidade e a amplitude de movimentos corporais. Para poder despertar o interesse dos alunos, foi dividido dentre esses quatro anos todos os conceitos da origem e evolução da capoeira, como debates em relação à escravidão, o eurocentrismo, a valorização de heróis e heroínas brasileiras, entre eles Zumbi de Palmares, Dandara, Acotirene, Aqualtune, Quintino de Lacerda, Mestre Bimba, Mestre Pastinha, que, na maioria dos casos, pouco valorizados e de suma importância para o desenvolvimento social brasileiro. Da mesma forma, a musicalidade é subdividida em prática e confecção dos instrumentos musicais e o canto com interpretação das músicas. Já na prática dos movimentos corporais, a representação da ginga e ritmicidade, as esquivas, os ataques e as acrobacias como ferramentas de jogo são atribuídas neste processo.

Entendendo esta divisão de planejamento, podemos interpretar a relevância de algumas questões que demonstram a compreensão dos estímulos dados por meio de pesquisas no decorrer do ano letivo, que envolviam a participação direta ou mesmo indireta dos pais ou responsáveis,

entre elas a pesquisa sobre o trabalho escravo no Brasil, os quilombos do Brasil e seus ideais, as manifestações populares do Brasil, e os estilos de capoeira, além de demonstrações em mostras culturais na escola, onde foi apresentada a prática dos instrumentos e dos movimentos corporais.

Para poder satisfazer os alunos e ao mesmo tempo conquistar o respeito dos componentes do corpo docente e dos pais e responsáveis dos alunos, a criatividade foi a principal virtude aplicada para desenvolver atividades lúdicas com conteúdos diversificados. SOARES (2017) explica que a escola e o professor têm a responsabilidade da criatividade para a melhora constante do processo pedagógico.

DA SILVA et al (2016) comentam que para a aplicação de conceitos interdisciplinares, ela depende de fatores complexos, entre eles a harmonia entre as duas áreas envolvidas e seus agentes principais, os professores, e em alguns casos não há uma empatia, ou até uma preocupação em sair de sua zona de conforto. A falta de informação sobre os possíveis benefícios da capoeira, nas primeiras questões, evidencia isso. Após o convívio, a minha iniciativa de aproximação e participação em reuniões pedagógicas facilitou o entendimento que foi descrito por meio dos resultados das questões seguintes.

Ao analisar as respostas dos pais e /ou responsáveis, pude perceber que ainda há certo preconceito em relação à religião de matriz africana. Possivelmente, esse preconceito que sobrevive na sociedade brasileira também atinge a capoeira, provavelmente em menor grau que o candomblé ou a umbanda, MARGARIDO (1964) questiona a valorização demasiada à mitologia grega em relação à mitologia africana, bem menos citada em instrumentos educacionais. Durante as atividades, a capoeira foi demonstrada como tópico esportivo, resgate de valores, contextual histórico e musical. Este último que suponho ser o alvo de maior desconfiança devido a mais uma falta de informação em relação às suas cantigas e toques de percussão dos instrumentos envolvidos, que podem se assemelhar aos dos utilizados por cultos de religiões de matriz africanas, mas se diferem bastante, e é papel do

educador se caso achar necessário, adaptar ainda mais este viés, inserindo músicas de ciranda, infantis, MPB e outras na musicalidade da capoeira.

Segundo TEIXEIRA, OSBORNE e SOUZA (2012), podemos observar que os professores apresentam em seu discurso marcas que remetem à origem da capoeira; por exemplo, a preocupação em lutar contra os preconceitos existentes e a forma como eles associam a capoeira à sobrevivência, mas deixam de priorizar o processo educativo. A ancestralidade pode ser respeitada, mas a criatividade e adaptações são fundamentais para a aproximação do público e a oportunidade de compreender diversos benefícios desta prática.

Ressalto que o professor que rege as licenciaturas nas escolas precisa cada vez mais compreender os processos de ensino-aprendizagem e os estímulos heterogêneos de nossos educandos, não consigo compreender que ainda fazemos nossos alunos sentarem um atrás do outro e a quantidade de horas que eles ficam em um ambiente fechado é uma barreira para a inclusão.

Em uma região como a Baixada Santista, de vários feitos históricos, geografia bem qualificada, que tem o esporte como uma grande força, é impossível não compreender as contribuições de nossos ancestrais afro-brasileiros em nossa história local, como cita ALVES (2009), reforçando a importância do quilombo de Jabaquara, como exemplo de igualdade social, liderado por Quintino de Lacerda.

As relações da capoeira com ciências sociais, que foi uma das questões analisadas, já existem por natureza, tratando-se de uma luta genuinamente brasileira, COSTA (2007) enfatiza que ainda há muito que fazer em relação à demonstração das relações interdisciplinares e à prática da capoeira como agente deste diálogo, sendo necessário o aperfeiçoamento ainda mais dos conceitos educacionais que precisam ser difundidos, para uma maior valorização.

O entendimento que a capoeira pode reforçar ainda mais as habilidades envolvidas na educação física, conforme resultados da pesquisa é reforçado por VIEIRA (1998) quando comenta que o jogo da capoeira também depende do desempenho corporal e das estratégias utilizadas pelos jogadores. Em nosso trabalho, nas aulas que tiveram os movimentos como maior abrangência, utilizávamos uma preparação corporal para evitar possíveis lesões e respeitar o esquema corporal dos alunos.

A análise das palavras da língua portuguesa, seus significados e origem, favorece de certo modo as respostas nesta questão, pois, por meio de pesquisas solicitadas no ano letivo sobre a origem de palavras tupi-guarani, por exemplo “káa-poerah” (capoeira), e do iorubá, o debate sobre elas e sua utilização em atividades recreativas propostas contribuíram para este resultado.

A incompreensão da maioria dos entrevistados em relacionar a capoeira com a matemática é entendido por estarmos acostumados a entender o aprendizado de cálculo de uma maneira tradicionalista. BRACKTH (1999) expõe que a educação física progressista oferece uma maior conscientização que o corpo em movimento realiza maior número de criação de sinapses, que, por sua vez, favorecem a velocidade do pensamento lógico. Cabe aos educadores relacionarem esta temática, para valorizar o movimento corporal como ferramenta, mesmo que indiretamente para o processo de ensino aprendizagem matemático.

Através de uma parceria entre a Direção da Escola Anglo e a Equipe Pedagógica, hoje venho desenvolvendo este trabalho que resgata nossa cultura, favorecendo a compreensão de diversos conceitos de diferentes componentes curriculares, com uma metodologia que contribui para a formação corporal, intelectual e do caráter, concomitantemente respeitando a individualidade biológica e social dos nossos alunos, oferecendo o lúdico, pesquisa, vivências como estratégia do saber. De acordo com ADORNO (2006), a capoeira, além de esportiva, é arte e pode revelar talentos diversificados de seus praticantes.

AMARAL e SANTOS (2014) reafirmam a capoeira como um fenômeno social, que, apesar de marginalizado, e segundo ALVES (2009) legado da cultura menosprezada pelos colonizadores, hoje demonstra uma possibilidade educativa por meio desta ferramenta.

MACHADO e AMORIM (2015) explicam que inclusive nas aulas de Educação Física cabe ao educador responsável interpretar melhor a prática da capoeira para que esta seja um elemento fundamental para a formação corporal dos alunos, oferecendo atividades que estimulam a coordenação motora e outras valências físicas. Além disso, contribui como respeito ao próximo.



Figura 42: Foto do Mestre Márcio com uma dinâmica cooperativa com os alunos do 4.º ano e crianças do GALP, unidos pela capoeira. Anglo-Santos 2016.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como finalidade evidenciar a capoeira como ferramenta interdisciplinar nos anos iniciais do ensino fundamental, e acredito que reunir este seleto grupo de referências para colaborar com esta possibilidade no ambiente escolar me ofereceu ainda mais que a proposta inicial. Pude ratificar que a capoeira, uma arte genuinamente brasileira pode, se for transmitida com uma metodologia apropriada, contribuir com estudos de ciências sociais, naturais e outros componentes curriculares, contribuindo ainda mais para a formação do aluno nos anos iniciais do ensino fundamental.

Hoje consigo realizar uma autoavaliação após o resultado da pesquisa, que me permitirá criteriosamente refletir sobre minha prática pedagógica e buscar ainda mais uma excelência em minha missão, que é educar por meio da capoeira, ressaltando seus elementos musicais, cinestésico-corporais, de contextualização histórica e resgate de valores humanos.

Os resultados de certa forma acusaram o entendimento do Corpo Docente, da Coordenação e Direção, e também dos pais e/ou responsáveis, que podem, contribuir de uma forma conjunta entre a escola, família e educador com a formação global dos educandos. Fez-me repensar a difusão dos conteúdos apresentados, envolvendo ainda mais a participação da família, quebrando paradigmas que vêm de geração a geração e melhorando ainda mais meu processo didático de ensino-aprendizagem.

Vale a pena ressaltar a parceria que a Direção realiza com o trabalho, por se tratar de uma escola particular, bem receptiva para novas propostas, situada em um dos bairros mais tradicionais e residenciais de Santos, e compreender o processo mercadológico, em favor da cultura afro-brasileira, de forma inédita no ensino fundamental na cidade, é encantador e me dá ainda mais força para aprimorar as estratégias utilizadas para propagar esta bandeira.

Mesmo compreendendo que a capoeira, muitas vezes por se transformar em várias facetas em seu processo de pluralidade cultural, não teve uma organização adequada de órgãos e precursores, e em muitas ocasiões foi marginalizada, vejo que seus benefícios precisam ser mais divulgados e receber mais adeptos na educação infantil onde ela pode contribuir para o esquema corporal e o reforço do processo de maturação, no ensino fundamental, onde vimos, por meio deste trabalho, que pode auxiliar como ferramenta interdisciplinar inclusiva, e no ensino médio, com ênfase na formação corporal e do caráter dos adolescentes. Sem contar na preparação física de atletas e qualidade de vida de adultos e idosos, envolvimento entre famílias durante esta prática em uma “matroginástica”, atividade onde envolvemos pais e filhos, e a inclusão de pessoas com deficiências e pessoas provenientes da reclusão prisional, com propostas alternativas envolvendo a hidrocapoeira, capoeira funcional, a capoeira laboral em empresas, o lúdico e outros elementos.

Sendo assim, hoje consigo atender todo o segmento da sociedade, mas sempre foi necessária uma união, do saber popular da rica cultura que a capoeira que busquei com muito treinamento e volto a citar minha origem que descende de Mestre Parada e seu Mestre Sombra com toda sua ancestralidade, e com o saber acadêmico pedagógico, para reunir atributos anatômicos, cinesiológicos, funcionais e de didática e prática de ensino, respeitando, assim, toda individualidade biológica e social, com métodos que reforçam o processo educacional, em um ambiente estimulante.

Como dizia Mestre Bimba, um dos principais precursores de nossa arte, “A capoeira é pra homem, menino e mulher, só não aprende quem não quer!”

A vida de um educador é compreender que a docência é mais que uma profissão, é uma missão. Tenho realizado esta jornada há mais de vinte anos, com apoio familiar e compreendendo a referência que sou diante de meus filhos, familiares e alunos, que muitas vezes se espelham e criam uma imagem de herói no professor. Ser mestre não é somente se apropriar de ensinamentos empíricos e saber popular, mas também compreender que o conhecimento é

sempre bem-vindo, que a humildade e a simplicidade são essenciais para a sociedade, e principalmente o amor é fundamental para alcançar a felicidade.



Figura 43: Foto do Mestre Marcio, sua esposa Vanessa, seus filhos Bruno, Marcos e Manuela, durante o Festival Capoeira de Santos - Teatro Coliseu, Santos, 2016.



Figura 44: “Arvore Genealógica do Projeto Capoeira Escola”. Mestre Parada, Mestre Márcio e Mestre Sombra. Na UNISANTA, em Santos, 2015.

7. PRODUTO ELABORADO A PARTIR DA PESQUISA

7.1 Introdução

A capoeira, muitas vezes não tem seu valor apropriado, devido falta de publicações e ciência junto neste processo, para que seus benefícios inerentes a sua prática sejam comprovados.

Segundo, HALL (2006) a crise de identidade aflige cada vez mais a sociedade, a falta de reverências aos nossos antepassados é interpretada de maneira que as velhas identidades, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, que muitas vezes não tem uma base consolidada e nem tampouco uma essência. A capoeira sofre este processo, de pouca valorização nacional, muitas vezes pela falta de equilíbrio entre a reunião do saber popular e do saber acadêmico, e também pela cultura nacional que é pouco difundida em questão de seus benefícios, entendendo sempre que culturas de países do exterior são mais interessantes do que a nossa.

A capoeira foi elevada à categoria de Patrimônio Cultural Imaterial do Povo Brasileiro pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura, em 15/07/2008, e mesmo assim há muita dificuldade em desenvolver incentivo a esta prática, que outrora foi marginalizada como vadiagem e hoje ainda sofre problemas referentes ao envolvimento de alguns mestres em sua tendência religiosa, ou a falta de compreensão dos mesmos em serem educadores, e não somente capoeiristas, que lutam, ou propagam a capoeira como era realizada na época do Brasil colonial.

Desta forma, nossa pesquisa nos proporcionou ter esta visão acadêmica para que cada vez mais esta atividade seja valorizada e possa ser uma ferramenta de cidadania no ambiente escolar, AMARAL e SANTOS (2014), destacam a luta pelo reconhecimento da capoeira em três níveis, pessoal, jurídico e social, e este trabalho busca este reconhecimento.

Ao adotar uma pesquisa aonde investigamos a influência da capoeira e sua interdisciplinaridade nos anos iniciais do ensino fundamental, foi possibilitada por meio de nossa intervenção, a criação de um material didático na Escola Anglo Santos, para aproximadamente 300 alunos, entre os anos de 2015 à 2018, com um planejamento onde a história da cultura afro-brasileira e seus benefícios foram divididos entre conteúdos programáticos do segundo ao quinto ano do ensino fundamental, com estratégias que envolvem a prática corporal dos movimentos da capoeira, e seus aplicativos rítmicos de sua musicalidade, respeitando a individualidade biológica e social de cada educando, fortalecendo ainda, segundo YUS (2016), onde os temas transversais fortalecem a ação de uma nova escola, com mais praticidade e respeitando o processo de ensino-aprendizagem, descolonizando o currículo.



Figura 45 - Apostila do 3.º ano do ensino fundamental da Escola Anglo Santos

Estas apostilas reforçam a condição de atividade interdisciplinar, pois além de envolver a contextualização histórico-geográfica já estudada em seus componentes curriculares matriz, tem um novo enfoque com estratégias que potencializam o cinestésico e outras habilidades já citadas anteriormente como a teoria das inteligências múltiplas de Garner (1997).



Figura 46: Apostila do 4.º ano da Escola Anglo Santos

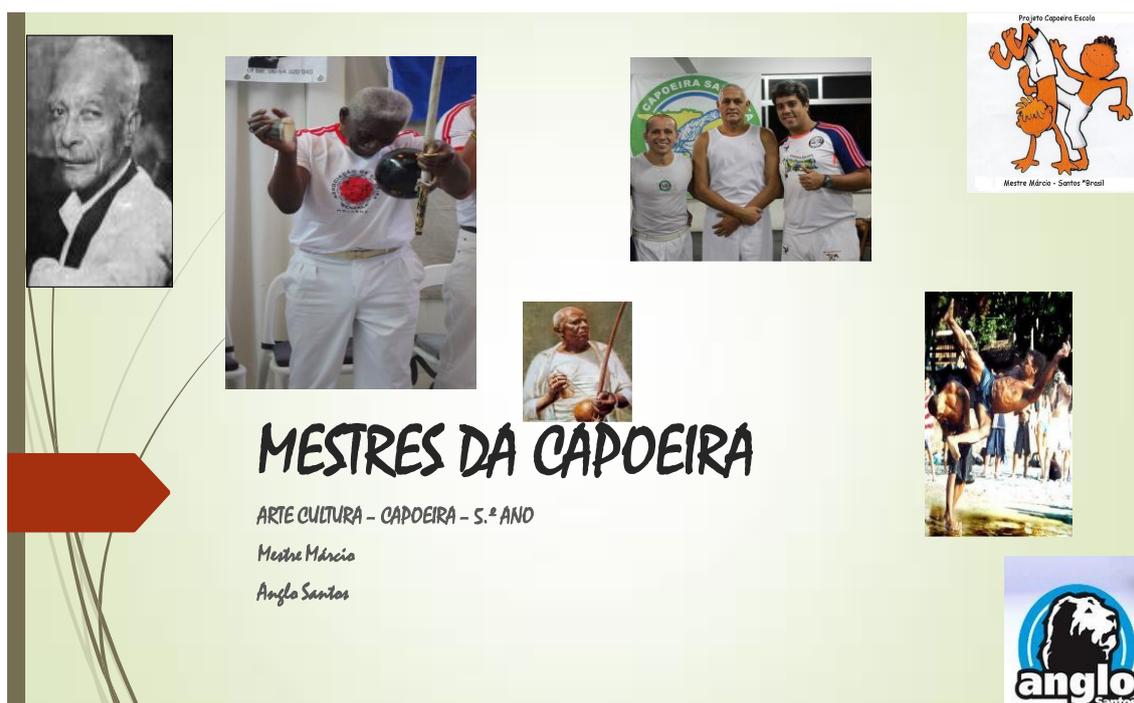


Figura 47: Apostila do 5.º ano do ensino fundamental da escola Anglo Santos

Realizar oficinas, palestras participar de congressos pelo país, ter a possibilidade de publicação e programa de rádio são alguns dos produtos que hoje desfruto da participação nesse Programa Profissional de Mestrado em Práticas Pedagógicas no Ensino Fundamental, da UNIMES. Mas a produção

do material didático foi a amostra de produção mais concreta realizada por meio deste trabalho.

Mostra de Material didático:

A História do Brasil – A Origem da Capoeira

A intensificação da atividade comercial foi o principal ingrediente que impulsionou os europeus em direção ao mar, a partir do século XV, para a conquista de novas terras e mercados. Portugal foi o pioneiro, logo depois veio a Espanha. A expansão comercial e marítima dessa época estava diretamente associada a o fortalecimento do Estado e mercantilismo, considerado o embrião do sistema capitalista.



“DESCOBERTA DO BRASIL – 1500”

Ao chegar ao Brasil, com uma esquadra de treze navios, conduzindo aproximadamente mil e quinhentas pessoas e sob o comando do fidalgo Pedro Álvares Cabral, em 22 de Abril de 1500, Portugal oficializa seu domínio do país.

Por meio de algumas expedições exploradoras, iniciadas em 1501, o navegador Gaspar Lemos, percebeu logo a grande quantidade de pau-brasil em longas faixas do litoral, sendo esta a primeira grande matéria-prima extraída do Brasil e perceberam também a imensa quantidade de índios existentes na época, cerca de seis milhões. A princípio houve a idéia de escravizá-los, mas por alguns motivos essa idéia não foi bem desenvolvida, pois além de serem bem selvagens, tinham sua cultura definida pela caça, pesca e rituais e não se conformavam com a “ambição dos chamados brancos”. Observação: *atualmente no Brasil só existem aproximadamente duzentos mil índios, e 8% da Mata Atlântica.*

Sendo assim, os colonizadores precisavam de uma mão de obra escrava, que ao mesmo tempo auxiliasse a desenvolver o cultivo do açúcar, a mineração etc. E se tornasse outro lucrativo setor do comércio colonial. Surgem, então os africanos na história. Os primeiros negros africanos, que vieram trabalhar sob regime de escravidão no Brasil, não vieram diretamente da África, conta-se que vieram da Europa, pois lá já existia escravidão. E com o sucesso da escravidão dos negros, os colonizadores foram diretamente na África, para trazer através dos navios negreiros os negros bantos e sudaneses. Quando chegavam, os que ainda estavam vivos, pois eram trazidos amontoados no porão do navio, eram comercializados como meras mercadorias pelos “negreiros”, homens brancos que viviam da comercialização do negro. Estes eram levados para latifundiários, os Senhores de Engenho, para trabalharem no engenho do açúcar. Nesse local havia:



Casa Grande – *Residência do Senhor do Engenho;*

Capela – *Local para cerimônias católicas;*

Senzalas – *Local onde os negros ficavam após o trabalho;*



Casa de Engenho – *Instalações da produção do açúcar, dividida em:*

Moenda - *Local onde moía cana.*

Fornalha- *Onde o caldo era purificado.*

Casa de Purgar - *Onde resfriava e branqueava o açúcar.*



Galpões - Onde o açúcar era reduzidos a pó.

Eram reprimidos em seu trabalho o qual durava o dia inteiro, de sol à sol, de noites eram recolhidos pelos feitores, capatazes que tinha como função coordenar o trabalho dos negros escravos e castigá-los havendo ou não necessidade.

Apesar de serem distribuídos e separados de suas famílias ao chegar no Brasil, os negros, muitas vezes convivendo com “irmãos” de outras nações da África, reiniciaram sua vontade de viver, e começaram, disfarçadamente a se rebelar, se preparando para fugir das fazendas, criando muitas vezes vilas denominadas Quilombos, onde tinham por finalidade a igualdade e a liberdade, desenvolvendo o cooperativismo em sua comunidade. O Quilombo mais famoso que existiu , durou cerca de 100 anos, era denominado Quilombo de Palmares, tinha como primeiro líder- “REI” Ganga Zumba, que teve como sucessor o famoso ZUMBI, que ficou marcado na história por lutar pela igualdade do negro no Brasil. Situado na Serra da Barriga, em Alagoas, hoje tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional.

“Nessas fugas ao quilombo, os negros se escondiam no mato denominado “Kaa poeirah” (palavra tupi-guarani que significava mata rasteira) e aos capitães do mato se aproximarem eram surpreendidos com golpes semelhantes dos animais, como chutes, cabeçadas, coices, esquivas, impossibilitando sua captura. Os capitães do mato regressavam e diziam: “É muito difícil pegar o negro da capoeira”!, Daí o surgimento do nome desta luta em busca da liberdade. CAPOEIRA.

Em 1850, encerrou-se oficialmente o tráfico de negros, com a **Lei Euzébio de Queiroz**. O último desembarque, entretanto, só ocorreu seis anos depois. Em 28 de setembro de 1871, José da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, chefe do gabinete do Imperador, fez aprovar a **Lei do Ventre Livre**. Por esta, os filhos de escravas, nascidos a partir daquela data, não eram mais escravos, mas as crianças ficavam sobre a tutela do senhor até a idade de oito anos. Esta mesma lei libertou os escravos pertencentes ao Estado e criou um fundo destinado a emancipação deles.

Em 28 de setembro de 1885 foi promulgada a **Lei dos Sexagenários**, por Saraiva e Cotegipe, que libertava os escravos com sessenta anos de idade, porém

deveriam ficar mais cinco anos prestando serviços ao dito senhor. Os senhores libertavam a minoria dos escravos, geralmente improdutivos, que implicavam gastos superiores à sua produtividade. Já antes da Lei dos Sexagenários, os senhores costumavam libertar os escravos velhos, para serem alimentados pela caridade pública. A Lei dos Sexagenários foi a última tentativa dos escravistas para deter a marcha dos acontecimentos.

Mas já era tarde. O movimento estava nas ruas, comandado pelas classes médias e populares e já tinha ganho as elites. A princesa regente, Isabel, e o Imperador eram partidários da abolição. Os escravos, auxiliados pelos abolicionistas e pela maioria da população, deram o golpe final na escravidão. Finalmente, a 13 de maio de 1888, o ministério de João Alfredo fez aprovar e a princesa Isabel sancionou a Lei que punha fim à escravidão no Brasil. **A Lei Áurea.** O Brasil foi o último país a abolir a escravidão na América. A abolição da escravatura foi uma festa realmente popular, emocionante e alegre, mas a luta havia sido longa e difícil. Muitos foram mortos pelo caminho e constituem os milhares de anônimos que lutaram por ela. Não foi obra da vontade da princesa Isabel, embora ela a tivesse. Foi obra do desenvolvimento do capitalismo no âmbito mundial, que havia condenado a escravidão como forma de trabalho ultrapassada; foi obra das classes médias e populares; mas foi, principalmente, a obra da luta dos escravos. A abolição, entretanto, não redimiu os negros. Não lhes deu condições de concorrerem no mercado livre com emigrantes estrangeiros. Analfabetos, sem preparo para o trabalho livre, sem apoio do Estado, os negros libertos nos campos regrediram a uma economia de subsistência e, na cidade, passaram a viver de biscates, engrossando as fileiras dos miseráveis subempregados. Os preconceitos que a sociedade escravista havia criado, como a indolência, a ladroagem dos negros e a sua inferioridade racional e cultural, até hoje continuam pesando sob os negros. Assim, o negro tornou-se livre para, salvo raras exceções, viver na miséria e sobre a opressão. Muitos proprietários de escravos foram atingidos no “bolso”. Seus escravos foram libertados sem que eles recebessem indenizações. Suas fortunas foram abaladas, muitas de suas fazendas hipotecadas. Passaram a culpar o imperador, a quem acusavam de imprevidente, responsável por suas desgraças. Esses fazendeiros se filiaram ao Partido Republicano e contribuíram para a queda da Monarquia. Com a Proclamação da República, em 15 de Novembro de 1889, não era dada oportunidade aos negros, em relação ao Mercado de Trabalho, já as negras ainda encontravam uma certa facilidade para encontrar trabalho como babás, cozinheiras, empregadas em

geral, já os negros não tinham emprego nenhum, pois os brancos haviam monopolizado qualquer tipo de atividade.

Assim, para a sobrevivência destes foi utilizada a violência, em forma de movimentos agressivos da capoeira (luta), para assaltar e ter pelo menos o que comer. E a capoeira, ou a capoeiragem como era chamada, a tal vadiagem era terminantemente proibida em vias públicas com prisão celular de seis meses a dois anos. No Rio de Janeiro houve até gangues de capoeiristas, eram os Guaiamus e os Nagoas. Existiram inúmeras batalhas entre eles e também contra a polícia, que perseguiram qualquer capoeirista ao comando do chefe de polícia Sampaio Ferraz, já havia um artigo constitucional, conta qualquer tipo de “vadiagem” dos “capoeiras”, seguido de prisão.

A capoeira sobrevivia escondida, foram introduzidos os instrumentos e movimentos de floreios, gingados para aparentar uma dança, às vezes alguns grupos apresentavam-se em praças públicas, muitos que assistiam àquela demonstração retribuía com trocos e moedas. A partir daí surgiram dois estilos precursores da capoeira, em destaque Mestre Pastinha e Mestre Bimba, conseqüentemente a Capoeira de Angola, e a Capoeira Regional.

Mestre Pastinha. Viicente Ferreira Pastinha nasceu em 1889, conheceu a arte da capoeira com apenas oito anos de idade, quando um africano que chamava carinhosamente de Tio Benedito, ao ver o menino pequeno e magrelo apanhar de um garoto mais velho resolveu ensinar-lhe a arte da capoeira. Em fevereiro de 1941, fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, no casarão número 19 do Largo do Pelourinho.

Esta foi sua primeira academia-escola de capoeira. Disciplina e organização



eram regras básicas na escola de Pastinha e seus alunos sempre usavam calças pretas e camisas amarelas, cores do Ypiranga Futebol Clube, time do coração de Pastinha.

Mestre Pastinha viajou boa parte do mundo levando a capoeira para representar o Brasil em vários festivais de arte negra. Ele usava todos os seus talentos para valorizar a arte da capoeira. Fazia versos e chegou a escrever um livro, *Capoeira Angola*, publicado em 1964, pela Gráfica Loreto. Pastinha trabalhou muito em prol da capoeira, divulgou a arte o quanto lhe foi possível e foi reconhecido por muitos famosos que se maravilhavam com suas exhibições. Aos 84 anos e muito debilitado fisicamente, deixou a antiga sede da academia para morar num quartinho velho do Pelourinho, com sua segunda esposa, Dona Maria Romélia e a única renda financeira que tinha era a das vendas dos acarajés que sua esposa vendia. No dia 12 de abril de 1981, Pastinha participou do último jogo de sua vida. Ele, que tantas vezes jogou com a vida, acabou derrotado pela doença e pela miséria. Morreu aos 92 anos, cego e paralítico, no abrigo D. Pedro II, em Salvador. Morreu Mestre Pastinha numa sexta-feira, 13 de novembro de 1981, vítima de uma parada cardíaca que, no estado frágil em que se encontrava, foi fatal. Pequeno e notável em sua arte, Pastinha nos deixou seus ensinamentos de vida com muitos discípulos como João Grande, João Pequeno, Curió.

Mestre Bimba -Manoel dos Reis Machado era filho de Luiz Cândido Machado e de Dona Maria Martinha do Bonfim, nasceu dia 23 de novembro de 1900, no bairro do Engenho Velho em Salvador/BA, lado da Freguesia. Seu apelido - BIMBA - resultou de uma aposta da parteira com a sua mãe, pois Dona Martinha acreditava que daria à luz uma menina e a parteira dizia que seria menino. A parteira ganhou a aposta e o pequeno Manoel recebeu o apelido de Bimba, por ser este o nome popular dado ao órgão sexual do homem na Bahia, referindo-se às crianças. Começou na arte da capoeira com menos de 12 anos, tendo por mestre e professor um negro africano chamado Bentinho, que era capitão da Companhia Baiana de Navegação. Em 1932, fundou sua primeira academia-escola de Capoeira Regional no Engenho de Brotas em Salvador. Era o Centro Cultural Físico Regional Baiano. A partir daí, Mestre Bimba começou a ser conhecido e a ficar famoso e ganhou dentre muitos o título "Pai da Capoeira Moderna".Traído por falsas promessas do governo, falta de apoio e dificuldades



financeiras, Mestre Bimba morreu em 15 de fevereiro de 1974, no Hospital das Clínicas de Goiânia, vítima de derrame cerebral. Mestre Bimba foi carvoeiro, doqueiro, trapicheiro, carpinteiro, mas principalmente, capoeirista, MESTRE DE CAPOEIRA e a chama de sua existência estarão sempre acesa no coração e na mente de todos os capoeiristas regionais, recebendo assim o reconhecimento de várias gerações e a consagração de sua genialidade e da sua mais conhecida criação, a CAPOEIRA REGIONAL. Destacam-se alguns mestres formados por Bimba como Suassuna, Camisa, Itapoá, Nenéu(filho), entre outros mais.

E foi com a capoeira regional que a capoeira tomou forma de esporte, foram introduzidos uniformes, mais movimentos de outras artes, seqüências pedagógicas, inclusive foi uma das “manifestações populares que o Presidente Getúlio Vargas em meados de 1935, liberou, oficializando como arte nacional”.



Mestre Bimba com o Presidente Getúlio Vargas

Em nossa região destacam-se os nomes de Mestre Sombra e Mestre Bandeira, precursores em nossa região.

Mestre Sombra



Mestre Bandeira



Data de nascimento : 06/02/1942.Local : Santa Rosa de Lima - Aracaju/Sergipe, Brasil.

Chegou na cidade de Santos(São Paulo/Brasil) em 1962, Recebeu o apelido de Sombra de seus amigos devido sua destreza no "brincar de jogar capoeira", jogar capoeira com ele, era como tentar pegar a própria sombra.Por volta de 1963 conheceu um grupo de capoeiristas. O responsável por tal roda era um senhor de nome Olimpio Bispo dos Santos (in memorian) ou como é por Mestre Sombra identificado, Mestre Bispo. Mestre Sombra foi apresentado a esse grupo por um de seus irmãos e a partir dai passou a fazer parte das rodas que aconteciam todos os domingos, e como consequência (que acredito ter sido uma constante no passado da capoeiragem) adotou como mestre o responsável por tal roda, mestre Bispo. Em 1972, após o falecimento de Mestre Bispo, mestre sombra fundou a Associação de Capoeira Zumbi. Em 1974 registrou-se na federação paulista de capoeira, onde foi informado que existiam muitas escolas de capoeira com o nome de zumbi, e sendo assim Mestre Sombra resolveu trocar o nome de sua escola, para Associação de Capoeira Senzala. Dentro do ponto de vista de Mestre Sombra, *a capoeira é a necessidade de cada um, é a expressão máxima da cultura de um povo.* Mestre Sombra sempre teve como ideologia a propagação de uma capoeira NÃO VIOLENTA, cuja dinâmica de jogo respeite a integridade física dos jogadores, e com isso pudesse ser praticada por todos(as) independente do que quer que seja. - A PRÁTICA DA CAPOEIRA NÃO PODE SER LIMITADA OU LIMITAR. TEM QUE EXPANDIR OS HORIZONTES

(M.Sombra). De sua escola saíram um sem numero de jogadores de capoeira, onde alguns ainda seguem em atividade e outros estão inativos, sendo que alguns destes são muito conhecidos e respeitados pela habilidade no jogar, ou ainda pela forma como direcionam a capoeira. Uns de seus principais discípulos é o **Mestre Parada**, o precursor da Capoeira na universidade, e mudou completamente o conceito da arte em nossa região e **Mestre Valtinho da Senzala** que foi oficialmente o “**Contra-Mestre de Sombra**”, título dado ao discípulo mais aplicado. **Mestre Márcio**, nascido em 15/11/1978 é discípulo de **Mestre Parada** e é reconhecido pelo trabalho com todo segmento da sociedade. Teve contato coma Capoeira em meados de 1991, quando as escolas de Santos iniciaram o **Projeto Capoeira Nas Escolas**, e depois o mesmo teve com **Mestre Fabião** toda a base necessária, em 1995 com o prof. **Távora** criou o “**Projeto Capoeira Escola**”, mais em 1997 ele foi convidado por **Mestre Parada** para integrar a **Ass. Capoeira Movimentos**, e está com ele até os dias de hoje.

Mestre Bandeira, nasceu em 01/04/1957 em Santos. Primeiro contato na capoeira em 1969 com 12 anos foi com o **Mestre Corisco**, até então, nunca ouvi falar. Nunca se ouvia falar e nem se via ninguém fazer nada de capoeira na Baixada Santista. Logo depois que o M. Corisco começou a desenvolver aqui o trabalho, que era só nos fins de semana, começou a ter uma porção de pessoas interessadas. Em 1977 houve a formatura de Mestre para o **Mestre Bandeira**. O nome **Bandeira**, é uma coisa que não veio da capoeira. Eu gostava muito de luta e na época tinha um seriado chamado “**Os bandeiras negras**”

Mestre Bandeira divulgou a capoeira da baixada santista primeiro em São Paulo e logo ganhou o Brasil visitando vários estados atrás de conhecimento.

Juntamente com **Braulino**, **Gladson** e **Vaguinho**, foram os primeiros a fazer contato com a capoeira na Rússia. Desde então **Mestre Bandeira** mantém o trabalho sólido e forte na Rússia até os dias de hoje.

Nomes de Mestres de Importância Fundamental ao Projeto Capoeira Escola:

- “**Mestre Sombra**” Roberto Teles de Oliveira – Ass. De Capoeira Senzala;
- “**Mestre Bandeira**” Luís Santos Barbosa – Ass. De Capoeira Areia Branca;
- “**Mestre Parada**” Fábio Parada – Ass. De Capoeira Movimentos;

- **“Mestre Valtinho”** José Valter Batista Santos- Ass de Capoeira Valtinho da Senzala
- **“Mestre Fabião”** Fábio Fernandes de Moura – Ass de Capoeira Herança Negra
- **“Mestre Cunha”** Marcelo Cunha –Ass. De Capoeira Capitães de Areia
- **“Mestre Gládson”**Gládson de Oliveira Silva – Capoeira Projete Liberdade-SP
- **“Mestre Munhoz”** Vágner Munhoz – Capoeira Artemanha (in memorian)
- **“C. Mestra Sandrinha”**Sandra Maria M. Pinto - Capoeira Escola
- **“Professor Távora”** Marcelo Távora Amado – Capoeira Escola - SC

“A Musicalidade na Capoeira”

Acredita-se que os instrumentos da capoeira, **berimbau gunga, médio e viola, pandeiros, atabaque, agogô e reco-reco** foram introduzidos para disfarçar, deixar transparecer a forma da “capoeira-dança” e esconder a forma de “arte-marcial, luta, defesa e ataque”. Assim como os cânticos que de uma forma ou de outra expressam a necessidade do capoeirista, servem em momentos para recordar a história da arte, ou mesmo do Brasil, e muitas vezes para saudar algo ou alguém, e também como aviso.

Para analisarmos melhor os cânticos da capoeira, vamos compreender seus tipos:

- Ladainhas:

São lamentos ou mensagens expressadas pelo cantador, no caso de uma roda oficial, cantada pelo mais graduado, o Mestre, que inicia esse canto com o grito: “lê”!!!!!!,

Nesse momento a capoeira não é jogada, todos alunos aproveitam para transmitir bons fluídos para os companheiros através do pensamento, se concentrando na melodia imposta pelo Mestre em sua ladainha. Aqui vão alguns exemplos:

1. **“O mundo de Deus é grande”**(D.P.)

lê! O mundo de Deus é grande(bis);

Deus traz numa mão fechada.

O pouco com Deus é muito;

O muito sem Deus é nada.

Noite de escuro não serve;

Para caçar de madrugada.
 Caçador dá muitos tiros;
 De manhã não acha nada.
 Veado correu pulando;
 Um dia corre na trilha.
 Se eu fosse governador;
 Eu manobrava essa Bahia.
 Camaradinha! Viva meu Deus!...

Além das ladainhas, existe um outro canto que é a continuação dela, e também a capoeira não é jogada, denominada:

- **Chula/Saudação;**
 Tem por objetivo saudar alguém e alguma coisa, costuma-se sempre iniciar saudando Deus, independentemente de credo, e finaliza-se indicando o início do jogo.

Ex: “#**lê viva meu Deus!** *lê viva meu Deus câmara!(coro)

lê viva meu Mestre! * lê viva meu Mestre, câmara!

lê quem me ensinou! *lê quem me ensinou, camará!

#**lê, a capoeira!** *lê a capoeira, câmara!

#**lê a malandragem!** *lê a malandragem, câmara!

#**lê vamos embora!***lê vamos embora, câmara”!

- **Corrido/Quadras;**

O corrido é o canto mais utilizado nas rodas de capoeira, pode ser curto ou longo, ou seja com a parte que só o cantador canta bem curta, dividindo a música com a participação de todos em forma de coro, e os longos, com a participação do coro menor. É nesse momento, principalmente que existe o improviso do cantador, e é provado sua sapiência, pois os cânticos executados, tem que demonstrar os acontecimentos da roda, por ex: Cuidados e avisos:

Cuidado moço, que essa fruta tem caroço!(DP)

-“**Cuidado moço, que essa fruta tem caroço! Cuidado moço, que essa fruta tem caroço!**

Você pulava muito, no tempo que era moço, já está ficando velho, veja as rugas em seu rosto!
Cuidado moço, que essa fruta tem caroço! Cuidado moço, que essa fruta tem caroço!*Mais vale a minha amizade, de que dinheiro no meu bolso, pra quem sabe viver, essa vida é um colosso!*
Cuidado moço, que essa fruta tem caroço! Cuidado moço, que essa fruta tem caroço!*Cachorro que é esperto, come a carne e rói o osso, a mulher quando não presta, mata o cabra de desgosto!*
Cuidado moço, que essa fruta tem caroço! Cuidado moço, que essa fruta tem caroço!”

Senhor São Bento(DP)

“Essa cobra lhe morde, **Ô Senhor São Bento**; Ela vai te pegar, **Ô Senhor São Bento**; Cuidado com a cobra, **Ô Senhor São Bento**; Ela é venenosa, **Ô Senhor São Bento**; Ela quer te pegar, **Ô Senhor São Bento**; O buraco da cobra, **Ô Senhor São Bento**;”

Valha-me Deus, Senhor São Bento(DP)

“**Valha-me Deus, Senhor São Bento**, cuidado negro tem cobra dentro; **Valha-me Deus, Senhor São Bento**, cuidado negro, cuidado negro; **Valha-me Deus, Senhor São Bento**”

São Bento me chama(DP)

“**Ai, ai, ai, ai**; São Bento me chama; **Ai, ai, ai, ai**; São Bento me quer; **Ai, ai, ai, ai**; E é jogo pra homem; **Ai, ai, ai, ai**; e também pra mulher; **Ai, ai, ai, ai**; São Bento me chama; **Ai, ai, ai, ai**; São Bento chamou; **Ai, ai, ai, ai**; Na academia de Pastinha; **Ai, ai, ai, ai**; João Pequeno é professor; **Ai, ai, ai, ai**”.

Não bate no menino(DP)

“**Não bate no menino, que o menino logo cresce!** Quem bate não se lembra, e quem apanha nunca esquece! **Não bate no menino, que o menino logo cresce!** Quem bate não se lembra, e quem apanha nunca esquece!”

- Tombos:

A bananeira(DP)

“O facão passou em baixo, **a bananeira caiu!** E o facão era de aço, **a bananeira caiu!** Cai, cai, cai bananeira, **a bananeira caiu!** Cai, cai, cai bananeira, **a bananeira caiu!**”

Jeito do corpo(Lua Negra)

Escorregar, não é cair; **é o jeito que o corpo dá!** Escorregar, não é cair; **é o jeito que o corpo dá!**

- Saudação ao mestre;

O mestre é bom!(DP)

“Ai meu Deus, o que foi que aconteceu? Fui dar uma rasteira no mestre, mas quem caiu fui eu. Ô, o mestre é bom; **bate palma pra ele**; Ô, o mestre é bom; **bate palma pra ele**; É bom, é bom; **bate palma pra ele**; sabe jogar, **bate palma pra ele**; capoeira, **bate palma pra ele**;”

Ao mestre, obrigado!(DP)

“Ao meu mestre, muito obrigado; **Pela capoeira eu poder jogar!** Pelo aú. Pelo s/dobrado; **Pela capoeira eu poder jogar!**”

- Paquera;

Morena(DP)

“Leva morena, me leva, me leva pro seu bangalô, me leva morena me leva, que hoje faz frio, amanhã faz calor. Leva morena, me leva, me leva pro seu bangalô”.

- Fim de roda;

Adeus!(DP)

“Eu vou me embora eu digo adeus: Adeus, Boa viagem, adeus, adeus; **Boa viagem**, eu vou me embora; **Boa viagem**, eu vou com Deus; **Boa viagem**, Nossa Senhora; **Boa viagem**”

- Outros(longos);

Azul Celeste(DP)

“Quando vejo, o azul celeste; O arco íris é o berimbau;

O sol é o pandeiro; E a lua é o salto mortal!

Aprendi a capoeira; Hoje nela eu sou doutor;

Salve o mercado modelo; E a Bahia de São salvador;

E a capoeira! É uma beleza! E a capoeira! É uma beleza!(2X)”

Capoeira me chama(Mestre Bolinha)

“Capoeira me chama; E eu vou atender;

Entro na roda sem medo; Com malícia e segredo;

Pronto pra me defender; E com um pouco de molejo;

Vou de encontro ao berimbau; Quem não sabe agora aprende:

É o arame, a cabaça e um pedaço de pau.

lê a! lê ô! Capoeira me chama,Dá licença meu senhor!

lê a! lê ô! Capoeira me chama,Dá licença meu senhor!

Você dança e se defende; Nessa ginga original;

Que mexe tanto com a gente; Envolvendo até a mente;

Na origem mundial.

lê a! lê ô! Capoeira me chama,Dá licença meu senhor!

Que bom, estar com vocês (Muzenza)

“Que bom, estar com vocês;aqui nessa roda, de felicidade!

Que bom, estar com vocês;aqui nessa roda, de felicidade!

Axé Capoeira! **Capoeira Axé!**

E o vento, que bate tão lindo; Em cima do coqueiral, venha ver, venha ver!

E o vento, que bate tão lindo; Em cima do coqueiral, venha ver, venha ver!

looo, io io io io io, io io io io io Capoeira Axé!

looo, io io io io io, io io io io io Capoeira Axé!

Axé Berimbau! **Berimbau Axé!** Axé ao Pandeiro! **Ao Pandeiro Axé!** Axé Agogô! **Agogô Axé!**

Axé Atabaque! **Atabaque Axé!** Axé Reco-Reco! **Reco-Reco Axé!** Axé Mestre Márcio! **Mestre Márcio Axé!** Axé Mestre Parada! **Mestre Parada Axé!**

Sistema de Graduação Infantil

1- Graduação cinza ou prata;

Movimentos: balanço do mar, ginga de mãos dadas, queda de quatro, espelho, benção, meia-lua de frente, rolamento lateral ou rolê.

Musicalidade: palmas livres, ciranda-cirandinha, marcha-soldado, atirei o pau no gato, paranauê.

História: Folclore, Parlendas

2- Graduação verde-cinza ou verde-prata

Movimentos: balanço do mar, ginga de mãos dadas, ginga, queda de quatro, cocorinha, espelho, chapa de ré, benção, meia-lua de frente, rolê.

Sequência em Dupla: Rolê, ginga, meia-lua de frente x cocorinha, ginga, benção x queda de quatro, ginga, repete o outro lado, livre (50s).

Musicalidade: palmas livres, ciranda-cirandinha, marcha-soldado, atirei o pau no gato, escravos de jó, se essa rua, marinheiro só, paranauê.

História: Folclore, Parlendas, Mestre Márcio.

3- Graduação amarelo-cinza ou amarelo-prata

Movimentos: balanço do mar, ginga, queda de quatro, cocorinha, espelho, chapa de ré, benção, chapa, tesoura de frente, resistência, meia-lua de frente, rolê, aú-compasso.

Sequência em Dupla: Rolê, ginga, meia-lua de frente x cocorinha, ginga, benção x queda de quatro, chapa x resistência, tesoura X aú-compasso, ginga, repete o outro lado, livre (1min).

Musicalidade: palmas livres, ciranda-cirandinha, marcha-soldado, atirei o pau no gato, escravos de jó, se essa rua, marinheiro só, paranauê.

História: Folclore, Parlendas, Grandes Navegações-continentes, Mestre Márcio.

4- Graduação azul-cinza ou azul-prata

Movimentos: balanço do mar, ginga, queda de quatro, cocorinha, espelho, chapa de ré, benção, queixada, chapa, tesoura de frente, resistência, meia-lua de frente, rolê, aú-compasso, aú-chapa, ponte.

Sequência em Dupla: Rolê, ginga, meia-lua de frente x cocorinha, ginga, benção x queda de quatro, chapa x resistência, tesoura X aú-compasso, ponte X queixada, ginga, repete o outro lado, livre.

Musicalidade: palmas livres, ciranda-cirandinha, marcha-soldado, atirei o pau no gato, escravos de jó, se essa rua, peixe-vivo, carangueijo, ligeiro, quebra-gereba, marinheiro só, paranauê.

História: Folclore, Parlandas, Grandes Navegações-continentes, Descobrimento do Brasil, Mestre Parada, Mestre Márcio.

5- **Graduação verde-amarelo-cinza ou verde-amarelo –prata**

Movimentos:, ginga, queda de quatro, cocorinha, espelho, chapa de ré, benção, queixada, armada chapa, tesoura de frente, resistência, meia-lua de frente, rolê, aú-compasso, aú-chapa, aú-coice, ponte.

Sequência em Dupla: Rolê, ginga, meia-lua de frente x cocorinha, ginga, benção x queda de quatro, chapa x resistência, tesoura X aú-compasso, ponte X queixada, queixada-aramada x queixada-armada, ginga, repete o outro lado, livre.

Musicalidade: palmas livres, ciranda-cirandinha, marcha-soldado, atirei o pau no gato, escravos de jó, se essa rua, peixe-vivo, caranguejo, sapo, borboleta, adeus, Canarinho da Alemanha, ligeiro, quebra-gereba, marinheiro só, paranauê.

História: Grandes Navegações-continentes, Descobrimento do Brasil, Índios, Mestre Parada, Mestre Márcio.

6- **Graduação verde-azul-cinza ou verde-azul -prata**

Movimentos: ginga, queda de quatro, cocorinha, espelho, chapa de ré, benção, queixada, armada chapa, martelo de estalo, tesoura de frente, resistência, meia-lua de frente, rolê, aú-compasso, aú-chapa, aú-coice, aú normal, ponte.

Sequência em Dupla: Rolê, ginga, meia-lua de frente x cocorinha, ginga, benção x queda de quatro, chapa x resistência, tesoura X aú-compasso, ponte X queixada, queixada-aramada x queixada-armada, martelo x esquiva livre, ginga, repete o outro lado, livre (1min20s).

Musicalidade: palmas livres, ciranda-cirandinha, marcha-soldado, atirei o pau no gato, escravos de jó, se essa rua, peixe-vivo, caranguejo, sapo, borboleta, sapo cururu, Teresinha de Jesus, lalauê, são bento me chama, adeus, canarinho da Alemanha, ligeiro, quebra-gereba, marinheiro só, paranauê.

História: Grandes Navegações-continentes, Descobrimento do Brasil, Índios, África, Mestre Sombra, Mestre Parada, Mestre Márcio.

7- **Graduação amarelo-azul-cinza ou amarelo –azul-prata**

Movimentos: ginga, queda de quatro, cocorinha, espelho, chapa de ré, benção, queixada, armada chapa, martelo de estalo, tesoura de frente,

resistência, meia-lua de frente, rolê, aú normal, aú-compasso, aú-chapa, aú-coice, aú agulha, ponte, parada de cabeça.

Sequência em Dupla: Aú x Aú,, ginga, meia-lua de frente x cocorinha, ginga, benção x queda de quatro, chapa x resistência, tesoura X aú-compasso, ponte X queixada, queixada-aramada x queixada-armada, martelo x esquiva livre, parada de cabeça x parada de cabeça, ginga, repete o outro lado, livre (1min25s).

Musicalidade: palmas livres, ciranda-cirandinha, marcha-soldado, atirei o pau no gato, escravos de jó, se essa rua, peixe-vivo, caranguejo, sapo, borboleta, , sapo cururu, Teresinha de Jesus, lalauê, são Bento me chama, vim da Bahia, Ao meu Mestre, adeus, Canarinho da Alemanha, Pega esse negro, ligeiro, quebra-gereba, marinheiro só, paranauê.

História: Folclore, Parlendas, Grandes Navegações-continentes, Descobrimento do Brasil, Índios, África, Escravidão, Mestre Sombra, Mestre Parada, Mestre Márcio.

8- Graduação verde- amarelo-azul-cinza ou verde- amarelo –azul-prata

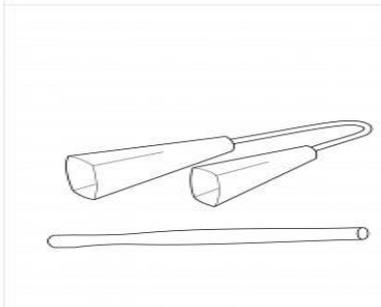
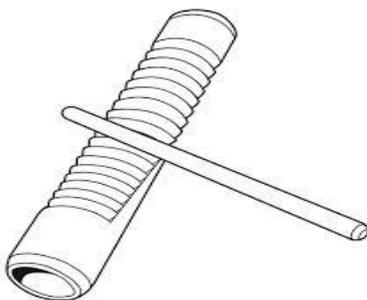
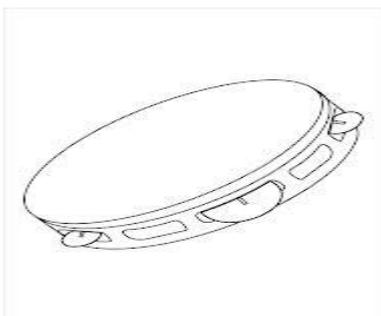
Movimentos: ginga, queda de quatro, cocorinha, espelho, chapa de ré, benção, queixada, armada chapa, martelo de estalo, tesoura de frente, resistência, alavanca, corta-capim, arrastão, meia-lua de frente, rolê, aú normal, aú-compasso, aú-chapa, aú-coice, aú agulha, ponte, parada de cabeça.

Sequência em Dupla: Aú x Aú,, ginga, meia-lua de frente x cocorinha, ginga, benção x queda de quatro, chapa x resistência, tesoura X aú-compasso, ponte X queixada, queixada-aramada x queixada-armada, martelo x esquiva livre, parada de cabeça x parada de cabeça, ginga, repete o outro lado, livre (1min25s).

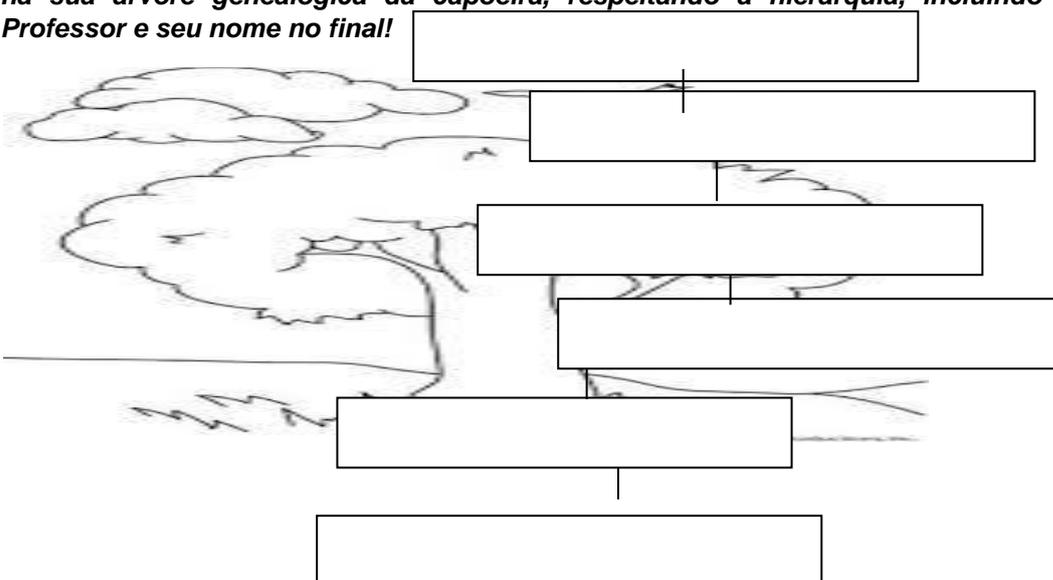
Musicalidade: palmas livres, ciranda-cirandinha, marcha-soldado, atirei o pau no gato, escravos de jó, se essa rua, peixe-vivo, caranguejo, sapo, borboleta, , sapo cururu, Teresinha de Jesus, lalauê, são Bento me chama, vim da Bahia, Ao meu Mestre, adeus, Canarinho da Alemanha, Pega esse negro, ligeiro, quebra-gereba, marinheiro só, paranauê. Prática de ao menos um Instrumento Musical!

História: Folclore, Parlendas, Grandes Navegações-continentes, Descobrimento do Brasil, Índios, África, Escravidão, Quilombos, Mestre Sombra, Mestre Parada, Mestre Márcio-Equipe Capoeira Escola.

Atividades-Vamos colorir? Pinte o atabaque de amarelo, o reco-reco de laranja, o agogô de azul, o pandeiro de vermelho e o berimbau de verde! Os capoeiristas pintem como seu uniforme do Capoeira Escola:



Entendendo o texto sobre a história da Capoeira de Santos, escreva o nome dos Mestres na sua árvore genealógica da capoeira, respeitando a hierarquia, incluindo o seu Professor e seu nome no final!



7.2 Objetivo

Organizar material didático de capoeira como componente curricular nos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Anglo Santos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Camille, *A Arte da Capoeira*, A Biblioteca do Estudante Brasileiro, São Paulo, 2006.

AINSCOW, Mel. *Educação para todos: torná-la uma realidade*. Caminhos para as escolas inclusivas, p. 11-31, 1997.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALMEIDA MATOS, Marcos. *Instabilidade atlantoaxial e hiperfrouxidão ligamentar na síndrome de Down*. Acta Ortopédica Brasileira, v. 13, n. 4, 2005.

ALTMANN, H. Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na educação física. 1998. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALVES, Alexandre. A imprensa na cidade de Santos: 1849-1930. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. ISSN 2176-2767, v. 35, n. 2, 2009.

AMARAL, MÔNICA GUIMARÃES TEIXEIRA, SANTOS, VALDENOR S. DOS. *Um Fenômeno brasileiro chamado capoeira: Retrato da alma de um povo*. ANAIS DO VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS. UFPA – BELÉM – PARÁ, 2014.

ANDRADE, Maria Célia Milagre. *Afetividade e Aprendizagem: Relação professor e aluno*. 2010.

AQUINO, LML de, and VMR de VASCONCELLOS. "Orientação curricular para educação infantil: Referencial Curricular Nacional (RCNEI) & Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNEI). *Educação da Infância: história e política* 2 (2011): 165-187.

AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984.

BARBALHO, João; PORTO, Walter Costa. *Constituição federal brasileira: comentários*. Senado Federal, Secretaria de Documentação e Informação, 1992.

BARATO, Jarbas Novelino. *Competências essenciais e avaliação do ensino universitário*. Brasília: UnB, 1998.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura* (trad. Myriam Ávila e outros). Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 março 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997. I

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/ SEF, 1997. II

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Lei 10639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece que todas as instituições de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares a obrigatoriedade o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 de janeiro de 2003.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10639.htm>. Acesso em: 10 março 2016.

BRANDÃO, Octávio. O proletariado perante a revolução democrático-pequeno-burguesa. In: ZAIDAN F., Michel. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985.

BRAUDEL, Fernand. *O Espaço e a História no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOMNFIM, Genilson César Soares. "A prática da capoeira na educação física e sua contribuição para a aplicação da lei 10.639 no ambiente escolar: a capoeira como meio de inclusão social e da cidadania." *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)* 12 (2010).

BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino na educação física: uma contribuição ao coletivo docente. *Movimento*, v. 8, n. 1, 2002.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

BROTTO, Fábio Otuzi. *Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência*. (1999).

BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Papyrus Editora, 2000.

CAMPOS, Helio José Bastos Carneiro de. *Capoeira Regional: a escola de mestre Bimba*. 2006.

CARVALHO, José Jorge de. *Quilombos: Símbolos da luta pela terra e pela liberdade*. *Cultura Vozes*, v. 5, n. 91, p. 149-60, 1997.

CICA. Confederação Internacional de Capoeira. Dados estatísticos. São Paulo, 2010. www.cica.org.br acessado em 20/04/2006.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da et al. *Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos*. 1999.

COSTA, Neuber Leite. *Capoeira, trabalho e educação*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal da Bahia. 2007.

COTRIM, Gilberto. *História global: Brasil e geral, volume único*. Saraiva, 1999.

CUNHA, Ana Rute Ferreira da. *VARK: Como é que eu aprendo melhor? Uma mudança no processo de ensino-aprendizagem*. 2016.

DA CUNHA, Pedro Figueiredo Alves. Capoeiras e valentões na história de São Paulo (1830-1930). Alameda Casa Editorial, 2015.

DA SILVA, Augusto; GIMENEZ, Thaís e CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. "Dificuldades para a implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de ciências da natureza." *Investigações em Ensino de Ciências* 12.1 (2016): 139-154.

DA SILVEIRA VIEIRA, Francisco Sandro. Descolonização dos saberes africanos: reflexões sobre história e cultura africana no contexto da lei 10.639/03. Ponto-e-Vírgula. Revista de Ciências Sociais. ISSN 1982-4807, n. 11, 2012.

DE AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada: século XIX. Annablume, 2003.

DECANIO FILHO, Angelo A.; DOTTO, Rua Eduardo. A herança de Mestre Bimba. CEP, v. 40801, p. 9700, 1996.

DE CARVALHO, Euzébio Fernandes et al. AS AFRICANIDADES BRASILEIRAS NA SALA DE AULA: um projeto de formação de professores de história contemplado pelo PIBID/CAPES. In: Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE)(ISSN 2447-8687). 2017.

DE OLIVEIRA SILVA, Gladson. *Capoeira: do engenho à universidade*. CEPEUSP, 1995.

DE OLIVEIRA SILVA, Gladson, HEINE, Vinícius. *Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania*. Phorte Editora, 2008.

DE OLIVEIRA, Valdemar. Frevo, capoeira e "passo". Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

DE SOUSA REIS, Leticia Vidor. O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil. Publisher Brasil, 1997.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no Ensino Fundamental: contribuições das pesquisas sobre interdisciplinaridade no Brasil: o reconhecimento de um percurso. Interdisciplinaridade. Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade. ISSN 2179-0094., n. 1, p. 10-23, 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade. GEPI-PUC/SP. Volume 1. 2010. <http://www4.pucsp.br/gepi> acessado em 12/03/2017.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. História da capoeira. Journal of Physical Education, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2008.

FORATO, T.C.M. Isaac Newton, as profecias bíblicas e a existência de Deus. In: SILVA, C.C. (org.) Estudos de História e Filosofia das Ciências: subsídios para aplicação no ensino. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006.

FREIRE, João Batista. *Educação de Corpo Inteiro*. Editora Sprint. São Paulo. 1997.

FREIRE, Paulo. Paulo Freire & educadores de rua: uma abordagem crítica. Projeto Alternativas de Atendimento aos Meninos de Rua, UNICEF/SAS/FUNABEM, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogía del oprimido. Siglo xxi, 2005.

FREYRE, Gilberto. “Casa grande e Senzala”. Ed: Brasília/INL. Rio de Janeiro. 1980.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências*. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994. Publicado originalmente em inglês com o título: *The frames of the mind: the Theory of Multiple Inteligences*, em 1983.

GADOTTI, Moacir e BARCELOS, Eronita Silva. Construindo a escola cidadã no Paraná. Brasília: MEC (Cadernos Educação Básica), 1993.

GADOTTI, Moacir. Pensamento pedagógico brasileiro. Produção de terceiros sobre Paulo Freire; Série Livros, 2004.

GEEVERGHESE, Manoj. O valor educativo da educação. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. 2013.

GLÉNISSEON, Jean; DA COSTA, Emília Viotti. Iniciação aos estudos históricos. Difusão Européia do Livro, 1961.

GOLDMANN, Lucien. Dialética e cultura. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GOULART, Maurício. *Escravidão africana no Brasil (Das origens à extinção do tráfico)*. Vol. 5. Editora Alfa-Ômega, 1975.

IBGE, Instituto Brasileiro Geográfico. *Dados do Censo 2012*. Brasília, 2012

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Imago Editora LTDA. Rio de Janeiro, 1976.

LIMA, Luiz Augusto Normanha. O Contexto Educacional dos Discursos dos Mestres de Capoeira em Academias da Cidade de São Paulo. 1990. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *Ensino de Música Na Escola Fundamental (o)*. Papyrus Editora, 2007.

LÜDKE, Menga et al. O professor, seu saber e sua pesquisa. *Educação & Sociedade*, v. 22, n. 74, p. 77-96, 2001.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. "Especulações acerca das possíveis origens indígenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento do jogo-luta." *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 29.2 (2015): 267-278.

MACAMO, Arestides Joaquim; DE AZEVEDO, Naiade Schardosim. Ensinando Práticas Corporais de Origem Afro-Brasileira e Africana na Educação Física Escolar¹. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 4, n. 1, 2013.

MACHADO, Maria Helena. O Descontínuo na história da cultura colonial e pós-colonial: Acidente ou fatalidade? Revista de História 141, Departamento de História - FFLCH/USP, p 151-159. 1999.

MACHADO, Tatiane Trindade; AMORIM, Simone Silveira. CAPOEIRA UM CONTEÚDO PROGRAMÁTICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 8, n. 1, 2015.

MALAVASI, Abigail et al. A dimensão estética na constituição do trabalho coletivo no interstício da escola constituída. 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *A Integração de pessoas com deficiência*. São Paulo, Memnom. SENAC.1997

MANTOAN, Maria Teresa Eglér et al. Educação escolar de deficientes mentais: problemas para a pesquisa e o desenvolvimento. Cadernos Cedes, v. 46, p. 93-107, 1998.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão Escolar*. O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. p. 13-20 e 27-34.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar. Acesso em: v. 14, 2002.

MARGARIDO, Alfredo. Negritude e humanismo. Edição da Casa dos Estudantes do Império, 1964.

MARINGONI, Gilberto. "O destino dos negros após a abolição." *Desafios do desenvolvimento*. Ano 8 (1927).

MARTIN, Doris; BOECK, Karin. O que é a inteligência emocional. Lisboa: Pergaminho, 1997.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Zahar, 1999.

MELLO, André da Silva. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. 2002.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Entre a mão e os anéis: a lei dos sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil. Vol. 2. Centro de Memória Unicamp, 1999.

MIRANDA FILHO, Vamberto Ferreira; MURICY, Jálícia Lima Santos. Mulheres na história da Capoeira. "PIBID na Capoeira: uma discussão de gênero", Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 2015.

MOREIRA, Lília Maria de Azevedo; EL-HANI, Charbel Niño; GUSMÃO, Fábio Alexandre Ferreira. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. 2000.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Edit. Global/ Ação Educativa, Coleção Viver, Aprender, 2004.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. Entrevistado por Luciane Ribeiro Dias Gonçalves em POLÍTICAS CURRICULARES E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS:

A LEI 10.639/03 E OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.
Revista Educação e Políticas em Debate – v. 2, n. 1
Universidade Federal de Uberlândia – jan./jul. 2013

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012.

OLIVEIRA, Esp. Danila da Cunha Prates; MAURELL, Msc Joice Rejane Pardo; DA COSTA, Msc César Augusto Soares. POTENCIALIZANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA DO CAMPO: A CONTRIBUIÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS. 2015.

ONU - Organização das Nações Unidas. IDH. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2015).

ORZERCHOWSKI, Suzete Terezinha. A indisciplina na escola: possibilidades de enfrentamento. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE UNICENTRO. 2010.

PASTINHA, Vicente Ferreira. Manuscritos e desenhos de Mestre Pastinha. org. by Angelo Decanio Filho, Salvador, 1996.

PESSOA DE CASTRO, Yeda (2001) – Falares africanos na Bahia – Um Vocabulário Afro-Brasileiro. Topbooks Editora.

PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro. Editora Forense. 1980.

PIAGET, Jean. A construção do real na criança. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1974. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões et al. A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937). 1996.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá: três personagens da capoeira baiana. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Tocantins, 2002.

REGO, Waldeloir. Capoeira de Angola. Um estudo etnográfico. Bahia. 1968.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. Mestre Bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos. Artes do corpo, v. 2, p. 189, 2004.

RIBAS, Nilton Martins Jr. Capoeira Santista - da capoeira que aprendi à capoeira que ensino. Editora Simplíssimo. 2015.

RIBEIRO, Darcy. Balanço crítico de uma experiência educacional. Carta, v. 15, p. 17-24, 1995.

RIBEIRO, Mônica Medeiros; TEIXEIRA, Antonio Lúcio. Aprender uma Coreografia: Contribuições das Neurociências para a Dança. Neurociências Brasil, 2008.

RIZZI, Carlos Alberto. "Investigações sobre a construção do fitônimo CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística indígenas." *Tradterm* 19 (2012): 214-247.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Joel Rufino dos. A vida de Zumbi dos Palmares. Brasília: Fundação Cultural Palmares/FAE, 1995.

SANTOS, Maria Januária Vilela. "História do Brasil." *Petrópolis: Vozes* (1995).

SANTOS, Valdenor Silva. A roda de capoeira e seus ecos ancestrais e contemporâneos. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. 2016.

SASSAKI, Romeu Kasumi. Mesa Redonda: Inclusão no trabalho. Anais I Seminário Internacional Sociedade Inclusiva, p. 1-7, 1999

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 40 ed. – Campinas, SP: AUTORES ASSOCIADOS, 2008, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 5.

SAYÃO, D. T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na educação infantil. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 5, p. 1-14, 2001-2002.

SCHAFFNER, C. B. & BUSWELL, B. E. (1999). Dez elementos críticos para a criação de comunidades de ensino inclusivo e eficaz. Em S. Stainback & W. Stainback (Orgs.). *Inclusão: um guia para educadores* (M. F. Lopes, Trad.) (pp. 69-87). Porto Alegre. Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1996)

Thousand, J. & Villa, R. (1991). A futuristic view of the REI: a response to Jenkins, Pious and Jewell. *Exceptional Children*, 57 (1), 556-562.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Charles Boxer (contra Gilberto Freyre): raça e racismo no Império Português ou a erudição histórica contra o regime salazarista. *Estudos Históricos*, v. 26, n. 52, p. 253-253, 2013.

SILVA, Dilma de Melo. *Identidade de Afro-Brasileira: Abordagem do Ensino da Arte*. *Comunicação e Educação*, São Paulo, (10): 44 a 49, set/dez. 1997.

SOARES, Carmen Lucía. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, n. supl. 2, p. 6-12, 2017.

STÉDILE, João Pedro, and Wanderley Loconte. *A questão agrária no Brasil*. Atual Editora, 1997.

TAYLOR, Gerard. *Capoeira*. Blue Snake Books, 2007.

TEIXEIRA, Francisco Fonseca; OSBORNE, Renata, e DA SILVA SOUZA, Eliane Glória Reis "A PRÁTICA DO ENSINO DA CAPOEIRA NAS ESCOLAS: PERFIL E VISÃO DO CAPOEIRISTA." *Corpus et Scientia* 8.2 (2012): 1-15.

TORRES, M.; MOUTA, Catarina; MENESES, A. Profissão, profissionalidade e profissionalização dos educadores de infância. Cadernos de Educação de Infância, p. 1-14, 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes. *Metodologia científica do treinamento desportivo*. 3 ed. São Paulo: Ibrasa, 1984.

UFAM, BIUS. BOLETIM INFORMATIVO UNIMOTRISAÚDE EM SOCIOGERONTOLOGIA 1999–9/10. BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaude em Sociogerontologia, v. 2, n. 2, 2011.

UNESCO, 9.^a Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial. Paris. 2014

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos, dos séculos XVII a XIX*. Editora Corrupio, 1987.

VERGER, Pierre. Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África. Edusp, 1999.

VERKHOSHANSKY, Yuri V. "Quickness and velocity in sports movements." *New Studies in Athletics* 11 (1996): 29-38.

VIEIRA, Luiz Renato e ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig. Mitos controvérsias e fatos: Construindo a história da capoeira. Estudos afro-asiáticos n. 34; p.81-121; 1998.

VIEIRA, Luis Renato. O jogo da capoeira. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

VYGOTSKY, L. Pensamiento y lenguaje. Buenos Aires: La PIËyade, 1986.

WA MUKUNA, Kazadi. O contato musical transatlântico: contribuição bantu na música popular brasileira. *África*, n. 1, p. 97-101, 1978.

YUS, Rafael. *Temas transversais: em busca de uma nova escola*. Artmed Editora, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A INSTITUIÇÃO (TCLE)

Eu, _____, R.G.

_____, após ter lido e entendido as informações referentes a este estudo intitulado A PRÁTICA DA CAPOEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR, desenvolvido por Márcio Rodrigues dos Santos, orientado pelo Prof. Dr. Alberto Luiz Schneider, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE participar do mesmo, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que tem por objetivos investigar a capoeira como ferramenta que contribui como agente interdisciplinar nos anos iniciais do ensino fundamental.

.

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

O anonimato de todas as pessoas que participarão da pesquisa será preservado, assim como as menções às pessoas ou à instituição durante as entrevistas/questionários.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Em caso de dúvida, devo procurar o Comitê de Ética e Pesquisa da Unimes (Rua da Constituição, nº 374, Vila Nova, Santos – SP – CEP: 11015-470 – fone: (13) 3226.3400 – ramal: 3477 – e-mail: xandu@unimes.br).

Santos, ____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante:

_____.

Nome: _____.

R.G. nº _____

Assinatura do professor orientador:

Nome: Alberto Luiz Schineider

RG n.º _____

Assinatura do pesquisador:

Nome: Márcio Rodrigues dos Santos

RG: 24957126-2

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

Nome:.....

Função que exerce dentro da unidade escolar:

Corpo Docente () Coordenação () Pai/Mãe/Responsável por aluno(a):

Documento de Identidade Nº:

Sexo: () M () F

Data de Nascimento:/...../.....

Endereço: Nº:

.....

Complemento.....

Bairro:.....Cidade:.....

CEP:.....Telefone:.....

II – DADOS SOBRE A PESQUISA

Título do Protocolo de Pesquisa: "A PRÁTICA DA CAPOEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR"

Pesquisador: MÁRCIO RODRIGUES DOS SANTOS

Documento de Identidade Nº 24957126-2 Sexo: Masculino

Cargo/Função: Docente nos Anos Iniciais do Componente Curricular Arte e Cultura Afro-Brasileira da Escola Anglo-Santos.

III – REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO SUJEITO DA PESQUISA

SOBRE A PESQUISA, CONSIGNANDO:

Esta pesquisa tem por objetivo: Investigar a capoeira como ferramenta interdisciplinar nos anos iniciais do ensino fundamental

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA

1. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas:

- Pesquisador: Márcio Rodrigues dos Santos

Rua João Ramalho, 184, casa 39 – Centro, São Vicente-SP

Telefone: (13) 30431695/974065709 – e-mail: capoeiraescola@hotmail.com

- Comitê de Ética da Universidade Metropolitana de Santos

Rua da Constituição, nº 374, Vila Nova, Santos – SP – CEP: 11015-470 – fone: (13) 3226.3400 – ramal: 3477 – e-mail: xandu@unimes.br

2. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência;

3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

V– CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

Santos, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Identidade:

Endereço:

Tel.:

Assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome legível)

APÊNDICE C

Caros colegas, segue pesquisa relacionada ao componente curricular Arte e Cultura, ministrado pelo Prof. Mestre Márcio, o qual tem como sua dissertação de mestrado a “Interdisciplinaridade da Capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental”. Solicitamos que respondam com sinceridade e devolvem o mais rápido possível. Agradecemos a atenção dispensada.

QUESTIONÁRIO – “A capoeira como ferramenta interdisciplinar dos anos iniciais do ensino fundamental”

MÁRCIO RODRIGUES DOS SANTOS – UNIMES

1-) Antes da Escola Anglo-Santos iniciar a prática do componente “Arte e Cultura”, qual era sua principal imagem a respeito da “capoeira” ?

- a) Que a capoeira era uma luta;
- b) Que a capoeira era uma modalidade esportiva apenas para pessoas que possuíam aptidão física;
- c) Que tinha o envolvimento com religiões de matriz-afro-brasileira;
- d) Que a capoeira era uma dança de origem africana;
- e) Que possui vários processos pedagógicos.

2-) Durante o acompanhamento das aulas do componente “Arte e Cultura”, como ficou seu julgamento em relação à Capoeira?

- a) Continuou marginalizada;
- b) Desenvolve apenas a parte física dos seus praticantes;
- c) É interdisciplinar, reforça o aprendizado da contextualização histórica e outros benefícios psicomotores;
- d) É focada apenas para defesa pessoal;
- e) É uma mescla de dança e esporte.

3-) Nas aulas de “Arte e Cultura”, é possível observar em relação ao conteúdo apresentado:

- a) Aulas específicas práticas da capoeira;
- b) Aulas que reforçam somente a formação corporal;
- c) Aulas que indicam que a capoeira deve ser apenas praticada por pessoas com aptidão física;
- d) Aulas que vão ao encontro da filosofia e sistema de ensino da escola, com aplicativos de esquema corporal, contextualização histórica e musicalidade;
- e) Aulas que aplicam a importância da arte marcial, como ferramenta para a defesa pessoal, e desenvolvimento corporal.

4-) O professor do componente “Arte e Cultura”, em relação à sua abordagem com os alunos, cobra:

- a) Todos seus alunos devem seguir como discípulos da capoeira;
- b) Pratica quem quiser, caso alguém não tiver interesse, o professor não se importa;
- c) O professor apenas apresenta seu conteúdo programático e avalia os alunos;
- d) Disciplina rigorosa e muitas vezes autoritária para a melhor compreensão dos conceitos apresentados;
- e) Participação, mas de uma maneira estimulante, demonstrando conexões dos conceitos com outros componentes e benefícios vitais.

5-) Durante suas aulas houve alguma demonstração de conceitos e conteúdos, por ventura, já assimilados pelos alunos, ou já esboçados, no componente “Arte e Cultura”?

- a) Nunca;
- b) Poucas vezes;
- c) Algumas vezes;
- d) Quase sempre;
- e) Sempre.

6-) Especificamente em História e Geografia/Ciências Sociais, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

- a) Poucos conceitos e conteúdos foram compreendidos desta forma;
- b) Muitos conceitos e conteúdos facilitaram o aprendizado;
- c) Nenhum conceito ou conteúdo facilitou o aprendizado;
- d) Os conceitos e conteúdos do componente efetivamente fortaleceram o aprendizado;
- e) Outras respostas_____.

7-) Especificamente em Artes, alguns conceitos e conteúdos tiveram maior facilidade de absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

- a) Poucos conceitos e conteúdos foram compreendidos desta forma;
- b) Muitos conceitos e conteúdos facilitaram o aprendizado;
- c) Nenhum conceito ou conteúdo facilitou o aprendizado;
- d) Os conceitos e conteúdos do componente efetivamente fortaleceram o aprendizado;
- e) Outras respostas_____.

8-) Na Educação Física, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

- a) Poucos conceitos e conteúdos foram compreendidos desta forma;
- b) Muitos conceitos e conteúdos facilitaram o aprendizado;
- c) Nenhum conceito ou conteúdo facilitou o aprendizado;
- d) Os conceitos e conteúdos do componente efetivamente fortaleceram o aprendizado;
- e) Outras respostas_____.

APÊNDICE D

Senhores pais, segue pesquisa relacionada ao componente curricular Arte e Cultura, ministrado pelo Prof. Mestre Márcio, o qual tem como sua dissertação de mestrado a “Interdisciplinaridade da Capoeira nos anos iniciais do ensino fundamental”. Solicitamos que respondam com sinceridade e devolvem o mais rápido possível, não é necessário se identificar.

Agradecemos a atenção dispensada.

QUESTIONÁRIO: “A capoeira como ferramenta interdisciplinar nos anos iniciais do Ensino Fundamental”

Márcio Rodrigues dos Santos – UNIMES

1-) Em sua época na escola, quais atividades físicas eram mais frequentes?

- a) Queimada para as meninas e futebol para os meninos;
- b) Ballet para as meninas e judô para os meninos;
- c) Ginástica militar;
- d) Vôlei, Basquetebol, handebol e Futebol;
- e) Outros:_____.

2-) Antes de conhecer o componente curricular “Arte e Cultura”, qual era sua imagem da Capoeira?

- a) Luta folclórica dos negros e escravos;
- b) Manifestação de religiosidade de matriz africana;
- c) Defesa pessoal, ou seja, arte marcial;
- d) Atividade física com elementos psicomotores educacionais;
- e) Outra:_____.

3-) Após conhecer o professor responsável do componente curricular “Arte e Cultura”, em seus objetivos, qual sua visão da Capoeira?

- a) Lutas dos negros escravos folclóricas;
- b) Manifestação de religiosidade de matriz africana;
- c) Defesa pessoal, arte marcial;
- d) Atividade física com elementos psicomotores educacionais;
- e) Outra:_____.

4-) Quais conceitos ou conteúdos ficaram mais evidenciados no desenvolvimento do componente curricular de seus filhos?

- a) A musicalidade da capoeira;
- b) A contextualização histórica;
- c) O desenvolvimento dos movimentos corporais da capoeira;
- d) O resgate de valores humanos;
- e) Outros:_____.

5-) O que o emprego da capoeira em sala de aula representa para você?

- a) Acredito que a capoeira tem relação direta com a religião dos africanos e isso fere minha fé, pois sou cristão (evangélico ou católico) e acredito que apenas a Bíblia traz ensinamentos válidos;
- b) Não vejo maiores benefícios em uma arte marcial criada por negros escravizados na época do Brasil Colonial;
- c) Preferia outra arte marcial, de origem oriental, por entender que há mais disciplina do que na capoeira;
- d) Sou religioso (evangélico, católico, espírita, judeu, etc.), mas acredito que a cultura afro-brasileira tem elementos ricos e úteis, como na capoeira;
- e) Outra:_____.

6-) Especificamente em História e Geografia/Ciências Sociais, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

- a) Poucos conceitos e conteúdos foram compreendidos desta forma;
- b) Muitos conceitos e conteúdos facilitaram o aprendizado;
- c) Nenhum conceito ou conteúdo facilitou aprendizado;
- d) Os conceitos e conteúdos do componente efetivamente fortaleceram o aprendizado;
- e) Outras respostas:_____.

7-) Especificamente em Artes, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

- a) Poucos conceitos e conteúdos foram compreendidos desta forma;
- b) Muitos conceitos e conteúdos facilitaram o aprendizado;
- c) Nenhum conceito ou conteúdo facilitou aprendizado;
- d) Os conceitos e conteúdos do componente efetivamente fortaleceram o aprendizado;
- e) Outras respostas:_____.

8-) Na Educação Física, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

- a) Poucos conceitos e conteúdos foram compreendidos desta forma;
- b) Muitos conceitos e conteúdos facilitaram o aprendizado;
- c) Nenhum conceito ou conteúdo facilitou aprendizado;
- d) Os conceitos e conteúdos do componente efetivamente fortaleceram o aprendizado;
- e) Outras respostas:_____.

9-) Na Matemática, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

- f) Poucos conceitos e conteúdos foram compreendidos desta forma;
- g) Muitos conceitos e conteúdos facilitaram o aprendizado;
- h) Nenhum conceito ou conteúdo facilitou aprendizado;
- i) Os conceitos e conteúdos do componente efetivamente fortaleceram o aprendizado;
- j) Outras respostas:_____.

10-) Na Língua Portuguesa, alguns conceitos e conteúdos foram facilitados pela absorção devido ao diálogo entre “Arte e Cultura” e a estes outros componentes?

- a) Poucos conceitos e conteúdos foram compreendidos desta forma;
- b) Muitos conceitos e conteúdos facilitaram o aprendizado;
- c) Nenhum conceito ou conteúdo facilitou aprendizado;
- d) Os conceitos e conteúdos do componente efetivamente fortaleceram o aprendizado;
- e) Outras respostas:_____.

ANEXOS

ANEXO A



PLANEJAMENTO ARTE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

4.º ano – Conteúdo Programático

1. INTRODUÇÃO AO COMPONENTE CURRICULAR, OBJETIVO, CONTEÚDO PROGRAMÁTICO + APRESENTAÇÃO DO BERIMBAU E ATIV. RÍTMICA (02 a 04/02)
2. Desenho dos instrumentos musicais e atividade cooperativa sonora, com movimentos da capoeira (16 a 18/02)
3. Desenvolvimento da Inteligência Musical, músicas (23 a 25/02)
4. Criação de Versos - composição de melodia - (01 a 03/03)
5. Tipos de manifestações culturais populares (08 a 10/03)
6. Apresentações de Manifestações populares. (15 a 17/03)
- ENVIAR NOTA DE PARTICIPAÇÃO
7. Finalização do projeto de versos (22 e 23/03)
8. História das Mulheres Negras (29 a 31/03)
9. História das Mulheres Negras (05 a 07/04)
10. Confecções de letras e coreografias (12 a 14/04)
11. Movimentos de ataque (chapa, chapa cruzada, chapa pulada, chapa de ré, chapa giratória) (19 e 20/04)
12. Movimentos de Ataque (Parafuso) e outros com atividade lúdica (26 a 28/04)
13. História de Mestre Parada (Data show) (03 a 05/05)
14. Palestra e aula Mestre Parada (10 a 12/05)
15. Maracatu (pesquisa) (17 a 19/05)
- ENVIAR NOTA DE PARTICIPAÇÃO
16. Maracatu (prática Mestre Felipe -Maracatu Quiloa) (24 e 25/05)
17. Quadras-teoria (Data show) (31/05 a 02/06)
18. Construção Quadras (07 a 09/06)
19. Apresentação Quadras (14 a 16/06)
20. Capoeira e crianças em estado de vulnerabilidade social GALP (21 a 23/06)
21. Crianças do GALP no Anglo – Cooperação (28 a 30/06)



PLANEJAMENTO ARTE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

5.º ano – Conteúdo Programático

1. INTRODUÇÃO AO COMPONENTE CURRICULAR, OBJETIVO, CONTEÚDO PROGRAMÁTICO + APRESENTAÇÃO DO BERIMBAU E ATIV. RÍTMICA (02 a 04/02)
2. Aula prática com agogô(16 a 18/02)
3. Movimentos Acrobáticos “Parada de Cabeça, queda de rim”(23 a 25/02)
4. Movimentos Acrobáticos “Macaco, Bico de papagaio, rasteira baiana”(29 a 31/03)
5. Confecção de agogôs (01 a 03/03)
6. Movimentos Acrobáticos “Aú normal e seus educativos” (08 à 10/03)
7. Movimentos Acrobáticos “Aú com braço só, chapa, coice” (15 a 17/03)
 - ENVIAR NOTA DE PARTICIPAÇÃO
8. Movimentos Acrobáticos “Bananeira, aús anteriores e aú agulha” (22 e 23/03)
9. Movimentos Acrobáticos “Saltos, aú agulha, aú espinha”(29 a 31/03)
10. Confecção de reco-reco (12 a 14/04)
11. Aula prática de reco-reco(19 e 20/04)
12. Puxada de Rede (data show) (26 a 28/04)
13. Puxada de Rede (prática) (03 a 05/05)
14. Puxada de Rede (prática) (10 a 12/05)
15. Roda de Capoeira (Data show) (17 a 19/05)
 - ENVIAR NOTA DE PARTICIPAÇÃO
16. Roda de Capoeira Prática (24 e 25/05)
17. Roda de Capoeira Prática (31/05 a 02/06)
18. Capoeira e Inclusão (07 a 09/06)
19. Capoeira e Inclusão Prática com alunos da Escola de Educação Especial Seara de Jesus (14 a 16/06)
20. História do Mestre Márcio – data show (21 a 23/06)
21. Gincana Cultural (28 a 30/06)



PLANEJAMENTO ARTE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

2.º ano – Conteúdo Programático

1. ORIGEM DOS ESCRAVOS + ESCRAVOS DE JÓ (02 a 04/08)
2. INTRODUÇÃO AO Trabalho Escravo no Brasil (09 a 11/08) – DATA SHOW
3. Quilombo – teatro interativo (16 a 18/08)
4. História das Lendas Africanas Capoeira - Data show (23 a 25/08)
5. Prática de Ritmo com a Ginga da Capoeira (30/08 a 06/09)
6. Introdução ao atabaque (13 a 15/09)
ENVIAR NOTA DE PARTICIPAÇÃO
7. Confecção de atabaque reciclável (20 a 22/09)
8. Confecção de atabaque reciclável (27 a 29/09)
9. Prática de atabaque (04 a 06/10)
10. Prática de atabaque (11 a 13/10)
11. Chula saudação (18 a 20/10)
12. Confecção de chulas saudações (25 a 27/10)
13. Samba de roda (01 a 03/11)
14. Mestre Pastinha (08 a 17/11)
ENVIAR NOTA DE PARTICIPAÇÃO
15. Mestre Bimba (22 a 24/11)
16. Gincana Cultural (29 e 30/11)



PLANEJAMENTO ARTE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

3.º ano – Conteúdo Programático

1. História da Abolição, leis – lúdico (02 a 04/08)
2. Republica, lei, introdução dos instrumentos (09 a 11/08) –DATA SHOW
3. Maltas do Rio de Janeiro – teoria – data show (16 a 18/08)
4. Maltas na prática – lúdico (23 a 25/08)
5. Fabricação de pandeiro reciclável (30/08 a 06/09)
6. Fabricação de Pandeiro Reciclável (13 a 15/09)
 - ENVIAR NOTA DE PARTICIPAÇÃO
7. Prática de Pandeiro (20 a 22/09)
8. Prática de Pandeiro (27 a 29/09)
9. História da Capoeira de Santos – data show (04 a 06/10)
10. História do Mestre Sombra - palestra
11. Aula inclusiva com idosos
12. Introdução aos cantos corridos (25 a 27/10)
13. Cantos corridos (01 a 03/11)
14. Construção de cantos corridos (08 a 17/11)
 - ENVIAR NOTA DE PARTICIPAÇÃO
15. Construção e apresentação de cantos Corridos (22 a 24/11)
16. Gincana cultural (29 e 30/11)

ANEXO B



PLANOS DE AULA Arte e Cultura Afro-Brasileira 2.º ANO

AULA 1 – “Origem da Cultura Brasileira”

Apresentação Pessoal;
 Dinâmica dos Nomes;
 Apresentação em lousa sobre o conceito “Cultura Brasileira” (Índios + Portugueses + Africanos);
 Dinâmica do Desenho reproduzido da lousa ao caderno;
 Recursos Materiais: Lousa, Canetão, Caderno de Desenho e Lápis de Cor.

AULA 2 – “Reconhecendo nosso Corpo”

Dinâmica de Esquema Corporal “Quero ver Quem Pega”?
 Conversa sobre o Corpo Humano;
 Alongamento Lúdico;
 Corrida com obstáculos;
 Recursos Materiais: Bolas de plástico, beriba, som, cd samba de roda.

AULA 3 – “O ritmo de nossa cultura”

Apresentação dos instrumentos musicais;
 Dinâmica de movimentos em cada toque de instrumento diferente;
 “Tapete Mágico”-sentar ao parar os instrumentos;
 Relaxamento – com canção indígena;
 Recursos Materiais: berimbau, pandeiro, atabaque, bongô, agogô, reco-reco, xequerê, caxixi, tamborim, apito.

AULA 4 – “ÍNDIOS, viva nossos ancestrais”

Pintura Índio;
 Shayokê;
 “Índio sai da Oca”
 Conversa sobre meio ambiente, desmatamento e população indígena;
 Recursos Materiais: tinta, pano úmido, quatro cadeiras.

AULA 5 – “Vieram, além-mar, encontraram os índios”

Conversa sobre Mercantilismo/Grandes Navegações, cana-de-açúcar, engenhos;
 Costumes Indígenas;
 Uma Lenda Indígena;

Principais palavras dos dialetos indígenas incorporadas na cultura brasileira;

Recursos Materiais: pipoca, abacaxi, data show.

AULA 6 – “O corpo, o ritmo, a luz e a sombra”

Alongamento Lúdico;

Corrida com sinalização sonora;

Caminhada diferente no ritmo executado;

Duplas em Luz e Sombra;

Recursos Materiais: Atabaque.

AULA 7 – “Das Cantigas Infantis às Inteligências”

Desenho sobre as cantigas (ciranda, marcha soldado, caranguejo, peixe vivo, sapo, borboletinha, indiozinho);

Escravos de Jó com os desenhos;

Expressão Corporal em Grupos;

Recursos Materiais: Cadernos de desenho, lápis de cor, pandeiro.

AULA 8 – “O corpo, a precisão e resistência indígena”

Alongamento Lúdico;

Brincadeira de Alvo, Arco e Flecha, Pescaria;

Dinâmica cooperativa: Shayokê;

Recursos Materiais: Pano Tnt, Bolas de Tênis, Peixes, Bacias de Água, Varinhas, Arcos e flechas recicláveis, som e músicas indígenas.

AULA 9 – “Escravo”

História da escravidão no universo;

Antigas civilizações;

Discussões: Questões para debate sobre igualdade e liberdade;

Brincadeira de Pega-Pega Escravo;

Recursos Materiais: Data show.

AULA 10 – “O corpo, seu legado, suas necessidades”

Alongamento Lúdico;

Pega-Pega Escravo/Senzala;

Circuito Físico de situações de trabalho escravo;

Escravo foge do Sr.;

Recursos materiais: som com capoeira, caixas de papelão, bastões, colheres de pau.

AULA 11 – “É na palma da mão”

Alongamento específico para as mãos;

Brincadeira de conto Indígena ou escravo com a palavra “específica”, bate palmas;

Acompanhamento das palmas no pandeiro;

Cantar e bater palmas;

“Quero ver quem pega”? “Quero ver quem faz”?;

Recursos materiais: Pandeiro grande, conto indígena.

AULA 12 – “África”

Geografia Africana;
História da Escravidão Africana;
Chegada dos Negros no Brasil;
Trabalho Escravo no Brasil;
Desenho sobre a Escravidão no Caderno de Desenhos;
Recursos Materiais: Data show, Caderno de Desenhos e lápis de cor.

AULA 13 – “Ginga”

História da Princesa Nzinga;
Atividade de Espelho;
Balanço do Mar-Puxada de Rede em um grupo só;
Ginga em duplas;
Futebol em duplas - gol caixote;
Recursos materiais: cones, bolas de borracha, rede/corda, atabaque, som, cd de capoeira.

AULA 14 – “No sacolejo do navio que cheguei aqui”

Alongamento Lúdico;
Letras impressas “Mestre Liminha”;
Interpretação corporal de cada trecho desta obra;
Volta a Calma - Navio Negreiro;
Recursos Materiais: bastões, cordas, impressões, atabaque.

AULA 15 – “Ginga, ginga menino”

Alongamento Lúdico;
Duplas de ginga, educativo com pé em cima do outro;
Educativo de mãos dadas;
Troca de duplas;
Gingar e contar tabuada;
Gingar e falar capitais;
Gingar e falar palavras em inglês;
Gingar e falar palavras em espanhol;
Recursos Materiais: Som, cd de capoeira.

AULA 16 – “PANDEIRO”

Alongamento específico nas mãos;
Educativo de pandeiros;
Técnicas de toques;
“Quero ver quem pega”/“Quero ver quem faz”?
Recursos Materiais: pandeiros pequenos e grandes.

AULA 17 – “É a Capoeira”

Apresentação de alunos do Curso Extra;
Duplas e ensinamentos de movimentos básicos;
Roda cooperativa;
Recursos Materiais: Som, cd ou pen drive com músicas de capoeira.

ANEXO C

ATIVIDADES GERADAS PELA VISIBILIDADE DO PROJETO

“Ações afirmativas através da Capoeira” apresenta:

CAPOEIRA NA ESCOLA

PALESTRA com o **Prof. Esp. Márcio Rodrigues dos Santos** - Pós Graduado em Treinamento Desportivo e Individualizado (UNIMES) e Contra-Mestre de Capoeira.

Dia 22 de Abril, às 19 horas. Auditório do CEDU/UFAL

OFICINA: Prática de Capoeira para pessoas com necessidades especiais. (p/ capoeiristas)

Dia 23 de Abril, às 19 horas. Espaço Cultural/Praça Sinimbú



Informações: 8878-2656

APOIO:

Ministério da Cultura



Laboratório da Cidade e do Contemporâneo
LACC/CSUFAL

Figura 48: Encarte Oficina de Capoeira em Abril/ Maceió–Federação de Alagoas



Figura 49: Fotografia da entrevista com Mestre Marcio no Jornal da Tribuna TV Tribuna/Globo sobre Capoeira e sua Interdisciplinaridade durante o Festival de Capoeira de Santos - Agosto de 2016.



Figura 50: Encarte do Congresso Brasileiro de Capoeira Educação CEPEUSP 2017 – Oficina de Mestre Márcio “A interdisciplinaridade no ambiente escolar por meio da Capoeira”.